

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
PUC-SP

Alexandre Augusto Siles

Reflexão sobre os méritos de Maria em vista de sua maternidade
divina

Mestrado em Teologia

São Paulo
2018

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
PUC-SP

Alexandre Augusto Siles

Reflexão sobre os méritos de Maria em vista de sua maternidade
divina

Mestrado em Teologia

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de MESTRE em Teologia, área de concentração Teologia cristã, sob a orientação do Prof. Dr. Pedro Kuniharu Iwashita.

São Paulo
2018

Banca Examinadora

DEDICATÓRIA

Dedico esta pesquisa acadêmica, que foi produzida com grande esforço pessoal, regada de muita oração e sob os auspícios de Nossa Senhora, a todos os meus familiares, sem os quais eu não teria obtido bons exemplos e esmerada educação, a fim de prosseguir com empenho para crescer como cidadão de bem, nos vários âmbitos da vida humana, sobretudo, social e religioso.

MENÇÃO SOBRE A BOLSA ADVENIAT

Como é bom poder contar com as instituições educacionais, especialmente aquelas que visam o investimento do alunado, e querem que todos os alunos desenvolvam bem suas aptidões intelectuais, e nunca parem de estudar e fazerem suas pesquisas concernentes às suas escolhas. Quero deixar minhas singelas palavras de gratidão referente ao apoio da FUNDASP, que oferece meios para que o aluno possa continuar a desenvolver as pesquisas acadêmicas. Minha gratidão, igualmente, aos recursos concedidos pela BOLSA ADVENIAT, que me proporcionou grandes possibilidades de maiores investimentos em leituras acadêmicas, especialmente com os descontos em várias semestralidades do curso em questão.

AGRADECIMENTOS

Em especial agradeço a Deus Uno e Trino e sua Mãe Santíssima. A São José, esposo de Maria. A meu pai José Geraldo Siles (*in memoriam*), e a minha mãe, Maria Aparecida de Jesus Ferreira Siles, os quais, incansavelmente ensinaram com bons testemunhos e educaram de forma magistral, todos os seus doze filhos. A Dom Ercílio, bispo emérito na Diocese de Osasco, o qual ordenou-me como sacerdote. A Dom João Bosco Barbosa de Souza, atual bispo na Diocese de Osasco, que, juntamente com o Conselho de Presbíteros desta diocese, consentiram e colaboraram com os meus objetivos acadêmicos. Aos meus irmãos e amigos de presbitério, que servem na Diocese de Osasco, o qual tem como nova família, especialmente a partir da ordenação sacerdotal. Ao seminário São José, na Diocese de Osasco, o qual, obtive a oportunidade de ingressar, estudar e refletir sobre a vocação e vida sacerdotal. A Paróquia São José, Eposo de Maria, onde atualmente sou pároco, na cidade de Mairinque/SP, e também a todos os seus paroquianos, sem os quais, não teria a mínima condição de regressar aos estudos acadêmicos. A atual faculdade PUC-SP, Campus Ipiranga, que contribuiu da forma que pode para o meu crescimento acadêmico, e que generosamente me ajudou constantemente com a Bolsa Adveniat. Ao meu orientador de Mestrado Pe. Dr. Pedro Kuniharu Iwashita, que sempre se demonstrou solícito a orientar e corrigir em minhas necessidades acadêmicas. Ao Pe. Dr. Gilvan Leite de Araújo, o qual se dispôs prontamente como mediador entre os meus objetivos acadêmicos e a PUC-SP. Ao coordenador do curso de Mestrado Prof. Dr. Matthias Grenzer, que sempre se dedicou sem medir esforços, para auxiliar a todos os alunos.

RESUMO

Esta dissertação traz a proposta de destacar os méritos da Virgem Maria na vida do Povo de Deus e da Igreja, a partir de sua maternidade divina. No entanto, é fato, que houve um caminho a ser percorrido para que Maria pudesse receber o título de Mãe de Deus¹ e intercessora², sobretudo, a partir do evento nascente da Igreja, no Monte Calvário, onde do alto da Cruz, Jesus a entrega como Mãe do discípulo fiel (Jo 19,26). Assim, acentuando a cristologia na vida de Maria e com um olhar dentro de uma perspectiva mariana, proponho pequena reflexão sobre os benefícios que a Mãe de Jesus recebeu devido aos méritos de sua maternidade divina (LG 53). Com efeito, Maria também possui lugar especial na vida e no coração dos mais pequeninos, pois conforme o Evangelho lucano, a chamarão por todas as gerações de bem-aventurada (Lc 1,48). Assim, falar dos méritos e a intercessão mariana é um imenso prazer, pois Jesus estará sempre ao centro de toda temática, e ao mesmo tempo elencar traços marianos na história de Jesus de Nazaré é um grande desafio eclesial e pastoral, sendo que não deve haver falhas de comunicação, pois é de Jesus que provém toda salvação e é de Maria que nasce o Salvador.

Palavras - chave: Jesus, Maria, méritos, intercessão, povo.

¹ LACOSTE, J.Y. Dicionário Crítico de Teologia. Verbetes Concílio. São Paulo: Editoras Loyola e Paulinas, 2004, p. 411 (Wolfgang Beinert).

² COMPÊNDIO DO VATICANO II. Constituições e Decretos. Introdução e índice analítico: Frei Boaventura Kloppenburg O.F.M; Coordenação geral: Frei Frederico Vier O.F.M. Constituição dogmática *Lumen Gentium*, sobre a Igreja, 62. Petrópolis: Editora Vozes, 2000.

ABSTRACT

This dissertation proposes to highlight the merits of the Virgin Mary in the life of the People of God and of the Church, from her divine motherhood. However, it is a fact that there was a way to be followed so that Mary could receive the title of Mother of God and intercessor, above all, from the birth of the Church on Mount Calvary, where on the cross, Jesus gives her as Mother of the faithful disciple (John 19:26). Thus, emphasizing Christology in the life of Mary and with a look from a Marian perspective, I propose a small reflection on the benefits that the Mother of Jesus received because of the merits of her divine motherhood (LG 53). In fact, Mary also has a special place in the life and heart of the little ones, since according to the Gospel of Luke they will call her by all generations of blessed (Lk 1:48). Thus, to speak of Marian merits and intercession is an immense pleasure, for Jesus will always be at the center of every theme, and at the same time to mark Marian traits in the history of Jesus of Nazareth is a great ecclesial and pastoral challenge. Faults of communication, because it is from Jesus that all salvation comes, and it is from Mary that the Savior is born.

Keywords: Jesus, Mary, merits, intercession, people

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO I	15
1 PRELÚDIO: MARIA UM SINAL DE ESPERANÇA PROFÉTICA A PARTIR DE (GN 3,15).	15
1.1 Considerações preliminares relativas à profecia de Gn 3,15, no tocante a mulher.	15
1.2 Ponto de partida: Projeto do Pai, recapitular Eva em Maria.....	18
1.3 Duas vocações bíblicas femininas que sugerem ligações com Maria.	21
1.3.1 Ester e Maria possuem algum vínculo?	23
1.4 A expectativa messiânica e Maria no influxo da soteriologia.	26
1.5 Maria é agraciada em vista de sua maternidade divina.	30
1.6 Maria sinal de esperança na vida laical: a piedade popular.	33
1.6.1 A intercessão mariana a serviço da Igreja e dos fiéis.....	37
1.7 Maria e o serviço no evangelho de São Lucas.....	39
1.7.1 Maria e os seus préstimos na família.	42
1.7.2 Maria sinal da proteção de Deus e esperança do reencontro.	43
1.8 A Mulher do Apocalipse: Igreja ou Maria?	45
1.8.1 A Mulher do Apocalipse e a ótica eclesial.	46
1.8.2 A Mulher do Apocalipse e a ótica mariana.	47
1.9 Conclusão do primeiro capítulo.	49
CAPÍTULO II.....	51
1 MARIA A PARTIR DO EVANGELHO DE SÃO JOÃO (2,1-12), NA ÓTICA DE COOPERAÇÃO	51
1.1 Algumas considerações preliminares no Evangelho de São João, no tocante, referente a Maria.....	52
1.2 O culto a Maria na visão da <i>Marialis Cultus</i> e liturgia liquida.....	53
1.3 Maria no cenáculo: modelo de oração e espiritualidade.....	57

1.3.1 Conceito de espiritualidade	60
1.4 A missão de Maria perpetua no céu.	62
1.4.1 Maria intercessora: é serva também no céu.	63
1.5 Maria, na ótica da família.....	66
1.5.1 Maria na visão laical	67
1.6 A devoção ao Rosário.	69
1.6.1 Para que rezar a oração do Rosário.	71
1.6.2 O Rosário e as indulgências.	73
1.6.3 A vida de Jesus expressada na oração do Rosário	75
2 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE O CONCÍLIO VATICANO II COM VISTA AO APOSTOLADO LEIGO E PIEDADE POPULAR MARIANA	77
2.1 Maria na eclesiologia do Concílio Vaticano II.....	78
2.2 Maria na cristologia do Concílio Vaticano II.....	80
2.3 O calendário litúrgico na ótica de festas marianas.....	81
2.4 Entendimento sobre latria, hiperdulia e dulia.....	83
2.4.1 Alguns desafios culturais relativos a evangelização na sociedade hodierna	84
2.4.2 Maria ecumênica nos une a partir de Jesus	86
2.5 A Igreja em saída na ótica do Papa Francisco com perspectiva mariana.....	88
2.6 O Espírito Santo e Maria: uma leiga a serviço do Reino	90
2.7 Importância do ano mariano e sua consonância com o ano do laicato.....	92
2.8 Conclusão do segundo capítulo.....	94
CAPÍTULO III	97
1 CONTRIBUIÇÃO DOS DOGMAS E ORAÇÕES MARIAL PARA INCREMENTO DA FÉ CRISTÃ	97
1.1 Contribuição dos dogmas marianos para a fé cristã.....	99
1.1.1 As prerrogativas de Maria na ótica do serviço	100
1.1.2 Um aspecto benéfico da maternidade divina: a nova geração	102
1.1.3 Ser filho de Maria significa permanecer junto da Videira	104
1.2 Virgindade Perpétua na ótica da castidade e da vida consagrada.	106
1.3 Imaculada Conceção e vida de santidade.....	108

1.3.1 Assunção de Maria na ótica eclesial-pastoral.....	110
1.3.2 Ser Igreja com Maria a partir da V CELAM.....	112
1.4 “Ave Maria”: vida transformada em oração.....	115
1.4.1 Oração líquida e oração transformadora.....	117
1.4.2 A oração da Salve Rainha: gratidão de um devoto.....	119
1.4.3 História e pequeno olhar cristológico para a Salve Rainha.....	122
1.4.4 Pequeno olhar social para a Salve Rainha.....	124
1.5 Anexo: Carta do Papa Francisco referente ao ano jubilar dos 300 anos da aparição de Nossa Senhora Aparecida no rio Paraíba do Sul.....	126
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	131
CONCLUSÃO.....	133
BIBLIOGRAFIA PESQUISADA.....	135

INTRODUÇÃO

“Querendo Deus, na Sua infinita benignidade e sabedoria, levar a cabo a redenção do mundo, ao chegar a plenitude dos tempos, enviou Seu Filho, nascido de mulher, a fim de recebermos a filiação adotiva (Gl. 4,4-5). Por amor de nós, homens, e para nossa salvação, desceu dos céus e encarnou na Virgem Maria, por obra e graça do Espírito Santo. Este divino mistério da salvação é-nos relevado e continua na Igreja, instituída pelo Senhor como Seu corpo; nela, os fiéis, aderindo à cabeça que é Cristo, e em comunhão com todos os santos, devem também venerar a memória em primeiro lugar da gloriosa sempre Virgem Maria Mãe de nosso Deus e Senhor Jesus Cristo. (LG, 52)³.

A constituição dogmática *Lumen Gentium*, ao refletir sobre a Igreja, ressalta que Deus quisera redimir a humanidade de todo o mal que havia feito, e abre-nos um pensamento precedente com reflexão prazerosa sobre qual o caminho misterioso que Deus elaborou, para chegar até nós⁴. Com efeito, o Senhor Deus preparou a derrocada da antiga serpente (Gn 3,1), símbolo de todo mal. Assim, por amor aos homens de boa vontade, desceu dos céus e encarnou-se na Virgem Maria por obra do Espírito Santo (LG 56). Desta forma, este divino mistério é exposto a nós à medida que encontramos e seguimos o Filho de Deus, que nos foi enviado. Efetivamente, devido a queda dos primeiros pais, Adão e Eva (Gn 3,6), toda a humanidade ficou sujeita ao pecado que corrompe os corações. Por isso, Deus preparou a nova Eva, a Mulher Maria, para marcar significativamente o início do cumprimento das promessas messiânicas, na plenitude dos tempos (Gl 4,4).

Contudo, a figura de Maria sempre foi muito afetada por diversas posições religiosas e agnósticas desde o início dos tempos⁵ e por vezes comparada a Eva⁶. Ainda assim, Carlos Mesters⁷ descreve em uma de suas obras intitulada *Maria a Mãe de Jesus*, que mesmo sendo alvo de várias críticas no decurso da história eclesiástica, Maria continua sendo uma espécie de heroína, sobretudo na religiosidade popular, demonstrando, assim, o imenso carinho e predileção que continua no coração de inúmeros

³COMPÊNDIO DO VATICANO II. Constituições e Decretos. Introdução e índice analítico: Frei Boaventura Kloppenburg O.F.M.; Coordenação geral: Frei Frederico Vier O.F.M. Constituição dogmática *Lumen Gentium*, sobre a Igreja. Petrópolis: Editora Vozes, 2000.

⁴DEI VERBUM. Constituição dogmática sobre a Revelação divina. São Paulo: Editora Paulinas, 2004, pp. 7, 9, 19.

⁵GONZALEZ, C.I. *Maria Evangeliza e evangelizadora*. São Paulo: Editora Loyola, 1990, p. 11.

⁶LYON, Irineu. *Patrística: demonstração da pregação apostólica*. São Paulo: Editora Paulus, p. 95. *CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA*. Edição revisada de acordo com o texto em latim. São Paulo: Editora Paulus, 1992, par. II, 494.

⁷MESTERS, C. *Maria a Mãe de Jesus*. Petrópolis: Editora vozes, 1977, p. 113, 114.

cristãos, especialmente os mais simples. Citando como exemplo, chamam-na de Nossa Senhora da Conceição, Nossa Senhora da Assunção, Nossa Senhora do Bom Parto, Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, Nossa Senhora das Graças, entre outros títulos de grandeza e protetora.

Neste sentido, o reflexo do senso dos fiéis, parece ter inspirado em muitos alguns ensinamentos deixados pelo Concílio Vaticano II, quando se refletiu sobre a Mãe de Deus na vida do povo e da Igreja (LG 66,67), pois os cristãos, nunca deixaram de rezar a Deus por meio daquela que é Sua Santíssima Mãe. Assim, a oração e pedido de intercessão feitos a Maria, eleva o coração dos mais simples junto a Santíssima Trindade. Desta forma, rezar por meio de Maria a Jesus, como oração piedosa se torna uma via alternativa e eficaz de encontro com Deus, pois na perspectiva da intercessão, destaca São Paulo, escrevendo a Timóteo:

“Acima de tudo, recomendo que se façam preces, orações, súplicas, ações de graças por todos os homens, pelos reis e por todos os que estão constituídos em autoridade, para que possamos viver uma vida calma e tranquila, com toda a piedade e honestidade. Isto é bom e agradável diante de Deus, nosso Salvador, o qual deseja que todos os homens se salvem e cheguem ao conhecimento da verdade. Porque há um só Deus e há um só mediador entre Deus e os homens: Jesus Cristo, homem que se entregou como resgate por todos” (ITm 2,1-6).

Conforme a prédica Paulina fica evidente que as promessas messiânicas se cumprem em Jesus Cristo, logo, Ele é o Único Mediador entre Deus e os homens (ITm 2,5; LG 60). No entanto, visto pela temática da intercessão, Sua Mãe Santíssima recebeu uma missão sublime, bastante significativa, que além de ser Mãe do Salvador, é também Mãe do discípulo fiel (Jo 19,26) e protótipo da Igreja (LG 63). Com efeito, a solicitude de Maria é muito bem vista, especialmente a partir do contexto joanino, quando, os noivos nas Bodas de Caná (Jo 2,5-12), passam por um desconforto relativo à festa. Deste ponto de vista, se aproximar da devoção mariana, torna-se um ato virtuoso, obedecendo acima de tudo, o que o próprio Jesus nos pediu quando no-La deu aos pés da Cruz: “*Eis aí a tua Mãe*” (Jo 19,26), substituindo, assim, Eva que foi a primeira mãe de todos os viventes.

Dentro desta lógica, Maria como a nova Eva, sugere uma nova gestação messiânica ao longo do Antigo Testamento, logo, uma mulher precisa ser preparada para dar a luz ao Filho de Deus. Com efeito, afirma o Concílio Ecumênico Vaticano II: “*Predestinada desde a eternidade junto com a Encarnação do Verbo divino, como Mãe de Deus, por desígnio da Providência divina, a Bem-Aventurada Virgem, foi nesta terra a sublime Mãe do Redentor, singularmente mais que os outros, sua generosa companheira*

e humilde serva do Senhor” (cf. LG 56). Assim, do ponto de vista eclesial, Maria é a nova Eva, preparada por Deus, sendo obediente e solícita colaboradora na esperança e salvação de um povo.

CAPÍTULO I

1 PRELÚDIO: MARIA UM SINAL DE ESPERANÇA PROFÉTICA A PARTIR DE (GN 3,15).

Segundo o livro do Gênesis, vemos um relato bastante intrigante, que se torna ao mesmo tempo fascinante. De fato, mesmo após a primeira queda do homem e da mulher, o Senhor anuncia no Protoevangelho alegrias e esperanças, isto é, uma profecia referente a um novo momento messiânico (Gn 3,15). Evidentemente, ao contrário da serpente, tudo o que sai da boca de Deus é o que proporciona vida (Dt 8,3; Mt 4,4) e se torna manifesto. Nesta perspectiva, vemos o Senhor anunciar uma hostilidade futura entre a humanidade e a serpente e como resultado desta batalha a vitória do Filho de uma Mulher⁸.

Isto nos faz pensar que há momentos decisivos que devemos escolher e decidir em qual lado permanecer ou que rumo de vida seguir. Do lado do Senhor ou da serpente, vida ou morte, justiça ou injustiça. Efetivamente as escolhas sempre trazem consigo consequências. Neste caso, o prenúncio do Protoevangelho é um sobreaviso que haverá momentos de grandes lutas em vários âmbitos, acima de tudo no contexto religioso-social. Contudo, quando a comunidade eclesial sabe fazer as escolhas com sabedoria e perseverar do lado justo para servir ao bem comum, independente de quaisquer batalhas, a recompensa passa a ser a vitória final. Assim, como um protótipo de seguimento, Maria escolhe com prudência ficar ao lado da justiça de Deus, a qual aceita com docilidade em ser Mãe do Messias e concebe pela ação do Espírito Santo, cumprindo com extrema exatidão um momento significativo da profecia: “*a Mulher esmagará a cabeça da serpente*” (Gn 3,15), da qual nascerá o Messias, o qual é o cume e cumprimento de toda a profecia messiânica.

1.1 Considerações preliminares relativas à profecia de Gn 3,15, no tocante a mulher.

Ao ler as epístolas de São Paulo, nos deparamos com uma realidade muito clara e objetiva, pois o cristocentrismo elaborado no *corpus paulinus* é de uma grandeza

⁸ BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coordenadores: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storlino; Ana Flora Anderson. São Paulo: Editora Paulus, 2004; cf. nota explicativa.

excepcional. Desta maneira, é sublinhado em suas missivas uma mensagem evangélica de alto nível teológico, especialmente quando o Apóstolo teologiza sobre o Reino de Deus. Com efeito, a cristologia realçada em suas cartas é de elevado grau a tal ponto de dizer que é o próprio Cristo que vive nele (Gl 2,19) e ainda que ofereça seu próprio corpo como sofrimento para salvação de outros (ICl 1,24), logo, se tornou grande comunicador do Evangelho. Lucien Cerfaux completa e diz que dentre tantos cuidados, sua preocupação principal é o Mistério Pascal, onde Cristo é fator principal de toda a soteriologia⁹, pois ao anunciar a plenitude dos tempos em Gl 4,4, salienta que os tempos messiânicos chegaram e que por parte de Deus a promessa messiânica está sendo cumprida. Assim, do ponto de vista paulino, está emergindo um conjunto de eventos religiosos, que se traduzirá no *kerigma* cristão.

Neste seguimento, São Paulo traz uma inquietação pessoal e ao mesmo tempo comunitária em relação ao Messias, pois quer manter toda a comunidade muito bem informada sobre os acontecimentos messiânicos, e desta forma se esforça para enfatizar o máximo possível sobre a profecia que foi anunciada desde o Protoevangelho (Gn 3,15). Assim, na visão do Apóstolo Paulo, a mistagogia da Encarnação de Cristo, relativa a linhagem de uma mulher que salvará a humanidade de todo o pecado, chegou e está cumprindo-se. Por certo, levando em consideração que o longo tempo da gestação messiânica encerrou e cedeu lugar ao parto, isto é, ao nascimento do Emanuel. Efetivamente, assim anunciou também o profeta Isaias: *“Pois sabeis que o Senhor mesmo lhe dará um sinal; eis que a jovem está grávida e dará a luz um filho”* (Is 7, 14).

Na prática, o anúncio feito aos gálatas em 4,4, alertando a comunidade sobre a plenitude dos tempos, significa exatamente que o tempo do cumprimento das promessas messiânicas chegou e por isso a boa nova paulina se faz um tanto que apreensiva. Assim, na ótica do Apóstolo Paulo, um dos sinais já é visto na leitura do profeta Isaias que anuncia com exatidão a concepção de uma virgem¹⁰, a qual dará ao seu primogênito o nome de Emanuel, isto é, Deus está conosco (Is 7,14). Deste modo, a releitura de Mateus (no capítulo 1,23) interpreta legalmente sobre a Virgem, sendo Maria, esposa de José, da

⁹CERFAUX, L. Cristo na teologia de Paulo. Tradução: Monjas Beneditinas da Abadia de Santa Maria – Santo André São Paulo. Editora: São Paulo: Academia Cristã; Paulus, 2012, p. 21.

¹⁰Nota explicativa: A tradução grega que traz a “a virgem”, precisando assim o termo hebraico ‘alma’ que designa, quer a donzela, quer uma jovem casada recentemente, sem explicitar mais. O texto da Setenta é, porém, testemunho precioso da interpretação judaica antiga, que será consagrada pelo Evangelho. Mateus 1,23 encontra aqui o anúncio da concepção virginal de Cristo: cf. Is 7,14 e nota. (Bíblia de Jerusalém. São Paulo: Editora Paulus, p. 1.265).

linhagem de Davi. A vista disso, o Apóstolo diz: “*Na plenitude dos tempos, Deus enviou o seu Filho nascido de mulher, sob uma lei, para resgatar os que estavam sob a lei, para que recebêssemos a adoção filial*” (Gl 4,4s).

Nesta sequência, Lucien Cerfaux ao refletir sobre o anúncio kerigmático nas comunidades do *corpus paulinus*, afirma que a mensagem do Apóstolo Paulo, não traz somente em seu bojo a pessoa de Jesus Cristo, mas também a temática escatológica sobre o Reino e sua salvação¹¹. É desta mensagem kerigmática que brotará uma confissão de fé na soberania de Cristo. No entanto, a mensagem cristocêntrica de Paulo, traz consigo a figura da mulher Maria, pois segundo São Mateus (1,23), ela é a jovem anunciada por Isaías (7,14), que se tornou morada do Espírito Santo e concebeu o Salvador, assim, em vista de sua maternidade divina, Maria, recebeu como dom, um elo inseparável com o Messias.

Nesta lógica, José Cristo Rey Garcia Paredes¹² em seu compêndio de mariologia, com reflexões bastante significativas assinala que:

“A grandeza do Filho de Deus, é a fonte da grandeza e do valor que implica a maternidade da Mãe de Deus, assim a Igreja confessou em sua ortodoxia que Jesus é o Filho de Deus, consubstancial ao Pai e consubstancial a nós, em unidade de pessoa que é divina. Por isso, devido à intercomunicação entre sua natureza divina e humana, Maria é autêntica *Theotokos*¹³”.

Nesta perspectiva, podemos dizer que mesmo que Maria reivindicasse a proximidade com seu Filho por ser sua Mãe biológica, seria algo, que mesmo próximos, na ótica eclesial, se tornariam distantes. Deste ponto de vista, há algo que faz ultrapassar a maternidade biológica de Maria em relação ao seu Filho Jesus, haja vista que são as dialéticas cristológicas abundantemente discutidas nos primeiros séculos¹⁴, sobre a origem e nascimento de Jesus¹⁵, que fazem de Maria e seu Filho um elo inseparável. Neste sentido, é em vista das argumentações cristológicas acerca da natureza divina de Jesus, que Maria recebe esse elo de inseparabilidade como dom, e não apenas como uma qualidade a mais. Visto por este ângulo, então as benemerências ou os benefícios

¹¹CERFAUX, L. Cristo na teologia de Paulo. Tradução: Monjas Beneditinas da Abadia de Santa Maria – Santo André São Paulo. Editora: São Paulo: Academia Cristã; Paulus, 2012, p. 23-26.

¹²PAREDES, J. C. R. G. Mariologia: síntese bíblica, histórica e sistemática. Tradução de José Joaquim Sobral. São Paulo: Editora: Ave Maria, pp. 221-240.

¹³PAREDES, ibidem, p. 241.

¹⁴BIGOTTO, G. M. Maria: a Mãe de Jesus. São Paulo: Paulinas, 2013, p. 369-370.

¹⁵ Nota explicativa: “E o verbo se fez carne, e habitou entre nós”. A tradução literal da décima parte do versículo seria: “e ele levantou sua tenda entre nós”. Em hebreu o verbo plantar sua tenda é *skenuu*. Contém as três consoantes radicais da palavra *Shekinah* (*s.k.n.*), termo com que os judeus definiam a presença divina no Templo de Jerusalém. Ibidem, BIGOTTO, p. 371 (cf. Gianfranco Ravasi, no jornal *Avvenire*, 16 de dezembro de 2007. Agoràidee, p. 4). O verbo *skenuu* fazia alusão à divindade de Jesus.

carismáticos recebidos na vida de Maria de Nazaré, são todos em vista do nascimento de seu Filho Jesus, e por isso é enriquecida de dons (LG 56) e exaltada pela Igreja e o Povo de Deus.

Desta forma, quando o anjo Gabriel a visita trazendo a boa nova em sua vida (Lc 1,26-38), Maria passa a ser modelo de esperança (CIC 64), de obediência na fé (CIC 144), pois é aquela que sabe fazer boas escolhas. Assim, é dentro da expectativa messiânica, que constatamos em Maria, um modelo mais perfeito de união com o projeto do Pai (cf. CIC 964). Por este motivo, Maria não é somente agraciada por Deus, mas recebe o olhar favorável de todo o povo cristão, carente e mais simples. Pois ao dizer sim a Deus, cooperando com a obra de Salvação, propicia ao povo um modelo de vida a ser observada, e seguida. Com efeito, Maria torna-se a imagem esplêndida da conformação ao projeto trinitário que se cumpre em Cristo¹⁶.

Diante disso, recebeu tantos elogios e comentários positivos em toda a história cristã, excepcionalmente da comunidade eclesial o título de *Theotókos*¹⁷, e por isso inúmeras vezes foi comparada, sobressaindo-se a Eva, a primeira mãe de todos os viventes.

1.2 Ponto de partida: Projeto do Pai, recapitular Eva em Maria.

Conforme o relato bíblico de Gênesis (3,15) visto por uma perspectiva messiânica, constatamos indicações claras sobre o Messias e uma nova mulher, os quais serão vitoriosos sobre o mal¹⁸. Segundo Carlos Inácio Gonzalez no pensamento dos Padres da Igreja, sobretudo a partir da segunda metade século II¹⁹, é bastante comum a comparação entre a mulher Eva citada no livro do Gênesis e Maria, a jovem judia da cidade de Nazaré. Com efeito, a profecia bíblica narra que o Messias encarnar-se-á no ventre de uma nova mulher (Jo 1,14) preparada por Deus (LG 56). Assim, é dentro deste cenário que Irineu de Lyon faz comparações relativas a Adão e Eva com Jesus e Maria, quando descreve que:

¹⁶ DOCUMENTO DE APARECIDA. Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe. São Paulo: Paulus, 2007, número 141.

¹⁷ PAPA JOÃO PAULO II. A Mãe do Redentor: carta encíclica – A Bem-Aventurada Virgem Maria na vida da Igreja que está a caminho. São Paulo: Edições Paulinas – 5ª. edição, 1987, p. 10.

¹⁸ BÍBLIA DE JERUSALÉM. Direção editorial: Paulo Bazaglia; coordenação editorial: José Bortolini. São Paulo: Paulus, 2002, Gen 3,15 e nota explicativa de rodapé.

¹⁹ GONZALEZ, C. I. Maria evangelizada e evangelizadora. São Paulo: Editora Loyola, 1990, p. 187.

“Como, por causa de uma virgem desobediente, o homem foi ferido, caiu e morreu, assim também, por causa de uma virgem obediente à Palavra de Deus, (o homem) foi ressuscitado e recobrou a vida. Pois o Senhor veio buscar a ovelha perdida, ou seja, o homem que se perdeu. Por isso, não formou um corpo diverso, mas, por meio daquele que descendia de Adão, conservou a semelhança daquele corpo. Adão, de fato, foi recapitulado por Cristo, a fim de que o que é mortal fosse submerso na imortalidade, e Eva em Maria, a fim de que uma virgem, tornada advogada de uma virgem, dissolvesse e destruísse com a sua obediência de virgem a desobediência de uma virgem. O pecado cometido por causa da árvore foi anulado pela obediência cumprida sobre a árvore, obediência a Deus, pela qual o Filho do homem foi pregado na árvore, abolindo a ciência do mal, e proporcionando e doando a ciência do bem. O mal é desobedecer a Deus. O bem é, ao invés, obedecer”²⁰.

A ótica teológica de Irineu ressalta uma das inúmeras características do Senhor, e por isso a meu ver sugere refletir, primeiramente a partir do enfoque da misericórdia de Deus que ao mesmo tempo coloca a cristologia como centro e ligação das comparações. Assim, ao comparar Adão com Cristo e Eva com Maria, relata a fragilidade humana, para logo em seguida enfatizar a infinita misericórdia de Deus, lida abundantemente no livro dos salmos, citando como exemplo o Salmo (118,1-4); e que também é narrada em outras passagens bíblicas, como por exemplo, (Ef 2,4; Tt 3,5; Hb 4,16). Dando a entender que sua teologia da recapitulação parte do princípio da misericórdia divina. Com efeito, esta é a missão do Filho, de resgatar o que estava perdido, ou seja, o Filho é a Misericórdia do Pai.

Neste sentido, de um ponto de vista antropológico, pode-se dizer que Maria colaborou de modo particular no restauro da figura do gênero feminino, enquanto Jesus tornou-se causa de salvação para ambos, tanto o feminino como o masculino. Visto por este prisma, impressiona a profundidade teológica de Irineu na qual catequeticamente reflete sobre Eva e Maria, em que, nos faz pensar com tamanha exatidão, que Deus não fez o ser humano para julgá-lo e condená-lo (Jo 3,17) e sim para coroá-lo de glória e todas as bênçãos de sorte (Ef 1,2-6).

Nesta lógica, na contraposição de Eva a Maria, Irineu sugere de forma muito sutil, que não deve ser levado em consideração somente a forma que se alude entre o bem e o mal, acentuando apenas o erro cometido por Eva, mas se faz mister observar a grande percepção do teólogo, sobre a bondade divina e sua ação misericordiosa na história. Pois, segundo a visão teológica de Irineu fica claro que apesar dos erros ou falhas cometidas em qualquer âmbito humano, ainda assim, Deus é capaz de recapitular todas as coisas, assim como o fez com Adão e Eva.

²⁰ LYON, Irineu. *Patristica: demonstração da pregação apostólica*. São Paulo: Paulus, 2014, p. 95.

Desta forma, alarguemos um pouco mais nossos horizontes e pensemos na canção proposta pelo autor do *Exultet*, no *Préconio* Pascal, quando é cantada na mais solene de todas as noites, a qual santo Agostinho chama de mãe de todas as vigílias²¹. Com efeito, o autor do *Exultet* menciona a culpa de Adão, como algo parecendo ser bom, e que ao mesmo tempo se torna objeto da caridade divina, quando poeticamente canta-se nas noites da Vigília Pascal. Vejamos a estrofe em questão:

“Ó Deus, quão estupenda caridade, vemos no vosso gesto fulgurar: não hesitais em dar o próprio Filho para a culpa dos servos resgatar. Ó pecado de Adão tão indispensável, pois o Cristo o dissolve em seu amor; ó culpa tão feliz que há merecido a graça de um tão grande Redentor! Pois, esta noite lava todo o crime, liberta o pecador dos seus grilhões, dissipa o ódio e dobra os poderosos, enche de luz e paz os corações”²²

Assim sendo, a estrofe sugere uma reflexão bastante interessante, onde o autor parece ser agradecido de tal culpa de Adão e Eva, corroborando com a forma de teologizar de Irineu. Pois, com a proposta teológica de resgatar, Irineu sutilmente coloca em evidência um plano de restauro da figura do gênero humano em uma ótica cristocêntrica. Com efeito, é bastante sugestivo pensar que partindo da desobediência de Eva, Irineu faz uso da misericórdia como elemento fundante para comparar as duas mulheres. Assim, realça que Eva e Adão são recapitulados pela Redenção de Jesus Cristo. Nesta lógica, Deus recapitula a humanidade e faz Aliança com seu povo pelo vínculo da união, fidelidade e de sua misericórdia.

De fato, quando Deus chama a Abrão a ser pai de uma nação e herdeiro de um povo (Gn 12), assim, o reflexo da aliança abraâmica percorre praticamente todo o Antigo Testamento, constituindo inúmeros heróis na história bíblica por meio da aliança com Deus e sua misericórdia. Neste caso, para repercutir melhor com a temática desta dissertação, nos limitaremos a refletir brevemente sobre algumas mulheres veterotestamentárias, especialmente Judite e Ester, enfatizando a semelhança de ambas com Maria.

²¹ SEMANA SANTA. Comentários da Semana Santa: anos A, B, C. Elaboração Dom Marcelo Barros, OSB. 3ª. edição. São Paulo: Paulus, 1989, p. 111.

²² SEMANA SANTA, *ibidem*, p. 119-122.

1.3 Duas vocações bíblicas femininas que sugerem ligações com Maria.

Na referência que faço a seguir, sobre a vida de algumas mulheres no Antigo Testamento, proponho como ponto de partida e de reflexão, a profecia bíblica do Protoevangelho em (Gn 3,15), relativamente ao que diz respeito à preparação da nova Eva, levando em consideração a chegada dos tempos messiânicos. O argumento principal é relacionar características de algumas mulheres do Antigo Testamento, sobretudo Judite e Ester, com as características de Maria, Mãe de Jesus. Logo, é a Encarnação de Jesus que dá um sentido novo a toda história bíblica vocacional e humana, pois tornou-se o fato mais importante da Criação e da história²³. Assim sendo, constatamos que toda vocação na Sagrada Escritura é lida e compreendida a partir do messianismo de Jesus. Nesta perspectiva, ressalta Carlos Ignacio Gonzalez:

“Toda vocação bíblica é cristocêntrica e soteriológica, embora no Antigo Testamento a orientação cristológica se encontre implícita. Assim, a vocação de Abraão já foi, na intenção de Deus, orientada para preparar a origem do povo de seu Filho. Todas as demais vocações veterotestamentárias são salvíficas (para Israel, a vocação do chamado é ser um mediador da salvação que vem unicamente do Senhor e em progressiva aproximação da salvação messiânica). Sem essa orientação específica, a própria vocação de Maria não teria sentido”²⁴.

Assim, mediante a contribuição da exegese bíblica inferimos que toda a vocação no Antigo e Novo Testamento de homens e de mulheres, receberam sua importância e significado sob a luz do contexto da história da salvação. Por isso aproximar as santas mulheres veterotestamentárias de Maria dentro de uma ótica messiânica, passa a ser relevante, pois a teologia bíblica indica que várias mulheres, no Antigo Testamento, como Judite e Ester, por exemplo, tornaram-se instrumento admirável nas mãos de Deus, em prol da salvação de um povo escolhido, como ocorreu na vida de Maria, Mãe de Jesus.

Citando como exemplo, conforme a Bíblia de Jerusalém²⁵, Judite é uma dessas mulheres escolhida por Deus para manifestar a sua glória. Assim, apesar de sua indignação com os seus líderes religiosos e combatentes compatriotas, que se deixaram encurralar pelas forças do exército assírio, Judite não hesitou em enfrentar as forças do mal, simbolizadas no rei Nabucodonosor e seu servo Holofernes. Desta forma, mesmo

²³ SUÁREZ, F. A Virgem Nossa Senhora. Tradução de Maria Pacheco. São Paulo: Quadrante, 2003, p. 23.

²⁴ GONZALEZ, C. I. Maria Evangelizada e Evangelizadora. Tradução: José A. Ceschin. São Paulo: Edições Loyola, p. 34.

²⁵ BÍBLIA DE JERUSALÉM. Direção editorial: Paulo Bazaglia; coordenação editorial: José Bortoloni. São Paulo: Paulus, 2002; introdução ao livro de Judite, p. 662-663..

com os judeus sitiados na cidade de Betúlia, sentindo a falta de água e de alimentos, Judite é chamada a tomar frente na batalha, na qual demonstra a força de Deus atuante na vida e na fragilidade humana²⁶. Conta-nos a história bíblica que Judite era viúva e muito sábia e desta forma se enfeitou, entrou na tenda de Holofernes e o embriagou, cortando-lhe a cabeça, colocando, assim, todo o exército assírio em polvorosa fuga, dando vitória ao povo judeu. Segundo Carlos Ignácio Gonzalez diz que o autor do livro de Judite traz como proposta de reflexão teológica a ideia de esperança escatológica para Israel²⁷.

Desta forma, partindo essencialmente do Novo Testamento sob a luz do Mistério Pascal, a comunidade eclesiológica convalidou que a vida de algumas mulheres na história bíblica do Antigo Testamento em alguns casos, especialmente em festas marianas, sugere relação com a figura de Maria, no Novo Testamento (LG 55). Neste sentido, vejamos o que diz o Catecismo da Igreja Católica a respeito das santas mulheres que viveram no antigo Israel:

“Ao longo da Antiga Aliança, a missão de Maria foi preparada pela missão de santas mulheres. Logo no princípio, temos Eva; apesar da sua desobediência, ela recebe a promessa duma descendência que sairá vitoriosa do Maligno e de vir a ser a mãe de todos os vivos. Em virtude desta promessa, Sara concebe um filho, apesar da sua idade avançada. Contra toda a esperança humana, Deus escolheu o que era tido por incapaz e fraco para mostrar a sua fidelidade à promessa feita: Ana, a mãe de Samuel, Débora, Rute, Judite e Ester e muitas outras mulheres. Maria é a primeira entre os humildes e pobres do Senhor, que confiadamente esperam e recebem a salvação de Deus. Com ela, enfim, excelsa filha de Sião, passada a longa espera da promessa, cumprem-se os tempos e inaugura-se a nova economia da salvação”²⁸.

Por isso, refletir sobre mulheres que antecederam Maria, sobretudo, àquelas que receberam um olhar favorável de Deus, mais uma vez coloca-nos dentro de uma perspectiva da misericórdia divina. Com efeito, é em virtude das promessas messiânicas, que Sara concebe e dá a luz a um filho, mesmo sendo de idade avançada (Gn 18,1); também Ana, uma das esposas de Elcana recebeu o milagre da gravidez, e mesmo sendo considerada estéril, teve um filho de nome Samuel (ISm 1,20). Realmente, desde a queda dos nossos primeiros pais, nota-se certo enlevo na história bíblica, na qual a misericórdia de Deus é infindável (Sl 117; Ef 2,3-5; ITm 1,13; Hb 4,16), pois, mesmo diante da

²⁶ POPE, Hugh. Estudo sobre o Livro de Judite. The Catholic Encyclopedia. Vol. 8. New York: Robert Appleton Company, 1910. Disponível em: <<http://apologistascaticos.com.br/index.php/apologetica/deuterocanonicos/721-estudo-sobre-o-livro-de-judite>> 29/08/2014. Traduzido por: Rafael Rodrigues. Acesso em 14 de junho de 2017.

²⁷ GONZALEZ, C. I. Maria Evangelizada e Evangelizadora. Tradução: José A. Ceschin. São Paulo: Edições Loyola, p. 46.

²⁸ Catecismo da Igreja Católica. Parágrafo II: Nascido da Virgem Maria. Edição revisada de acordo com o texto oficial em latim. São Paulo: Editora Paulus, 1992, artigo 489.

desobediência de Adão e Eva, Deus sempre ofereceu sua mão estendida (Sl 18,17; Mc 1,29-31; 8,22-26), como caminho de resgate e de restauro para sobrevivência humana. Assim, em especial vejamos a misericórdia divina atuar por meio de Ester.

1.3.1 Ester e Maria possuem algum vínculo?

Sabemos que a misericórdia de Deus e as promessas messiânicas atingem o seu cume em Jesus Cristo²⁹. Assim, a exegese bíblica, trouxe consigo inúmeras informações acerca da fé cristã e propiciou reflexões teológicas em vários âmbitos, tanto em áreas bíblicas como também doutrinárias. Entretanto, como vemos desde o Protoevangelho a bondade de Deus não faltou em nenhum momento da história, e nesta perspectiva, acredito que não por acaso o Papa Francisco escreveu seu primeiro livro ao “subir” a cátedra romana, intitulado como: “A Igreja da Misericórdia”, sublinhando, logo no seu início o abraço amoroso da misericórdia de Deus, realçando como uma temática de amor infindável, paciente e que espera o arrependimento e a coragem do regresso³⁰.

Nesta lógica, acredito que antes de refletir brevemente sobre o vínculo devida da rainha Ester com Maria, se faz mister uma pequena palavra relativa a este aspecto misericordioso como uma das características divina. Assim, vejamos os primeiros versículos do salmo 117, que segundo o próprio salmista, destaca como uma grande canção de louvores e gratidão a Deus. Com efeito, uma das mais belas que canta a misericórdia, pois, entre outras particularidades ressalta-se “uma” misericórdia que não tem fim e isto é realmente admirável.

Vamos aos primeiros versículos do salmo citado:

“Aleluia! Celebrai a Iahweh, porque ele é bom, porque o seu amor é para sempre! A casa de Israel repita: o seu amor é para sempre! A casa de Arão repita: o seu amor é para sempre! Os que temem Iahweh repitam: o seu amor é para sempre! (...)”³¹.

²⁹ BROWN, R. E. O nascimento do Messias: comentário das narrativas da infância nos evangelhos de Mateus e Lucas. Tradução: Bárbara Theoto Lambert. São Paulo: Edições Paulinas, 2005, p. 81. Ainda: LACOSTE, J. Y. Dicionário crítico de teologia. Tradução: Paulo Menezes. Verbete: messianismo / Messias – Bernard Renaud. São Paulo: Edições Paulinas; Loyola, 2004, p. 1124-1128.

³⁰ PAPA FRANCISCO. A Igreja da Misericórdia: minha visão sobre a Igreja. Organização: Giuliani Vigini; tradução do prefácio: Cristina Mariani. São Paulo: Edições Paralela, 2014, p. 11-24.

³¹ Salmo 117,1-4.

Tendo em conta a misericórdia divina, e a fim de tornar o canto mais esclarecedor e com maior objetividade, a nota explicativa da Bíblia de Jerusalém traz a seguinte informação sobre os primeiros versículos do salmo 117:

“Este cântico encerra o *Hallel*³² (cf. Sl 113,1). Um invitatório (vv. 1-4) precede o hino de ação de graças posto nos lábios da comunidade personificada, completado pelo livrinho de respostas vv. 19s. 25s, recitadas por diversos grupos quando a procissão entrava no Templo. O conjunto talvez tenha sido utilizado para a festa descrita em Ne 8,13-18 (cf. Esd 3,4; Zc 14,16 e Ex 23,14); cf. também Esd 3,11”³³.

De fato, na perspectiva da exegese bíblica, o salmo 117 (vv.1-4) destaca que a comunidade judaica responde, em estilo de ação de graças, relativamente a misericórdia de Deus. Assim, independentemente das situações vividas em cada período histórico e religioso, a misericórdia nunca faltará (v.4). Neste contexto, e de forma magistral o Papa Francisco chama a Jesus Cristo de abraço da misericórdia de Deus, frisando um dado importantíssimo para a práxis cristã ao qualificar esta peculiaridade de Deus como abraço amoroso do Pai, incentivando-nos a recebê-la e ao mesmo tempo praticá-la³⁴. Evidentemente, a ótica do Papa Francisco elucida a visão bíblica com aspectos ainda mais notáveis, pois chama-nos a atenção que Deus está sempre disposto a perdoar e restaurar o que foi corrompido.

Por certo, que os heróis das histórias bíblicas dentro da expectativa messiânica, obtiveram os favores necessários de Deus, em vista de reconciliação e restauro para si próprio ou mesmo para um determinado povo. Lembremos, por exemplo, do profeta Jonas que anuncia a mensagem divina a toda cidade de Nínive, com pedido de penitência e mudança na maneira do agir. Neste caso, após terem demonstrado as primeiras atitudes penitenciais e o grande esforço na mudança de conduta, receberam a misericórdia de Deus (Jon 3,1-10). Ou mesmo da parábola do filho pródigo, que depois de seu arrependimento, o filho retorna para casa do Pai e é acolhido (Lc 15,11-31). Nesta ótica, notamos que a misericórdia de Deus nunca faltou e nunca faltará, obviamente, desde que haja contrição e interesse pessoal ou coletivo em recomeçar.

³² Nota explicativa: Conforme o título do salmo 113 “A Deus de glória e de amor” e sua nota relativa, diz que: este hino inicia o *Hallel* (Sl 113-118), que os judeus recitavam nas grandes festas, principalmente na refeição pascal (cf. Mt 26,30). BÍBLIA DE JERUSALÉM. Direção editorial: Paulo Bazaglia; coordenação editorial: José Bortoloni. São Paulo: Paulus, 2002; livro dos salmos 113 e nota.

³³ BÍBLIA DE JERUSALÉM. Livro dos salmos 117,1-4 e nota.

³⁴ PAPA FRANCISCO. A Igreja da Misericórdia: minha visão sobre a Igreja. Organização: Giuliani Vignini; tradução do prefácio: Cristina Mariani. São Paulo: Edições Paralela, 2014, p. 47.

É diante deste cenário que chegamos a uma breve reflexão sobre o livro de Ester, pois segundo Carlos Inácio Gonzalez, o livro de Ester pode ser visto na perspectiva da bondade divina como mediação de uma mulher. Assim, em alguns momentos referentes à história bíblica do livro de Ester, de fato, podem ser comparados metaforicamente com Maria, Mãe de Jesus, no tocante relativo à salvação de um povo³⁵. Assim sendo, Ester foi chamada a ser um instrumento divino e participa de forma direta no projeto de salvação de seu povo³⁶. À vista disso, é uma mulher que ganha seu maior brilho sob a luz da intercessão de Maria. Desta forma, examinemos alguns detalhes significativos no livro de Ester, relativamente à figura de Maria, especialmente na ótica da intercessão.

Segundo a introdução do livro de Ester, na Bíblia de Jerusalém³⁷, ela se tornou causa da libertação de um povo, pois conta-nos a história bíblica que os judeus estavam radicados na Pérsia e estavam ameaçados de extermínio pelo ódio de Amã (Est 3,7-15). Assim, o local da história relativamente ao que diz respeito a Ester, acontece em Susã, a cidade onde o Rei da Pérsia e Média, o Rei Assuero, vivia. Neste contexto, a trama se desenrola a partir do momento onde o Rei manda embora sua primeira esposa, a rainha Vasti (Est1, 9-21), a qual metaforicamente podendo ser comparada a Eva, devido sua negligência, pois havia colocado o rei em posição muito desconfortável perante príncipes e grande comitiva de convidados em um banquete que era promovido pelo próprio rei em seu palácio. Tal acontecimento resultou em carta de repúdio redigida pelo próprio rei dirigida a Rainha Vasti. Assim o rei buscou uma nova esposa para se tornar sua rainha.

A vista desses acontecimentos, Ester uma jovem judia, após ter obtido a graça de todos daquela região (Est 2,15), inclusive do Rei Assuero (Est 2,17), tornou-se a nova rainha. Dentro deste mesmo cenário, se desenvolve uma nova trama com toque especial da astúcia feminina. Amã, que era primeiro ministro do rei acendeu grande cólera contra o povo hebreu (Est 6) e queria a morte de todo este povo. Então entrou em cena o capricho e a beleza da Rainha Ester; logo, a rainha se enfeitou e ficou muito bela e apareceu diante do rei Assuero e o rei ao vê-la, ficou vislumbrado com sua beleza e concedeu a ela o pedido que ela quisesse (Est 7,1-2). Assim, a solititude da rainha sobressaltou-se e sem demoras, pediu ao rei que o povo hebreu fosse poupado da ira de Amã (Est 7,3-10). Então com sua intercessão, Ester ajuda um povo a ser salvo.

³⁵ GONZALEZ, C. I. Maria Evangelizada e Evangelizadora. Tradução: José A. Ceschin. São Paulo: Edições Loyola, p. 43.

³⁶ GONZALEZ, *ibidem*, p. 34.

³⁷ BÍBLIA DE JERUSALÉM. Direção editorial: Paulo Bazaglia; coordenação editorial: José Bortolmi. São Paulo: Paulus, 2002; livro de Ester, p. 663.

Visto por este ângulo a mediação de Ester junto ao rei Assuero, propiciou benefícios e vida a um povo escolhido por Deus. Assim, a figura da rainha Ester como a de Maria, Mãe de Jesus, se tocam sutilmente com traços de intercessão, em vista de auxílio para salvar um povo escolhido. Realmente, a preocupação e solicitude na vida de ambas se encontram em um mesmo nível de fé e muita confiança. Então por meio deste modo teológico de pensar, podemos dizer que o Rei Assuero se compadece com o pedido de Ester, e desta forma, fazendo analogia aos pedidos elevados por Maria, Mãe de Jesus, junto a Santíssima Trindade.

1.4 A expectativa messiânica e Maria no influxo da soteriologia.

Carlos Ignacio Gonzalez descreve em seu livro *Maria evangelizada e evangelizadora* que a piedade mariana sempre foi muito bem examinada na história cristã, não que seja algo extremamente essencial, pois as ponderações sobre a piedade mariana não devem se sobressair sobre a natureza de Jesus, e sim, são os méritos de Jesus que devem ser ressaltados na vida de Maria. Por isso chama-nos a atenção para evitar qualquer que sejam os tipos de maximalismos ou minimalismos³⁸, quanto a práxis cristã vivida na dimensão na piedade popular-mariana. Entretanto, como proposta alternativa de evangelização, não se pode deixar a piedade popular-mariana a mercê da própria sorte, haja vista que a piedade mariana recebeu inúmeras críticas ao longo da história cristã, sobretudo a partir dos primeiros séculos³⁹ e que muitas perduram até nos dias de hoje.

À vista disso, Papa Paulo VI na exortação apostólica *Mariallis Cultus*⁴⁰, expressou certa preocupação no acompanhamento da piedade mariana, para que não ocorra exageros e nem desprezo no culto referente a Maria. Em primeiro lugar, evitar celebrações que sejam híbridas compostas de inúmeros elementos que estejam em desconformidade com a litúrgica cristã, dificultando a sobriedade e visibilidade do Sacrifício Eucarístico. Em

³⁸GONZALEZ, ibidem pp. 11-15. Conferir ainda: BERTONE, Cardeal Tarcísio. Discurso por ocasião do Congresso Internacional sobre “Cristianismo e Secularização. Desafios para a Igreja e para a Europa”; 29/05/2007. Disponível em: http://www.vatican.va/roman_curia/secretariat_state/card-bertone/2007/documents/rc_seg_st_20070529_universita-europea_po.html: Acesso em 22/04/2017, às 9h.

³⁹LACOSTE, J.Y. Dicionário Crítico de Teologia. São Paulo: Paulinas; Edições Loyola, 2004, verbete Concílio de Éfeso, pp. 602-604.

⁴⁰PAPA PAULO VI. *Mariallis Cultus*: para a reta e ordenação e desenvolvimento do culto à bem-aventurada Virgem Maria. Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. Organizador: Dom Leonardo Steiner, OFM; Dom Murilo S. R. Krieger, SCJ. Coleção Theotókos, volume 2. Brasília: Edições CNBB, 2016, p. 38-39.

segundo, não eximir totalmente a fé do povo mais simples na Mãe de Deus, sabendo que ela intercede junto a Santíssima Trindade pelo povo e olha com carinho para todos. No entanto, no que se refere ao culto mariano, tratarei desse assunto, de forma mais acurada, no capítulo II.

Desta forma, a carência no acompanhamento em muitas ocasiões festivas marianas e falta de adequadas orientações litúrgicas, Maria se tornou uma figura polêmica quanto a sua intercessão. Assim, o seu culto por diversas vezes é mal interpretado e não é bem entendido e isto muitas vezes danifica a boa imagem da Mãe de Deus quanto ao seu lugar junto a Santíssima Trindade⁴¹. Mesmo assim, em contraposição aos céticos mediante a intercessão de Maria, sobretudo na América Latina, ela se tornou grande exemplo de discípula missionária e serva do Senhor⁴² (Lc 1,38). Não somente isso, mas a Tradição e o Magistério da Igreja têm por Maria, grande afeição e reconhece todo o seu serviço em favor da salvação da humanidade (cf. LG 56).

Nesta ótica, é desafiador comentar sobre a influência e a contribuição de Maria na história da salvação. Pois não se trata de alterar a essência cristã ou o anúncio do Reino, que é o centro e ápice de toda a vida e missão da Igreja⁴³. E também nem de ferir algum sentido doutrinal cristão, pois a *régula fidei*, na prática, tornou-se um imperativo deixado por Jesus aos seus Apóstolos, que foi lida e interpretada sabiamente pelo Magistério da Igreja⁴⁴ e o Espírito Santo (At 5,32). Trata-se, sim, de exaltar a cristologia que emoldurou a vida de Maria, que por sua vez se traduz em pura beleza de quem é portadora de um discipulado simples, humilde e exemplar na missão da Igreja⁴⁵.

Desta forma, na ótica da piedade mariana, segundo Afonso Murad aceitar a intercessão de Maria⁴⁶ não significa diminuir ou ofuscar a centralidade do Cristo em sua vida, mas ao contrário, significa exaltar Aquele que fez com que Sua Mãe se tornasse bem-querida diante de todos os homens. Evidentemente, sem o Cristo na vida de Maria, ela seria apenas a esposa de José (Mt 1,18) e nada além disso. Uma esposa judia como as

⁴¹ Ibidem, *Marialis Cultus*, p. 32-33.

⁴² DOCUMENTO DE APARECIDA. Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe. Aparecida: Edições CNBB; Paulus; Paulinas, 2007, nro. 266-275, 280b, 524.

⁴³ Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Sacramentum Caritatis*. Do Sumo Pontífice Bento XVI. Sobre a Eucaristia. Fonte e ápice da vida e da missão da Igreja. São Paulo: Editora Paulinas, 2007, p. 12.

⁴⁴ DEI VERBUM. Constituição dogmática sobre a Revelação Divina. São Paulo: Editora Paulinas, p. 14.

⁴⁵ MÜLLER, G. L.; GUSTAVO G. Ao lado dos pobres: Teologia da libertação. São Paulo: Editora Paulinas, 2014, p. 43.

⁴⁶ MURAD, A. Maria toda de Deus e tão humana: compêndio de mariologia. São Paulo: Editora Paulinas; Santuário, 2012, p. 91.

outras de seu tempo, como eram classificadas muitas vezes pelos próprios judeus, como sendo submissas, e em algumas situações quase que escravas de seus maridos⁴⁷. No entanto, Maria não foi preparada para ser mais uma simples mulher judia como todas as outras de sua época, pois estava nos planos de Deus o seu próprio nascimento para se tornar Mãe do Redentor e da nova humanidade.

Também não se trata aqui, de ver a intercessão mariana como principal e única influência na história da salvação. Refletir sobre a importância do significado da intercessão, sobretudo de Maria, é sugerir um caminho alternativo para que não haja ambiguidades ou equívocos na piedade mariana. Evidentemente, Maria conquistou um lugar de privilégio no seio da Igreja nascente e peregrina (LG 62) e junto a Santíssima Trindade⁴⁸. Efetivamente, a intercessão mariana vai além de um único sentido sobrenatural da manifestação de Deus, e sim, também insiste em uma perspectiva como modelo de atitude virtuosa de serviço ao seu próximo. Maria é uma pessoa solícita e está sempre atenta como mãe acolhedora a quem de fato, tem necessidade, olhando os mais simples, ajudando a todos a se manterem mais felizes⁴⁹.

Por isso, Katheen Coyle escreve que desde muito cedo Maria se tornou uma figura muito querida entre as devoções cristãs e por isso o culto a Maria, apesar de em parte ser mal compreendido, tem crescido enormemente durante séculos⁵⁰. Com efeito, Maria não desejou ser o centro de todas as discussões teológicas cristãs, quis sim, ser apenas a serva do Senhor (Lc 1,38). Evidentemente, que toda catequese cristã, tem como tema central o kerigma cristão, ou seja, a Encarnação, Paixão, Morte e Ressurreição de Jesus de Nazaré. Assim, todo cristão aprende desde a iniciação cristã que o principal e Único Mediador da Salvação entre Deus e os homens é Jesus Cristo (ITm 2, 5; LG 60) e não outro. Entretanto, como o vaso na mão do oleiro que é modelado, descrito por Jeremias (Jr 18,6), assim, Maria se tornou um extraordinário instrumento “nas mãos” de Deus.

⁴⁷ FIORENZA, E. S. As origens cristãs a partir da mulher: uma nova hermenêutica. Tradução João Rezende Costa. São Paulo: Edições Paulinas, 1992, p. 137. Conferir ainda: JEREMIAS, J. Jerusalém no tempo de Jesus: pesquisas de história econômico-social no período neotestamentário. São Paulo: Editora Paulus, pp. 473-494.

⁴⁸ PAPA PIO XII. Constituição Apostólica. Munificentissimus Deus: Sobre o Dogma da Assunção de Nossa Senhora em Corpo e Alma ao Céu. São Paulo: Editora Paulus, 1997.

⁴⁹ MURAD, A. Maria toda de Deus e tão humana: compêndio de mariologia. São Paulo: Paulinas; Santuário, 2012, p. 95.

⁵⁰ COYLE, K. Maria na Tradição cristã: a partir de visão contemporânea. São Paulo: Editora Paulus, 1999, p. 13.

Não é por menos que a singularidade da figura de Maria e suas virtudes surtem tamanho efeito, que até mesmo inúmeros papas se renderam ao chamado culto de *hiperdulia*⁵¹, que se refere exclusivamente a Mãe de Deus, que iremos tratar mais adiante. Citando um exemplo, São João Paulo II, que viveu longos anos de pontificado sob os auspícios de Nossa Senhora diz o seguinte:

“A devoção a Maria é fonte de vida cristã profunda, é fonte de compromisso com Deus e com os irmãos. Permaneci na escola de Maria, escuta a sua voz, segui os seus exemplos. Como lemos no Evangelho, ela nos orienta para Jesus: “Fazei o que ele vos disser” (Jo 2,5). E, como outrora em Caná da Galiléia, encaminha ao Filho as dificuldades dos homens, obtendo d’Ele as graças desejadas”⁵².

Com efeito, São João Paulo II demonstra um grande apreço e certa predileção a Maria, e ainda ressalta a importância da piedade mariana e sua influência na história cristã, que ultrapassa qualquer dado supersticioso em relação a sua devoção. Neste sentido, vemos que não é somente na camada social dos mais simples que Maria está sempre presente, mas é constatado também sua presença nas camadas pontificais. Outrossim, na atualidade cristã o então sucessor de Pedro, Papa Francisco, na cátedra romana, demonstra sua devoção a Mãe de Jesus, especialmente intitulada como Nossa Senhora Desatadora de Nós⁵³. Assim, é visível que em alguns gabinetes pontificais do Papa Francisco, a imagem de Nossa Senhora Desatadora de Nós esteja estampada ao fundo, demonstrando em atitude o imenso amor que sente pela importância de Maria na história cristã.

Diante disso, então podemos dizer que o evangelho de São Lucas (1,38) sugere um modelo de mulher com grande influência na história cristã, com fidelidade a Deus, que pode ser seguida como exemplo de entrega e discipulado. Por essa razão a constituição dogmática *Lúmen Gentium*, salienta que há um especial incentivo, aos batizados para “*venerarem também a memória primeiramente da gloriosa sempre Virgem*

⁵¹Nota explicativa: Sobre o significado de hiperdulia, responde São Tomas: “Dado que a latria é devida exclusivamente a Deus, não é devida a nenhuma criatura em si mesma. Pois, embora as criaturas insensíveis não tenham condições de ser veneradas em si mesmas, a criatura racional pode ser venerada por si mesma. Por isso, a nenhuma simples criatura racional se deve o culto de latria. E como a virgem bem-aventurada é uma simples criatura racional, não lhe é devida uma adoração de latria, mas unicamente uma veneração de dulia; de forma mais eminente, contudo, do que às outras criaturas, por ser a mãe de Deus. Por isso, se diz que lhe é devido não um culto de dulia qualquer, mas de hiperdulia” (cf. Suma teológica III, q. 25,5).

⁵²PAPA JOÃO PAULO II. Consagrando inteiramente a Virgem Maria. Site Portal A12. <http://www.a12.com/formacao/detalhes/joao-paulo-ii-consagrado-inteiramente-a-virgem-maria>. Acesso em 08/09/16; 16h40.

⁵³PAPA FRANCISCO. Argentina celebra hoje Nossa Senhora Desatadora dos Nós, devoção preferida do Papa Francisco. Site ACIdigital.com. <http://www.acidigital.com/noticias/argentina-celebra-hoje-nossa-senhora-desatadora-dos-nos-devocao-preferida-do-papa-francisco-90848/>. Acesso em 08/09/16, as 16h50.

Maria, Mãe de Deus e de Nosso Senhor Jesus Cristo” (LG 52) e se esforçarem para imitar as suas virtudes (LG 65), sobretudo na entrega a Deus. Nesta sequência, refletir teologicamente Maria como a nova Eva, como foi a promessa divina desde o Protoevangelho (3,15), nos faz acreditar que Deus jamais se esquece do seu povo e sempre está em nosso meio.

1.5 Maria é agraciada em vista de sua maternidade divina.

Segundo o padre Reginald Garrigou Lagrange, a doutrina que temos como revelada até nos dias de hoje referente a Virgem Maria e todos os ensinamentos dogmáticos acerca da piedade popular-mariana, são em vista de sua maternidade divina. Assim, cada exercício piedoso mariano, jaculatória, ladainhas, títulos de honradez que enaltecem a Virgem Maria, nenhum deve ser visto fora da ótica de sua maternidade divina⁵⁴. Diante disso, podemos nos perguntar: o que é mais importante na teologia mariana? A plenitude de sua graça? Seu título de Mãe de Deus ou sua maternidade divina? Para isso, deve ser levado em conta o contexto teofânico no momento da anunciação.

Dessa maneira, o evangelista São Lucas ao relatar o anúncio trazido pelo Anjo Gabriel, salienta que o contexto da anunciação se traduz em um diálogo entre o humano e o divino, que muda totalmente o sentido da vida de Maria⁵⁵. Desta forma, a narrativa lucana descreve no primeiro capítulo que um anjo enviado por Deus entrou na casa de Maria e a cumprimentou com a seguinte saudação: “*Ave cheia de Graça*” (Lc 1,26). Assim, o relato destaca uma saudação encantadora do Anjo Gabriel à jovem judia de Nazaré, e neste sentido o evangelho lucano realça que Maria ficou intrigada, e ao mesmo tempo, curiosa em relação ao sentido daquela saudação. De fato, o mensageiro em si talvez não fosse o motivo principal de seu deslumbramento na mensagem que ele trazia consigo, mas revela uma novidade grandiosa dizendo que ela é cheia de graça.

Neste sentido, é visível que o título novo dado a Maria pelo anjo enfatiza que ela ganhou um olhar favorável de Deus e por isso foi agraciada com um dom especial⁵⁶.

⁵⁴ LAGRANGE, R. G. *La Madre Del Salvador y nuestra vida interior*. Revisão e notas: Frederico Declaux. 3ª. edição. Madrid – Espanha: Ediciones Rialp, S. A. 1990, p. 21.

⁵⁵ SUAREZ, F. *A Virgem Nossa Senhora*. Tradução: Maria Pacheco. São Paulo quadrante, 2003, p.9-10.

⁵⁶ SUAREZ, *ibidem*, p. 11.

Segundo Carlos Ignacio Gonzalez⁵⁷, a expressão trazida pelo anúncio do Anjo Gabriel quer dizer a Maria que ela não somente encontrou graça diante de Deus, mas que tal expressão traz uma nova expectativa em sua vida, assim receberá uma nova missão como mulher, e na visão de Gonzalez diz que “Ave Maria”, é um elemento literário que tem uma função teológica. Por isso a saudação a intriga. Para entender ainda melhor, ao que diz respeito deste elemento literário e seu significado vejamos um outro caso, por exemplo, o de Gedeão: o anjo que lhe comunica o chamado de Deus para livrar o seu povo não se dirige a ele pelo nome, mas lhe diz: “*O Senhor esteja contigo, valente guerreiro*” (Jz 6,120). Ao chamar Gedeão de valente guerreiro, realça em sua vida, uma nova missão: a de combater em favor de um povo.

No caso de Maria, continua Gonzalez⁵⁸, a plenitude da mensagem está toda ela condensada na palavra anunciada pelo anjo. Por isso se trata de uma saudação que além da graça contida que se dirige a Maria por parte de Deus, traz também a missão que ela deva assumir de agora por diante. Também São João Paulo II, ao escrever a carta encíclica sobre a Mãe do Redentor⁵⁹, enfatiza que a saudação diz respeito a uma benção espiritual, não somente dirigida a Maria, mas que deverá ser estendida a todos os homens de todas as gerações, pois é o desejo de Deus que todos conheçam a verdade e salvem-se (ITm 2,4). No entanto, a Maria é feita a saudação inicial do anjo com tamanha singularidade, que logo em seguida é reconhecida por Isabel como “*a bendita entre as mulheres*” (Lc 1,42).

Diante disso, visando reconhecer todas as benemerências que Deus concedeu a vida da Virgem Maria, em virtude do nascimento de seu Filho Jesus, destaca a constituição dogmática *Lumen Gentium*:

“Mas o Pai das misericórdias quis que a aceitação, por parte da que Ele predestinara para mãe, precedesse a encarnação, para que, assim como uma mulher contribuiu para a morte, também outra mulher contribuisse para a vida. É o que se verifica de modo sublime na Mãe de Jesus, dando à luz do mundo a própria Vida, que tudo renova. Deus adornou-a com dons dignos de uma tão grande missão; e, por isso, não é de admirar que os santos Padres chamem com frequência à Mãe de Deus toda santa e imune de toda a mancha de pecado, visto que o próprio Espírito Santo a modelou e d'Ela fez uma nova criatura. Enriquecida, desde o primeiro instante da sua conceição, com os esplendores

⁵⁷ GONZALEZ, C. I. Maria Evangelizada e Evangelizadora. Tradução: José A. Ceschin. São Paulo: Edições Loyola, p. 60.

⁵⁸ GONZALEZ, *ibidem*, p. 61.

⁵⁹ PAPA JOÃO PAULO II. A Mãe do Redentor: carta encíclica. São Paulo: Edições Paulinas, p. 17.

duma santidade singular, a Virgem de Nazaré é saudada pelo Anjo, da parte de Deus, como cheia de graça” (LG 56)⁶⁰.

Na visão do Magistério da Igreja, relativa a maternidade divina da Virgem Maria e sua missão, fica evidente o caráter transcendental destacado no diálogo angelical no momento da anunciação. Partindo deste ponto de vista, a comunidade eclesial sempre buscou promover as motivações necessárias para a valorização e o entendimento do significado da missão sublime que a Virgem Maria recebeu no instante da anunciação. Neste sentido, São João Paulo II afirma que aquela saudação deu a Maria um nome novo, sublinhando em sua vida uma nova missão. Assim novos horizontes missionários se abrem na vida de Maria⁶¹. Um exemplo clássico deste cenário é algo parecido ocorrido na vida de Abrão e sua esposa Sarai, que ao serem chamados a fazerem aliança com Deus, receberam novos nomes, se chamarás Abraão (Gn 17,5), e sua esposa, se chamarás Sara (Gn 17,15).

Desta maneira, ao corresponder ao chamado amoroso de Deus, fica visível que o caráter do nome novo, propõe uma nova missão. Desse modo, por meio de uma perspectiva de acomodação⁶², podemos dizer que encontramos aqui uma pequena correlação ao livro do Apocalipse de São João quando escreve a Igreja de Pérgamo dizendo: *“Quem tiver ouvidos, ouça o que o Espírito diz às igrejas: Ao vencedor darei o maná escondido e lhe entregarei uma pedra branca, na qual está escrito um nome novo”*⁶³ *que ninguém conhece, senão aquele que o receber”* (Ap 2,17).

Assim, na situação específica de Maria, trata-se de uma graça recebida não por ser melhor do que as demais mulheres de sua época ou por uma qualidade pessoal a mais, a graça recebida está em vista do nascimento do Messias. Com efeito, como dom gratuito de Deus, Maria é a receptora e destinatária da mensagem angelical. Contudo, o mensageiro divino ao chamá-la cheia de graça, não quer somente qualifica-la com um adjetivo a mais em sua vida, mas quer frisar que o anúncio de sua maternidade divina a fez agraciada, e por isso o anjo diz: *“eis que conceberás em teu seio e darás à luz um*

⁶⁰ COMPÊNDIO DO VATICANO II. Constituições e Decretos. Introdução e índice analítico: Frei Boaventura Kloppenburg O.F.M; Coordenação geral: Frei Frederico Vier O.F.M. Constituição dogmática *Lumen Gentium*, sobre a Igreja. Petrópolis: Editora Vozes, 2000.

⁶¹ PAPA JOÃO PAULO II, ibidem, p. 18.

⁶² GONZALEZ, ibidem, p. 43.

⁶³ Nota explicativa: O maná escondido por Jeremias com a arca, 2Mc 2,4-8; cf Hb 9; é o alimento do Reino celeste Jo 6,31.49; cf. 15,8+. A pedrinha branca, cor da vitória e da alegria é a sinal da admissão neste Reino; o nome novo 3,12; 19,12, exprime a renovação interior que torna digno dele visto em Is 1,26 (cf. BÍBLIA DE JERUSALÉM. Direção editorial: Paulo Bazaglia; coordenação editorial: José Bortolini. São Paulo: Paulus, 2002, Ap 2,17 e nota explicativa de rodapé).

filho, e o chamarás com o nome de Jesus” (Lc 1,31). Nas palavras de São João Paulo II é assinalado que a graça especial que Maria recebeu como dom naquele exato momento, tem sua fonte na vida Trinitária do próprio Deus⁶⁴, fazendo dela protagonista e autêntica missionária da boa nova.

Portanto, na perspectiva do contexto da anunciação, padre Pedro Iwashita⁶⁵ ressalta que tal cenário é apresentado em cenas muito vivas, isto é, na prática da vida diária, com o intuito de anunciar em primeiro lugar o Cristo, na vida de Maria. Por isso, é fundamental salientar que todas benemerências favoráveis na vida de Maria, é em vista do nascimento do Messias. Assim, vemos que é a maternidade divina de Maria que deve ser vista como fator principal de todas as graças ou títulos de honradez recebidos em sua vida.

1.6 Maria sinal de esperança na vida laical: a piedade popular.

A maneira com que Maria aparece inserida na soteriologia causa em muitos cristãos certo embelezamento e certa comoção, oferecendo como reflexo desta comoção, os mais variados sentimentos de piedade popular. O encantamento é visível, especialmente a partir da ótica e entrega total a Deus, sendo submissa em todos os aspectos da vontade divina, aniquilando a sua própria vontade para obedecer mais a Deus. Ao mesmo tempo audaciosa e cheia de coragem em desafiar os poderosos de seu tempo (Lc 1,46-48). Entretanto, Kathen Coyle⁶⁶, faz um alerta diante da passividade e submissão exacerbada, que muitas vezes apresentam de maneira forçada na vida de Maria, e diz que é preciso discernir bem a Maria dos evangelhos e a Maria que circunda nas chamadas camadas da piedade popular-mariana. Não somente isto, mas faz uma crítica bastante relevante sobre as imagens modeladas a partir da visão fictícia da piedade popular e diz que isto muitas vezes pode deturpar o olhar daquela Maria verdadeira dos evangelhos, os quais de fato, sublinham uma mulher jovem, audaciosa, lutadora e conhecedora das leis de seu tempo, inserida na sociedade.

⁶⁴ PAPA JOÃO PAULO II, *ibidem*.

⁶⁵ IWASHITA, P. K. *Maria e Iemanjá: análise de um sincretismo religioso*. São Paulo: Edições Paulinas, 1991, p. 132-133.

⁶⁶ COYLE, K. *Maria na Tradição cristã: a partir de uma perspectiva contemporânea*. Tradução: Bárbara Theoto Lambert. São Paulo: Paulus, 1999, p. 14-15.

À vista disso, para manter um bom equilíbrio de reflexão teológica entre um e outro aspecto mariano, se faz mister ressaltar alguns traços de um verdadeiro discípulo que são testemunhados na vida de Maria, Mãe de Jesus. Assim, na linguagem da V CELAM que aconteceu na cidade de Aparecida, Maria tornou-se para o povo latino-americano a perfeita discípula do Senhor, seguidora fiel e radical de Jesus, mãe e irmã da comunidade dos discípulos de Jesus, profetisa e libertadora das opressões de classes sociais, romeira da fé a caminho de uma vida mais digna, contemplativa no cotidiano⁶⁷. Efetivamente, a reflexão sobre Maria apresentada pela V CELAM é bastante pertinente a todos fiéis no mundo contemporâneo e vai de encontro ao que K. Coyle apresenta como visão de prudência e alerta para não diminuir a pessoa de Maria, em uma visão reducionista de imagem muito piedosa, mas de enxergá-la também como pessoa de fé, discípula, que é figura de luta por sociedade mais justa e fraterna.

Neste sentido, depurar as falsas mensagens e ambiguidades sobre Maria passa a ser relevante e desafiador para maior amadurecimento da fé cristã, no tocante a piedade popular-mariana. Nesta ótica, dom Murilo S. R. Krieger⁶⁸, atual arcebispo de Salvador, diz que a piedade popular é um verdadeiro tesouro do povo de Deus e por isso é uma demonstração contínua do Espírito Santo na vida dos fiéis e da Igreja. Haja vista que a eclesialidade reconhece inúmeras formas concretas de fé popular na escola de Maria que se traduzem muitas vezes em orações piedosas, cantos de louvores a Nossa Senhora e que, além de tudo isso, trouxeram bons frutos ao longo da história cristã. Por isso, o cuidado com a piedade popular deve ser levado em consideração em toda comunidade eclesial e muito bem orientado ao povo, para que conheçam, de fato, as formas de devoções marianas que não contradizem com a fé cristã.

Assim, podemos citar como exemplo, alguns tesouros da piedade popular, como o ofício da Bem-aventurada Virgem Maria, surgido na Alta Idade Média, entre os séculos V e XI, ou mesmo o Rosário, que é fruto das meditações diárias e contemplativas da Encarnação, Paixão, Morte e Ressurreição de Jesus Cristo⁶⁹. Ainda a Ave Maria, que talvez seja a oração que mais se reza nos lábios dos mais pequeninos e humildes, ou a Salve Rainha, como oração que coroa as meditações do Rosário, sendo que, estas duas serão objetos de maior reflexão no terceiro capítulo desta dissertação.

⁶⁷DOCUMENTO DE APARECIDA. Texto conclusivo da V Conferência Geral do episcopado Latino Americano e do Caribe. São Paulo: Paulus, 2007, nro 266, p. 124.

⁶⁸ KRIEGER, M. Maria na piedade popular. Coleção Mãe de Deus: 1ª. edição 2016. Organizadores: Dom Leonardo Ulrich Steiner, OFM; Dom Murilo S.R. Krieger. São Paulo: Edições CNBB, 2016, p. 23.

⁶⁹ Krieger, *ibidem*, p. 24.

Diante deste contexto, podemos buscar mais uma contribuição para dinamizar ainda mais a visão deste cenário, com o Papa Francisco. Assim, o sumo pontífice, enfatiza que a piedade popular mariana passa a ser uma escola de fé e oração muito profunda, que nos leva ao encontro de Jesus⁷⁰. Basta recordar brevemente de algumas orações marianas, como a oração do Anjo do Senhor no período matutino, hora média e vespertino; ou ainda as ladainhas a Nossa Senhora como orações de rogações e petições, enfim o senso dos fiéis tem muito a ensinar um caminho de fé simples e humilde, como foi sempre na escola de Maria; no entanto mesmo com tantos benefícios encontrados nas orações marianas, nunca se deve descuidar do acurado acompanhamento eclesial.

De fato, com tantos crescimentos piedosos que surgiram na vida do povo mais simples, Maria não deixou de ser objeto de profunda reflexão teológica, obviamente, como já foi dito aqui, em relação ao nascimento do Cristo em sua vida. Visto por esta ótica, torna-se natural que tamanha devoção, também deva encontrar metodologia e pedagogia a ser bem aplicada, para que encontre um espaço sadio no seu crescimento e que se torne perene. Por isso, alguns desafios a serem sanados na dimensão da piedade popular devem ser bem observados com maior diligência. Evidentemente deve ser levado em conta também, as grandezas espirituais que tais devoções trouxeram como força na ascese cristã a todo povo de Deus, especialmente os mais simples. Com efeito, a preocupação é tamanha na área da piedade popular em depurar o que é realmente parte integrante da fé cristã, que o Papa Paulo VI salientou na *Evangelii Nuntiandi*⁷¹:

“A religiosidade popular, pode-se dizer, tem sem dúvida as suas limitações. Ela acha-se frequentemente aberta à penetração de muitas deformações da religião, como sejam, por exemplo, as superstições. Depois, ela permanece com frequência apenas a um nível de manifestações culturais, sem expressar ou determinar uma verdadeira adesão de fé. Ela pode, ainda, levar à formação de seitas e pôr em perigo a verdadeira comunidade eclesial. Se essa religiosidade popular, porém, for bem orientada, sobretudo mediante uma pedagogia da evangelização, ela é algo rico de valores. Assim ela traduz em si uma certa sede de Deus, que somente os pobres e os simples podem experimentar; ela torna as pessoas capazes para terem rasgos de generosidade e predispõe-nas para o sacrifício até ao heroísmo, quando se trata de manifestar a fé; ela comporta um apurado sentido dos atributos profundos de Deus: a paternidade, a providência, a presença amorosa e constante, etc. Ela, depois, suscita atitudes interiores que raramente se observam alhures no mesmo grau: paciência, sentido da cruz na vida cotidiana, desapego, aceitação dos outros, dedicação, devoção, etc. Em

⁷⁰PAPA FRANCISCO. Angêlus. Praça de São Pedro. Vaticano: 2013. Site: Vatican.va La Santa Se. Link: https://translate.google.com.br/translate?hl=pt-BR&sl=es&u=https://w2.vatican.va/content/francesco/es/angelus/2013/documents/papa-francesco_angelus_20131006.html&prev=search. Acesso em 14/05/2017, às 16h30.

⁷¹ PAPA PAULO VI. Exortação apostólica: Sobre a evangelização no mundo contemporâneo. São Paulo: Paulus, 1999, nro 48, p. 18-19.

virtude destes aspectos, nós chamamos-lhe de bom grado "piedade popular", no sentido religião do povo, em vez de religiosidade" (EN 48).

Do ponto de vista do Papa Paulo VI, a piedade popular tem fundamentos bíblicos bastante significativos e importantes, porém, algumas questões devem ser devidamente observadas, a fim de que os conceitos fundamentais sobre a fé cristã não sejam deturpados e sim esclarecidos, especialmente na dimensão da piedade popular. Efetivamente, na história eclesiástica da Igreja, sempre foi necessário esmiuçar alguns princípios e conceitos da teologia fundamental para aumento e crescimento da fé cristã, haja vista os inúmeros concílios que houveram até nos dias de hoje. Diante disso, no que se refere a apologética cristã, vemos que a comunidade eclesial sempre batalhou arduamente para não se perder o que é precioso na história cristã.

Assim sendo, no que diz respeito a evangelização, podemos encontrar na piedade popular propostas belíssimas e alternativas como vias iluminativas acerca da fé, sobretudo aos mais simples. Neste sentido, o cuidado a ser tomado em meio a piedade popular, ainda que melindroso, é um tanto que prazeroso, pois não há como negar que Maria continua sendo na consciência e na vida cristã um grande e forte símbolo da fé, sobretudo na vida dos mais pequeninos. Assim, mesmo diante da perspectiva da teologia do senso dos fiéis, a comunidade eclesial nunca deixou de olhar com grande carinho o grande contributo que a piedade popular trouxe para a fé cristã, acima de tudo onde o Magistério eclesial não consegue chegar ou tocar com palavras com estilos eruditos. Dentro deste contexto, comenta Dom Murilo⁷²:

“A espiritualidade mariana, e nela, a piedade popular mariana, para ser uma resposta adequada aos desafios de hoje, necessita ser profundamente calcada no Evangelho. Assim, os homens e as mulheres de hoje descobrirão que Maria de Nazaré, apesar de absolutamente abandonada à vontade do Senhor, longe de ser uma mulher passivamente submissa ou de uma religiosidade alienante foi, sim, uma mulher que não duvidou em afirmar que Deus é a favor dos humildes”.

Deste ponto de vista, a força de Maria passa a ser algo inovador e muito favorável na história da vocação humana, mormente, da mulher. Logo, observa-se que Maria tornou-se ícone-símbolo em contextos de luta, podendo oferecer propostas inovadoras para auxiliar na libertação dos mais simples e marginalizados. Por isso, em inúmeras ocasiões, Maria é destacada em favor do rompimento de estruturas que marginalizam o mais fraco. Não por menos, que o seu canto do *magnificat*, nos sugere uma visão

⁷² KRIEGER, M. Maria na piedade popular. Coleção Mãe de Deus: 1ª. edição 2016. Organizadores: Dom Leonardo Ulrich Steiner, OFM; Dom Murilo S.R. Krieger. São Paulo: Edições CNBB, 2016, p. 35.

libertadora na quebra e da ruptura hierárquica e esmagadora ao mais pobre e mais fraco: *“A minha alma engrandece ao Senhor, pois viu a pequenez de sua serva...”* (Lc 1,53).

Portanto, segundo Katheen Koyle⁷³, é justamente nestas realidades presentes e muitas vezes massacrantes e tirânicas, que Maria se torna modelo de discípula a ser seguida. Romper com as estruturas que corrompem a vida humana é o caminho da liberdade e felicidade. Maria em sua simplicidade e humildade ensina-nos um caminho novo, seguro e eficaz para se alcançar um novo momento de restauração espiritual e inserção social. Diante disso, ressalta K. Coyle, que o grande esforço é a tentativa de fazer o Reino acontecer em nosso meio, no aqui e agora, então a intercessão de Maria, em uma perspectiva de solicitude e fraternidade pode ser vista na vida de todo o povo eleito como algo positivo. Por isso, devemos compreender e aprofundar ainda mais o sentido da intercessão como espiritualidade e momento de inserção social.

1.6.1 A intercessão mariana a serviço da Igreja e dos fiéis.

Desde suas origens a doutrina bíblica sempre convalidou a oração como pedidos para acontecer algo⁷⁴ ou mesmo como mediação na tentativa da restauração de um povo (Ex 33,12-17). Não são poucos aqueles que desde o Antigo Testamento, foram chamados por Deus e se colocaram a serviço do Reino e fizeram constantes orações de intercessão. Citando como exemplo, vemos Abraão se colocar a serviço, como instrumento de Deus, para conduzir o povo escolhido, tornando-os, herdeiros de uma promessa sagrada (Gn 12,1-9). Neste caso, em Abraão, a oração é destacada como um aspecto positivo de sua missão, pois Abraão suplicou por Ló e este foi liberto da destruição de Sodoma e Gomorra (Gn 18,16-33–19,1-29). Assim, tendo em vista a oração como dom e serviço, Moisés também não só intercedeu, mas perseverou na oração por Israel, que estava vivendo a apostasia, logo, também foi ouvido (Ex 32,1-14).

Desta maneira, a própria Sagrada Escritura preconiza fortes indícios de vários benefícios alcançados pelo serviço de um mediador ou intercessor. Dentro desta perspectiva, também Samuel rezou constantemente pela nação (ISm 7,2-14); Daniel

⁷³ COYLE, K. Maria na Tradição cristã: a partir de uma perspectiva contemporânea. Tradução: Bárbara Theoto Lambert. São Paulo: Paulus, 1999, p. 22.

⁷⁴ DUFOUR, X. L. Vocabulário de Teologia Bíblica. Tradução de Fr. Simão Voigt. 12ª. edição. Petrópolis/RJ: Editora Vozes, 2013. Verbete: Oração (Paul Beauchamp), p. 69i-694.

rogou pela libertação do seu povo do cativo (Dn 9,4b-27); Davi suplicou pelo povo (II Sm 7,18-29); Elias implorou a Deus com fervor para que não chovesse e sua súplica é atendida durante longos anos (IRs 18,36-46). É nesta ótica, que a partir de Jesus de Nazaré, a oração ganha seu caráter substancial de intercessão. Isto é, a base de toda oração neotestamentária deve ser cristocêntrica, quer dizer, buscar em Jesus as motivações principais e necessárias para suplicar por si e pelos outros. Assim, em vista da ascese cristã para que dê bons frutos, a referência de espiritualidade⁷⁵ e ápice de toda oração, atinge sua plenitude em Jesus Cristo, pois sua oração é a expressão de seu ser e ao mesmo tempo revela-O⁷⁶.

Por isso, não nos surpreende ver São Tiago motivar os cristãos a rezarem constantemente quando diz em sua carta: *“Orai uns pelos outros, pois a oração do justo tem grande eficácia”* (Tg 5,16). Com efeito, também a oração de intercessão dos apóstolos sobre os pagãos, alcançou misericórdia junto a Deus, que concedeu a todos eles a graça do Espírito Santo (At 8,14-17). Nesta lógica, interceder é colocar-se a serviço também na oração em favor de outrem, oferecendo auxílio oportuno em determinada causa⁷⁷. Não por menos, que antes de sua Paixão e Morte, o próprio Jesus rogou por seus discípulos ao Pai, para que permanecem unidos a Ele (Jo 17,6-26), especialmente em Jerusalém (At 1,4).

Partindo deste ponto de vista, e com base na união íntima com Cristo, os santos no céu intercedem por todos os batizados na terra, sugerindo que há um infindável tesouro de riquezas espirituais⁷⁸ que são colocados à disposição de todos que adoram Jesus e veneram os santos. Neste sentido, afirma o Catecismo da Igreja Católica:

“De modo nenhum se interrompe a união dos que ainda caminham sobre a terra com os irmãos que adormeceram na paz de Cristo: mas antes, segundo a constante fé da Igreja, essa união é reforçada pela comunicação dos bens espirituais. Os bem-aventurados, estando mais intimamente unidos com Cristo, consolidam mais firmemente a Igreja na santidade. Eles não cessam de interceder a nosso favor, diante do Pai, apresentando os méritos que na terra alcançaram, graças ao Mediador único entre Deus e os homens, Jesus Cristo. A nossa fraqueza é assim grandemente ajudada pela sua solicitude fraterna dos nossos irmãos que nos precedem no céu” (CIC 955-956).

⁷⁵ SHELDRAKE, F. *Espiritualidade e teologia: vida cristã e fé trinitária*. Tradução de Ricardo Gouveia. São Paulo: Paulinas, 2005, p. 23-32.

⁷⁶ LA FRANCE, J. *O poder da oração*. Tradução do original: Maria Eugénia Sá da Bandeira. Braga – Portugal: Editorial A.O. Braga, 1992, p. 144-148.

⁷⁷ LACOSTE, J.Y. *Dicionário crítico de Teologia*. São Paulo: Edições Paulinas e Loyola, 2004, verbete: *Oração*. p. 1283.

⁷⁸ CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Indulgências: orientações litúrgico-pastorais*. São Paulo: Paulus, p. 19.

À vista disso reflete o Papa Francisco, e diz que existe uma comunhão espiritual entre a Igreja Peregrina, Padecente e Triunfante, as quais intercomunicam-se entre si por um fio condutor da fé, na qual se dá a comunhão dos santos, logo, segundo o Sumo Pontífice, *“todos os batizados aqui na terra, as almas do Purgatório e todos os beatos que estão já no Paraíso formam uma só grande família. Esta comunhão entre terra e céu se realiza especialmente na oração de intercessão”*⁷⁹. Ora, se essa união não se extingue com a morte de um cristão, então nós, os da terra, podemos orar uns pelos outros, podemos rezar pelas almas do purgatório, e também podemos dirigir-nos aos que estão no céu para pedir-lhes a intercessão junto de Deus.

Destarte que a maneira de teologizar do Papa Francisco é bastante pertinente, pois nos insere e nos incentiva a uma perspectiva totalmente oracional, em que ao mesmo tempo, o seu modo de pensar sobre a comunhão dos santos no céu e na terra, se torna simples e agradável. Assim, esta forma de pensar devolve-nos uma expectativa muito promissora, pois diante das rogações e pedidos de intercessão, certificamo-nos que há uma contínua comunhão entre todos os batizados, independentemente da realidade em que nos encontramos, seja na Igreja Peregrina, Padecente ou Triunfante, isto é, naquela que há de vir (Ap 1,8; 21,1). Há, portanto, união e solidariedade entre todos os cristãos, vivos e defuntos, e neste caso, partindo de uma visão teológica, floresce mais uma reflexão sobre como se dá a comunhão dos santos entre o céu e a terra.

1.7 Maria e o serviço no evangelho de São Lucas.

“Disse, então, Maria: Eu sou a serva do Senhor; faça-se em mim, segundo a tua palavra! E o anjo a deixou” (Lc 1,38).

De fato, o sim de Maria a torna Mãe do Messias, mudando totalmente o rumo de sua vida terrena e a inseri em um patamar transcendente com perspectiva missionária em favor do povo de Deus. Assim, como Mãe do Senhor (Lc 1,31-33), é discípula fiel (Dap 1), atenciosa a sua parentela (Lc 1,56) e aos seus convivas (Jo 2,3), se mantendo com a coragem e fortaleza de mãe protetora (Mt 2,13-15) ou rezando com os irmãos (At 1,14)

⁷⁹ZENIT, o mundo visto de Roma. Papa Francisco: A comunhão dos santos. Site: Zenit. <https://pt.zenit.org/articles/texto-da-catequese-do-papa-francisco-sobre-a-comunhao-dos-santos/>. Acesso: 05/abril/2017, às 09h59.

no cenáculo. Desta forma, não fica difícil elencar alguns títulos, de extremo carinho que foram nascendo ao longo da história cristã, em particular nos lábios dos mais pequeninos.

Neste sentido, a perfeita discípula do Senhor⁸⁰ é um desses títulos memoráveis que Maria recebeu ao longo da história cristã. Modelo de todos os fiéis⁸¹, um protótipo a ser imitado e seguido como exemplo. Dócil que auxilia e é solícita⁸², realçando a grande atenção que Maria dispensa aos seus filhos. A vista de tantos elogios recebidos durante a história eclesial da Igreja, só temos que entender que de fato, Maria fez algo de notável para que seu nome fosse perpetuado entre gerações, com efeito, como ela mesma canta em seu hino de louvor e gratidão a Deus no magnificat: “*todas as gerações irão me chamar bem-aventurada*” (Lc 1,48).

Nesta ótica, Maria desde a sua tenra juventude⁸³ já surpreende a muitos, quando por volta de seus 13 a 15 anos de idade, decide sozinha o caminho que deva seguir em sua vida, relativamente ao *Fiat* a Deus, tendo em vista conceber pelo Espírito Santo e obter de Deus uma maternidade divina. Assim, contrariando o curso natural da história de seu matrimônio com José, Maria diz sim ao convite amoroso de Deus, para ser Mãe de seu Filho, Jesus Cristo. Entretanto, entre o sim de Maria e o chamado de Deus em sua vida, houve um caminho a ser percorrido e dúvidas a serem sanadas.

Nesta ótica, segundo o padre Pedro Iwashita, constata-se na anunciação a Maria, uma riqueza de detalhes simbólicos e teológicos a serem observados, narrada de forma muito acurada por São Lucas, sabendo que Lucas é um historiador cauteloso e um teólogo seguidor da Tradição da Igreja, assim, muito bem visto dentro desta perspectiva da anunciação⁸⁴. O primeiro detalhe a ser visto, na visão do padre Pedro Iwashita, é que se trata do anúncio do Cristo na vida de Maria, que inseparavelmente estará ligado a concepção virginal⁸⁵.

O mensageiro divino anuncia que a sombra do Altíssimo envolverá Maria e desta união, nascerá dela um ente Santo, logo, Maria com uma fé inabalável, tomando

⁸⁰ MURAD, A. Maria, toda de Deus e tão humana: compêndio de mariologia. Coleção peregrina nafé. São Paulo: Editora Paulinas; Santuário, 2012, p. 53.

⁸¹ AGOSTINHO, Santo Bispo de Hipona. A Virgem Maria: cem textos marianos com comentários. Coleção espiritualidade. Tradução: Nair de Assis de Oliveira. São Paulo: Paulus, 1996, p. 15.

⁸² BRENDAN, L. O princípio mariano na Igreja. Tradução José Maria de Almeida. Vargem Grande Paulista/SP: Editora Cidade Nova, 2005, p. 79-84.

⁸³ PATSCH, J. A Mãe do Senhor. Tradução de J. G. Merais Filho. São Paulo: Edições Paulinas, 1959, p. 36-38.

⁸⁴ IWASHITA, P.K. Maria e Iemanjá: análise de um sincretismo. Coleção pesquisa e projeto. São Paulo: Edições Paulinas, 1991, p. 131.

⁸⁵ IWASHITA, *ibidem*, p. 132.

consciência de que para Deus nada será impossível, oferece a Deus o seu sim e se torna em primeiro lugar, serva de Deus, como Mãe de seu Filho. Neste cenário, de acordo com Giovani Maria Bigotto⁸⁶, a resposta de Maria de Nazaré, pode ser vista também no âmbito sponsal, pois Maria se entrega a Deus, sugerindo uma correlação como as jovens da cultura judaica que normalmente se casam, de forma a viver com intensidade o momento relacional entre os esponsais.

Assim sendo, a analogia apresentada por Bigotto faz com que consideremos que Maria disse sim a Deus, como as jovens judias de sua época entregavam-se ao seu futuro esposo, uma entrega total e sem reservas, como sempre viveu a cultura judaica. Maria entregando-se totalmente a Deus diz: “*eis a serva do Senhor*” (Lc 1,38), ressaltando um significado de total fidelidade e inteira entrega. Ser mãe, também quer dizer ser desposada pelo Espírito Santo e entre outros aspectos significa servir. À vista disso, Bigotto acrescenta de forma magistral, ressaltando um aspecto quase nunca enfatizado sobre o sentido do serviço de Maria. Por este ponto de vista, então quando Maria diz sim a Deus, ela pode ser relacionada com as grandes promessas feita por Deus em suas manifestações divinas desde o Antigo Testamento, pois assim afirma Bigotto:

“A palavra serva, no mundo bíblico, é muito nobre. Maria se insere no séquito dos grandes servos de Deus: Abraão, Moisés, Davi, e profetas... à espera de Jesus. Para aquele que crê pôr-se a serviço de Deus é um princípio fundamental de liberdade e de amor. Trata-se de uma coerência com a fé e muito gratificante participar do projeto de Deus. Na resposta de Maria, há mais que humildade: há amor e grandeza”⁸⁷.

Na visão de Bigotto, Maria não é uma escrava de Deus como alguns, muitas vezes dizem ou traduziram⁸⁸, permitindo uma conotação ambígua do serviço com sentido negativo. Em Maria o serviço é extremamente positivo e transcende toda ação humana de uma mera escravidão qualquer. Assim, o contexto cristológico-mariano narrado por São Lucas, realça uma proposta com expressão bastante significativa, pois em Maria o sentido da palavra serviço ganha nova entonação semântica e a faz dela morada e sacrário da Santíssima Trindade. Logo, a expectativa do serviço mariano no evangelho de São Lucas pode ser vista como gênero literário que transcende a ação humana no sentido de servir a Deus, sobretudo nas famílias. Assim, Maria serviu e cooperou com Deus, e desta

⁸⁶ BIGOTTO, G.M. Maria: a Mãe de Jesus. Coleção Maria em nossa vida. São Paulo: Editora Paulinas, 2013, p. 210.

⁸⁷ BIGOTTO, *ibidem*, p. 212.

⁸⁸ PATSCH, *ibidem*, p. 75.

consequência, atestamos atitudes exemplares da serva do Senhor, a partir do nascimento⁸⁹ ou do parto doloroso da Igreja (Rm 8,18-23).

1.7.1 Maria e os seus préstimos na família.

“Naqueles dias, Maria pôs a caminho para a região montanhosa, dirigindo-se apressadamente a uma cidade de Judá. Entrou na casa de Zacarias e saudou Isabel” (Lc 1,39).

A cena descrita por São Lucas, mais uma vez coloca em evidência a ação de Deus, e conforme o versículo acima, em um estilo dinâmico e fortemente missionário, fazendo de Maria a primeira missionária, que leva Jesus às famílias alegremente⁹⁰. Segundo a descrição lucana, a primeira felizada a ser contemplada com a visita missionária de Maria, é Isabel, sua prima natural. Desse modo, o texto sugere múltiplas interpretações, e dentre algumas, foi escolhida a que mais se aproxima da reflexão em questão. Na qual Jose Antônio Pagola⁹¹, faz uma leitura exegética em que o menino “salta de alegria” no ventre de Isabel, dando a entender que já está cumprindo o seu papel de precursor e interage no ventre de sua mãe, estremecendo-a interiormente, “avisando-a” da chegada do Messias em sua casa. O deslumbramento é tamanho que Isabel recebe Maria como Mãe do seu Senhor (Lc 1,43).

Nesta lógica, a estadia (Lc 1,56) e o serviço de Maria na casa de Isabel, impacta-nos em uma dimensão virtuosa de sua humildade⁹², que ela mesma diz ter recebido de Deus: *“olhou para humildade de sua serva”* (Lc 1,48). A reflexão parte do princípio na qual Maria está para dar à luz ao Salvador e pela ótica evangélica, mesmo assim ficou ao lado de sua prima Isabel, oferecendo todos os cuidados necessários, pois sua prima já era de idade avançada (Lc 1,36) e carecia de ajuda. Não somente por este detalhe do serviço doméstico, olhemos também por um ponto de vista espiritual, pois Maria ao chegar naquele lar levou consigo o Salvador, cumprindo antecipadamente o pedido de Jesus, feito aos seus discípulos e missionários, após sua Ascensão, quando disse:

⁸⁹ RATZINGER, J. Jesus de Nazaré: da entrada em Jerusalém até a Ressurreição. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2011, pp. 202-205.

⁹⁰ BIGOTTO, G.M. Maria: a Mãe de Jesus. São Paulo: Editora Paulinas, 2013, p. 230-241.

⁹¹ PAGOLA, J. A. O caminho aberto por Jesus. Tradução: Gentil Avelino Titton. Petrópolis: Editora Vozes, 2012, p. 30.

⁹² BIGOTTO, *ibidem*, p. 275.

“Todo poder me foi dado no céu e sobre a terra. Ide, portanto, ide e fazei que todas as nações se tornem discípulos meus, batizando-as em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo e ensinando-as a observar tudo quando vos ordenei. E eis que estou convosco todos os dias, até a consumação dos séculos” (Mt 28,18b-20).

Assim, não se trata somente de um favor familiar em cuidar de uma parente que está em período de gestação ou com a intenção de obter algo em troca. Não obstante, a visita de Maria a sua prima Isabel, além de servi-la, supera uma visitação meramente realizada em um contexto de obrigação familiar. Neste sentido, com muita alegria Maria apresenta o Messias à casa de sua prima Isabel e mesmo assim, se coloca a serviço, com aquela atitude concreta de vivenciar o que respondeu ao seu Senhor⁹³, quando firmou um compromisso com Deus e disse: *“eu sou a serva do Senhor”* (Lc 1,38).

1.7.2 Maria sinal da proteção de Deus e esperança do reencontro.

“Ao vê-lo, ficaram surpresos e sua Mãe lhe disse: Meu filho, por que agiste assim conosco? Olha que teu pai e eu, aflitos, te procurávamos” (Lc 2,48).

Alguns teólogos veem na passagem evangélica da perda e reencontro do Menino Jesus no templo, uma espécie e antecipação da Paixão, Morte e Ressurreição⁹⁴. Talvez diante de uma visão pouco mais espiritualista, seja bem provável que esta reflexão alcance bom êxito, e creio que não deve ser descartada, pois são acontecimentos bastantes significativos que relacionam um período ao outro, ou seja, a infância (Lc 2,41-50) com a Morte e Ressurreição (Lc 22–24) de Jesus.

Entretanto, prefiro aquelas pouco mais tradicionalistas, onde se analisa o que de fato está narrado por São Lucas (Lc 2,41-50). Desta forma, no evangelho lucano é relatado, que há uma intensa procura de Maria e José na busca de reencontrar o Menino Jesus que havia se perdido deles, e desse modo coloca-nos em um cenário de imenso amor filial, que não quer deixar o Filho perdido. Além disso, como um grande teólogo detalhista, São Lucas, faz questão de ressaltar que José, de fato, assumiu a paternidade putativa de Jesus, enquanto que Maria é Sua verdadeira Mãe⁹⁵. Por este ponto de vista, tanto Maria como José, ambos buscam intensamente os locais mais prováveis onde o

⁹³ BIGOTTO, *ibidem*, p. 274.

⁹⁴ BIGOTTO, p. 318.

⁹⁵ BIGOTTO, p. 320.

Menino Jesus poderia ter querido ficar⁹⁶. Quem sabe neste momento de grande preocupação em encontrá-lo, não passou na mente de um e de outro, a responsabilidade que assumiram diante de seu Senhor, não somente como pais, mas também como servos e responsáveis do Filho de Deus (Lc 1,38; Mt 1,18-25). Realmente, a responsabilidade de guardar o Menino Jesus, até chegar a sua hora (Jo 2,4), era de Maria e José.

Evidentemente, além de ser Mãe do Menino Jesus, mas também como serva fiel à missão recebida, Maria se preocupa em reencontrar o menino que aparentemente está perdido, pois ela está envolvida em um sentimento de perda⁹⁷. Assim, é conveniente recordar que (“mais tarde”) em algumas parábolas ensinadas pelo próprio Jesus, perder-se, refere-se a afastar-se do amor paterno e materno, podendo indicar diante de uma exegese bíblica certa preocupação soteriológica referente ao escaton. Assim, como exemplo, podemos pensar, na parábola do filho pródigo, na qual o reencontro com o pai restabelece definitivamente a felicidade e a alegria no coração paterno, ou seja, o filho que estava perdido, agora se reencontra nos braços amorosos do Pai, e está a salvo. De fato, o sentimento de perder algo ou alguém, nos insere em uma atitude com perspectiva missionária, de procurar o que está perdido ou esperar a volta para casa.

Nesta visão, podemos concluir que Maria e José não se acomodaram e ficaram apenas esperando o retorno do Filho à casa de forma miraculosa, isto é, se colocam em verdadeira atitude de busca a reencontrar o Filho que para ambos havia se perdido. Entretanto, esta atitude de Maria e José, pode sugerir equivalência à reflexão proposta do Papa Francisco relativamente à missão da Igreja, ao escrever a sua primeira encíclica *Evangelli Gaudium*, quando teologiza escrevendo:

“A atividade missionária ainda hoje representa o máximo desafio para a Igreja e a causa missionária deve ser (...) a primeira de todas as causas. Que sucederia se tomássemos realmente a sério estas palavras? Simplesmente reconheceríamos que a ação missionária é o paradigma de toda a obra da Igreja. Nesta linha, os Bispos latino-americanos afirmaram que não podemos ficar tranquilos, em espera passiva, em nossos templos, sendo necessário passar de uma pastoral de mera conservação para uma pastoral decididamente missionária. Esta tarefa continua a ser a fonte das maiores alegrias para a Igreja: Haverá mais alegria no Céu por um só pecador que se converte, do que por noventa e nove justos que não necessitam de conversão (Lc 15, 7)”⁹⁸.

A visão teológica do Papa Francisco em relação à vida e missão da Igreja, parece ser um forte eco da busca constante de Maria e José referente a perda do Menino Jesus,

⁹⁶ SUÁREZ, F. A Virgem Nossa Senhora. Tradução de Maria Pacheco. São Paulo: Quadrante, 2003, p. 109.

⁹⁷ SUÁREZ, ibidem, p. 110.

⁹⁸ PAPA FRANCISCO. *Evangelli Gaudium*: Exortação Apostólica sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. São Paulo: Paulus, 2013, 15, p. 9.

no templo. Desse modo, o sumo pontífice expressa o seu desejo em que a Igreja permaneça em estado ininterrupto de missão e busca intensa dos filhos que se perderam pelos caminhos. Todavia, não somente isso, mas exorta a uma missão que seja alegre e muito festiva, especialmente no caso de reencontrar a ovelha perdida (EG, 22). Assim sendo, as indicações refletidas pelo Papa Francisco, na *Evangelli Gaudium*, sugerem preocupações muito próximas, as quais Maria e José sentiram na perda do Menino Jesus. Por isso insiste na atualidade cristã em romper com a passividade e irromper mais na atividade missionária.

1.8 A Mulher do Apocalipse: Igreja ou Maria?

“Um sinal grandioso apareceu no céu: uma Mulher vestida de sol, tendo a lua sob os pés e sobre a cabeça uma coroa de doze estrelas; estava grávida e gritava, entre as dores do parto, atormentada para dar à luz” (Ap 12,1s).

Na obra *Maria e Iemanjá*, análise de um sincretismo religioso⁹⁹, ao analisar a figura da mulher do apocalipse padre Pedro Iwashita, enfatiza que não há unanimidade entre os exegetas quanto a uma interpretação única sobre a mulher vestida de sol, mencionada no livro do apocalipse. Neste sentido, segundo padre Pedro Iwashita, o autor do livro do apocalipse, não fala explicitamente da Mãe de Jesus, permitindo, assim, duas formas interpretativas, que cabe tanto a figura da Igreja como a de Maria. Assim, a mulher vestida de sol, pode representar metaforicamente o Antigo ou o Novo Israel, assim também como a Mãe do Messias.

Nesta ótica, o irmão Afonso Murad concorda com a visão de Iwashita e explicita ainda mais, realçando que a mulher citada no livro do Apocalipse de São João capítulo 12, primariamente tem como tema central de interpretação, a comunidade do antigo Israel ou a comunidade eclesial nascente no momento pós-pascal¹⁰⁰. Com efeito, que em apocalipse (12,2) lemos que a mulher grita em dores de parto, evocando aqui a figura do povo de Israel, que sofre e buscam alternativas de sobrevivência na expectativa messiânica. Ao mesmo tempo, esta mesma passagem, pode significar a comunidade

⁹⁹ IWASHITA, P. K. *Maria e Iemanjá: análise de um sincretismo religioso*. São Paulo: Edições Paulinas, 1991, p. 141.

¹⁰⁰ MURAD, A. *Quem é esta Mulher: Maria na Bíblia*. São Paulo: Paulinas, 1996, p. 220-230.

nascente no período pós-pascal, pois a comunidade dos primeiros cristãos também sofre com as perseguições ao longo dos primeiros séculos.

Seguindo este ponto de vista, continua irmão Afonso Murad¹⁰¹, e diz que de forma secundária, desde os primórdios do cristianismo, a figura da mulher em apocalipse 12 também se encaixou perfeitamente nos moldes de interpretação marianos, onde se vê a mulher que sofre em dores de parto e dá à luz, como Mãe do Messias. Evidentemente, as dores e sofrimentos, seguidos de vitória final, coloca em evidência a fé cristã em uma perspectiva escatológica também com traços marianos. Logo, a Mulher que dá a luz a um filho, de forma análoga, também é relacionada à Maria, Mãe do Messias. Então, vejamos uma e outra.

1.8.1 A Mulher do Apocalipse e a ótica eclesial.

Como vimos acima, a exegese bíblica em sua atualidade, considera em primeiro lugar que a mulher vestida de sol, mencionada no livro do apocalipse, é interpretada como a Igreja do Antigo e o Novo Israel¹⁰². Neste sentido, compreender bem o gênero literário no contexto do livro do apocalipse de São João é fundamental, para que as interpretações ganhem sua relevância com máxima exatidão, sem perder seu sentido e significados originais. Desse modo, por conter certa ambivalência, o texto sagrado não pode ser lido apenas de forma unilateral. Com efeito, conforme Carlos Ignacio Gonzalez, trata-se de um texto com estilo fortemente pastoral e oferece em seu cerne um caminho de vitória aos seguidores e testemunhas fiéis do Filho de Deus¹⁰³. Assim, dentro desta expectativa, ver a Igreja como mãe e pastora, não é simplesmente uma opção, mas uma verdade revelada. Neste seguimento, diz a nota explicativa da Bíblia de Jerusalém:

“A cena corresponde a Gn 3,15-16. A mulher dá à luz na dor (v.2) aquele que será o Messias (v.5). Ela é tentada por satanás (v.9: cf.20,2), que a persegue, bem como a sua descendência (vv.6.13.17). Ela representa o povo santo dos tempos messiânicos (Is 54; 60; 66,7; Mq 4,9-10) e, portanto, a Igreja em luta”¹⁰⁴.

¹⁰¹ MURAD, *ibidem*, p. 231.

¹⁰² GONZALEZ, C. I. *Maria evangelizada e evangelizadora*. São Paulo: Edições Loyola, 1988, p. 156.

¹⁰³ GONZALEZ, *Ibidem*, p. 157; MURAD, A. *Quem é esta Mulher: Maria na Bíblia*. São Paulo: Paulinas, 1996, p. 220; BIGOTTO, G.M. *Maria: a Mãe de Jesus*. São Paulo: Editora Paulinas, 2013, p. 440-441.

¹⁰⁴ BÍBLIA DE JERUSALÉM. Direção editorial: Paulo Bazaglia; coordenação editorial: José Bortolmi. São Paulo: Paulus, 2002; livro do apocalipse 12,1 e nota.

Assim, no caso da Nova Israel, o texto sagrado quer reportar, primariamente as perseguições que a Igreja nascente está sofrendo por parte dos imperadores. Haja vista que o foco das perseguições, se davam devido ao anúncio kerigmatico da Encarnação, Paixão, Morte e Ressurreição de Jesus Cristo, que se espalhava rapidamente por toda região do império romano (At 2,14-47; 4,1-21; 9,20-25). A vista disso havia um grande risco iminente para os governantes, logo, o de continuar mantendo seus domínios sobre toda a população, pois a mensagem evangélica trazia em seu cerne, fortes orientações sobre o Reino de Deus e suas prerrogativas, um reino de paz, de amor, de partilha, de justiça, de igualdade (Rm 14,17s). Neste sentido, algo que não fascinava os imperadores, era viver já nesta terra de forma igualitária.

Assim, na atualidade histórica e eclesial, as dificuldades e os desafios que a Igreja enfrenta, não diminuíram, mas apenas foram mudando as formas e ganhando certa evolução¹⁰⁵. Citando como exemplo, o combate a discriminação racial entre culturas ou mesmo a desigualdade social entre todos homens e mulheres, ou mesmo defender a vida, desde o seu início até o seu término natural¹⁰⁶. Entretanto, apesar de todos os desafios decorrentes da Nova Israel, Carlos Ignacio Gonzalez, acentua que não será somente o Cristo Ressuscitado que sairá vencedor, mas em seguida D'Ele estará toda gama de fiéis e testemunhas que sofreram o martírio seguindo os seus ensinamentos.

Desta forma, continua Gonzales: *“Assim, a Igreja gerada por todos os mártires que formaram o antigo Israel e seguidores de Jesus Cristo, triunfará com ele definitivamente na Cidade Celeste, onde formarão um Povo de Reis e Sacerdotes”*¹⁰⁷. Então, em uma perspectiva eclesial a mulher vestida de sol em apocalipse 12,1, representa também a Nova Israel, que sairá vitoriosa.

1.8.2 A Mulher do Apocalipse e a ótica mariana.

A constituição dogmática *Lumen Gentium* (LG 53), destaca a superioridade de Maria relativamente aos membros terrestres da Igreja e seres angelicais no céu, logicamente devido aos méritos recebidos por sua maternidade divina. Ou seja, toda

¹⁰⁵ MURAD, ibidem, p. 233-234.

¹⁰⁶ ACIDIGITAL. Artigo: Papa incentiva a defender a vida desde a sua concepção até a velhice. Site: <http://www.acidigital.com/noticias/papa-francisco-incentiva-a-defender-a-vida-desde-a-concepcao-ate-o-fim-76998/>. Acesso 01/05/2017, às 10h50.

¹⁰⁷ GONZALEZ, ibidem, p. 157, 158.

benemerência que Maria recebeu de Deus e a exaltação e enriquecimentos de dons espirituais pelo Magistério da Igreja é em vista unicamente dos méritos depositários de seu Filho Jesus em sua vida, e nada, além disso. Neste sentido, por inúmeras vezes, mediante a análise bíblica, Maria é comparada metaforicamente, com a mulher revestida de sol, que lemos em apocalipse 12, no qual realça o caminho vitorioso aos filhos da Igreja. Com muita luta e ardor, e em alguns momentos dolorosos, no entanto, um caminho vitorioso. Com efeito, a mulher do apocalipse em uma ótica mariana acena para muitos benefícios que são significativos em relação aos filhos de Deus e da Igreja.

Desta forma, ver Maria, Mãe de Jesus, como a mulher vestida de sol no livro do Apocalipse, não significa minimizar ou engessar a leitura exegética de Apocalipse 12, mas acrescenta uma perspectiva a mais na *Lex orandie e Lex credenti*¹⁰⁸. Assim, a proposta de interpretação na ótica mariana, deve acrescentar ao cristão mais um dado intelectual como via alternativa de leitura exegética na evangelização. Visto por este ângulo, o irmão Afonso Murad ressalta que:

“Maria representa também a comunidade de fé, fiel a Deus, a mulher e seus descendentes (Ap 12,7). Conforme o apocalipse, a comunidade eclesial se caracteriza fundamentalmente por duas atitudes: fazer a vontade de Deus, conformando-se com sua Palavra viva, e dar testemunho, se preciso até a morte, de Jesus (Ap 1,9; 13,17b)”¹⁰⁹.

Diante disso, constatamos que o símbolo da mulher na visão da exegese cristã relativo a apocalipse 12, não permite ambiguidades, mas um duplo sentido da mesma leitura bíblica. Ou seja, a mulher pode ser lida como a Igreja do Antigo e Novo Israel, como também Maria, Mãe do Messias. Assim, do ponto de vista de Afonso Murad, a interpretação de apocalipse 12, na ótica mariana, extrai informações significativas da mulher vestida de sol e acena para novos horizontes com um foco totalmente cristocêntrico, eclesial e essencial para a práxis cristã. Desse modo, ver a mulher de apocalipse 12 como Maria, sugere propostas de ascese cristã, ou melhor, dizendo crescimento espiritual, na qual, a comunidade eclesial tem um modelo mais perfeito a seguir. Com efeito, assinala o Concílio Vaticano II que Maria é um protótipo da Igreja a ser seguida (LG 56).

¹⁰⁸ Nota explicativa: Em relação a *lex oranti e lex credenti*, a teologia católica refere-se a esse respeito a uma fórmula atribuída ocasionalmente ao papa Celestino, e segundo a qual a oração litúrgica exprime aquilo em que se deve crer: *lex orandi, lex credenti*. (Cf. LACOSTE, J.Y. Dicionário Crítico de Teologia. São Paulo: Editoras Loyola e Paulinas, 2004, p. 1046. Verbete Liturgia: Pierre Marie GY).

¹⁰⁹ MURAD, A. Quem é esta Mulher: Maria na Bíblia. São Paulo: Paulinas, 1996, p. 235.

Nesta perspectiva, olhar para Maria, a partir da Mulher vestida de sol no livro do apocalipse, e segui-la buscando imitar sua vida virtuosa, é um grande ganho para a comunidade eclesiológica na atualidade, pois fazer a vontade de Deus e entregar-se totalmente a missão foi algo que não faltou nos traços da vida de Maria. Assim, compreendendo o livro do apocalipse na ótica mariana, não se trata de reduzir a leitura bíblica apocalíptica, mas oferecer um dado a mais para o leitor, onde possa ter mais de uma via como fonte de ser evangelizado e evangelizar.

Desta forma, o contexto literário do apocalipse de São João, passa a ser uma chave de leitura importante para a comunidade eclesial, sobretudo em tempos atuais, onde a figura do mal parece se maquiar de várias formas e se esconder em vários âmbitos, na governabilidade e relações internacionais, na sociedade, nas culturas religiosas, na política e especialmente no âmbito familiar. Então quando lemos que a figura da comunidade eclesial, sempre se torna vitoriosa diante de ataques mal-intencionados e maldosos, tanto em sentidos espiritualistas como em sentidos sociais, basta-nos atentar ao que deve ser feito em relação aos que sofreram com os mesmos tipos de ataques em tempos anteriores ao nosso. Pois a temática da apocalíptica cristã assegura-nos, que mesmo em meio a afrontas contrárias a dignidade humana, na perspectiva comunitária-eclesial cristã haverá ação efetiva com uma vitória final.

1.9 Conclusão do primeiro capítulo.

Com a queda dos primeiros pais Adão e Eva, e tendo em vista um projeto de salvação para todo gênero humano, Deus elaborou um caminho pelo qual a humanidade deva ser salva. Neste sentido, Deus se revela a toda criação de forma progressiva, e desde o Antigo Testamento, sempre colocou em evidência vias alternativas, como restauro da humanidade e permanência de seguimento fidedigno ao chamamento divino, para que o gênero humano não se desvie de seu caminho. Evidentemente, que a proposta messiânica destaca em seu cerne clara perspectiva de salvamento a toda criação e por isso o caminho a ser percorrido deve ser fidedigno ao chamado de Deus.

Entretanto, o Messias enviado por Deus, necessitou de nova morada, para sua encarnação. Assim, ao encarnar-se, por obra do Espírito Santo no seio imaculado da Virgem Maria, inaugurou como prêmio primaz, a redenção da Mulher Maria, que por sua

vez, contribuiu de forma inigualável à recapitulação tanto do homem como da mulher. Assim, em virtude do pecado original, com vistas do Messias prometido e da salvação de todo gênero humano, a antiga Eva cedeu sua primazia relativa ao gênero feminino, à Maria de Nazaré, que por sua vez, obedece fielmente e permanece ao lado de Deus, se tornando, pela ordem da graça, a nova Mãe de toda humanidade. Desta forma, tornou-se um exemplo singular a ser imitado por todos, especialmente os cristãos.

CAPÍTULO II

1 MARIA A PARTIR DO EVANGELHO DE SÃO JOÃO (2,1-12), NA ÓTICA DE COOPERAÇÃO

O quarto Evangelho, assim como os sinóticos Mateus, Marcos e Lucas, apresenta-nos como tema central a história de Cristo, em uma ótica de memória viva que parte principalmente da fé pascal (Jo 2,17; 12,16; 13,7; 20,9), que é realizada por obra do Espírito Santo, o Paráclito. Segundo Johannes Beuther¹¹⁰, o quarto Evangelho até hoje apresenta diversas teorias acerca de sua estrutura, o que nos permite formar uma bela colcha de retalhos, isto sem danificar o seu sentido primário, é lógico.

Dessa maneira, a figura de Maria como discípula exemplar que está sempre em ascensão e absorvendo tudo o que o filho diz¹¹¹, é marcada no quarto Evangelho em duas ocasiões muito especiais, no começo e no final do Evangelho. Nas duas situações, o evangelista São João faz questão de deixar claro o relacionamento de Maria com Jesus, Filho de Deus. Pois apesar da figura de linguagem que Jesus utiliza em algumas circunstâncias ao dialogar com Maria (Mc 3,31-35; Lc 2, 2,41-52), fica evidente que Maria é a Mãe de Jesus (Jo 2,1. 3.5; 19,26). Assim, como é descrito no evangelho de São João, Maria está presente no começo e no fim da vida pública de Jesus, ou seja, nas Bodas de Caná da Galiléia, no momento em que o Messias concretiza o início de sua missão, e no momento da crucifixão na hora da morte, quando consuma sua missão como Redentor (Jo 19,25).

Desta forma, no início da vida pública de Jesus, o Evangelho de São João assinala ao menos duas características em Maria, que se entrelaça à sua missão materna. Como intercessora e evangelizadora. Assim, a figura da intercessão se torna notório quando ela assume uma postura de liderança nas Bodas de Caná, pois como intercessora Maria apresenta a Jesus o cenário das núpcias e a necessidade dos que participam da festa de casamento: “*Não há mais vinho*” (Jo 2,3). Neste mesmo ínterim, como boa discípula que busca evangelizar a todo o momento, a segunda característica sugerida revela-se quando

¹¹⁰ BEUTHER, J. Evangelho segundo João – comentário. Tradução: Johan Konings. São Paulo: Edições Loyola, 2015, p. 16.

¹¹¹ DOCUMENTO DE APARECIDA. Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe. São Paulo: Paulus, 2007, nro. 01, 364.

Maria coloca-se como mulher solícita e evangelizadora entre seu Filho e os serventes, dizendo: “*Fazei o que ele disser*” (Jo 2,5).

A vista disso, na ótica do quarto Evangelho acentua-se claramente uma forte dose de cristologia que corrobora de forma significativa, no enlevo, não somente da obra Redentora de Cristo, mas também de forma discreta enfatiza a missão de Maria no mistério de Jesus. Logo, dentro deste cenário emblemático da vida de Jesus e sua missão, Maria é realçada em alguns momentos muito especiais e bastante significativos no contexto do desenvolvimento da cristologia. Maria, Mãe de Jesus, e Maria Mãe dos discípulos.

1.1 Algumas considerações preliminares no Evangelho de São João, no tocante, referente a Maria

Segundo a introdução ao Evangelho de São João, a Bíblia de Jerusalém¹¹² assinala que o Evangelho joanino foi elaborado em épocas diferentes e concluída nos meados dos anos 90 d.C, inclusive o livro do Apocalipse. Neste sentido, relativamente aos evangelhos sinóticos, o Evangelho de São João é o mais tardio em relação a sua elaboração e por isso acentua fortes sugestões que seja o Evangelho com teor de mais profundidade e maturidade. Não que os evangelhos sinóticos sejam menos importantes, entretanto os textos joaninos, por terem sido o último Evangelho a ser escrito, alvitra maior maturidade.

Segundo padre Pedro Iwahita, no que se refere a Maria o Evangelho joanino apresenta-se duas citações diretas a Maria. A Primeira nas bodas de Caná (Jo 2,1-12) e a segunda ao pé da Cruz (Jo 19, 25-27). Entretanto, há ainda algumas referências a mãe de Jesus concernentes a sua concepção virginal (Jo 1, 13; 6, 42; 7, 41-43; 8,41), ou ainda em referência a problemática com os irmãos de Jesus (Jo 2, 12; 7, 1-10)¹¹³. Nesta pesquisa, o ênfase maior será dado as duas primeiras. Pois a presença de Maria na festa das Bodas em Caná da Galiléia, sugere que a mulher profetizada no livro do Gênesis (Gen 3, 15), já está no meio de nós. Ou seja, como afirma o Apóstolo Paulo, os tempos messiânicos chegaram até nós (Gl 4, 4).

¹¹² BÍBLIA DE JERUSALÉM. Direção editorial: Paulo Bazaglia; coordenação editorial: José Bortolini. São Paulo: Paulus, 2002, p. 1835-1840.

¹¹³ IWASHITA, P. K. Maria e Iemanjá: análise de um sincretismo religioso. São Paulo: Edições Paulinas, 1991, p. 135.

Nesta perspectiva, Maria, cujo nome não é mencionado em alguns momentos no diálogo com seu Filho Jesus, não significa diminuir sua importância no contexto da soteriologia, ao contrário aumenta o seu sentido e significado, ultrapassando um pensamento meramente mesquinho de qualquer parte possível, e nos coloca em uma perspectiva histórico salvífica, que transcende a história humana de um nome apenas¹¹⁴. Com efeito, no contexto da história da salvação, dentro de uma ótica mariana, a mulher Maria é vista e relacionada com a mulher do Gênesis, que esmagará a cabeça da serpente (3,15); não somente isso, mas também em ocasiões específicas de festas marianas, é vista como a mulher do Apocalipse (12,1-9).

Na prática, a outra cena que marca de maneira singular a vida de Maria no texto de São João encontra-se no cenário belíssimo em São João (19, 25-27), descrita muitas vezes como Maria aos pés da Cruz. Assim, dentre algumas interpretações, esta cena, traz forte eco para a construção e desenvolvimento da piedade popular mariana atual, que é vista também com diversos títulos e muitas vezes como a imagem da Virgem das Dores, a Virgem Compadecida, ou da mãe e irmã que sofre (cf. DA 269). Consequentemente, sugere ainda forte relação com a Pietá de Michelangelo¹¹⁵, quando Jesus é descido da Cruz e depositado no colo de sua Santíssima Mãe. Assim sendo, são destas imagens profundamente marcantes, que a intercessão mariana é vista como dom e uma das principais formas de atuação na vida laical e da comunidade eclesial, singularmente na ação litúrgica da Igreja.

1.2 O culto a Maria na visão da *Marialis Cultus* e liturgia liquidada.

“Alegra-se a Santa Mãe Igreja, porque, por singular dom da Providência divina, amanheceu o dia tão ansiosamente esperado em que solenemente se inaugura o Concílio Ecumênico Vaticano II, aqui, junto do túmulo de São Pedro, com a proteção da Santíssima Virgem, de quem celebramos hoje a dignidade de Mãe de Deus” (cf. CV II, introdução). Desta forma, “o sagrado Concílio propõe-se fomentar a vida cristã entre os fiéis, adaptar melhor às necessidades do nosso tempo as instituições suscetíveis de mudança, promover tudo o que pode ajudar à união de todos os crentes em Cristo, e fortalecer o que pode contribuir para chamar a todos ao seio da Igreja. Julga, por isso, dever também interessar-se de modo particular pela reforma e incremento da Liturgia” (SC 1).

¹¹⁴ BEUTHER, *ibidem*, p. 81.

¹¹⁵ ACIDIGITAL. Pietá de Michelangelo: História da sua restauração. Responsável: Deoclecio Redig de Campos. Site: <http://www.acidigital.com/noticias/pieta-de-michelangelo-historia-da-sua-restauracao-35671/>. Acesso em 09/10/17, às 09h15.

A Igreja, por meio dos Concílios, em especial o Concílio Vaticano II, sempre procurou incentivar e promover o verdadeiro culto a Deus Uno e Trino e com isso fomentar alguns aspectos litúrgicos, para o bem comum de toda a Igreja, buscando aperfeiçoar o caminho no encontro com Jesus, Filho de Deus. Com efeito, sem se esquecer dos valorosos caprichos e devoções com a Mãe de Deus (cf. DA, 1, 364, 554). Desta forma, as reflexões conciliares apresentam a toda comunidade eclesial uma doutrina lúcida e consistente, com o intuito de aprimorar ainda mais o seguimento ao apostolado leigo.

Neste sentido, a Exortação Apostólica *Marialis Cultus* do Papa Paulo VI¹¹⁶, desabrochou sob bela e audaciosa inspiração do Espírito Santo, com sentido de fortes recomendações litúrgicas especialmente com vistas a piedade popular, sobretudo a devoção mariana. Assim, em plena comunhão com a *Sacrossanctum Concilium*, “a qual se propunha, exatamente, restaurar e fomentar a Liturgia, tornando mais profícua a participação dos fiéis nos sagrados mistérios” (SC 1-3), Papa Paulo VI endossou ainda mais alguns aspectos da devoção mariana com o objetivo de elucidar caminhos sóbrios aos filhos da Igreja no encontro com Jesus.

Assim, na introdução de sua Exortação Apostólica, Papa Paulo VI, lembra que o objetivo de toda reforma litúrgica proposta desde o Concílio é:

“Dar realização ordenada à restauração do culto com o qual a Igreja, em espírito e verdade (Jo 4,24), adora o Pai, o Filho e o Espírito Santo, "venera com particular amor Maria Santíssima, Mãe de Deus" (SC 103), e honra com religioso obséquio a memória dos mártires e dos outros santos” (MC p. 10).

À vista disso, com especial ênfase Papa Paulo VI, estimula e orienta a reta ordenação e desenvolvimento do culto à bem-aventurada virgem Maria, como lemos na *Lumen Gentium*, e ele mesmo exorta:

“A história da piedade demonstra que "as diversas formas de devoção para com a Mãe de Deus, que a Igreja aprovou dentro dos limites da doutrina sã e ortodoxa" (LG 66) se desenvolvem em subordinação harmônica ao culto de Cristo, e gravitam à volta deste, qual ponto de referência natural e necessário das mesmas” (MC 25). Pois, quando a liturgia "volve o seu olhar quer para a Igreja primitiva, quer para a contemporânea, aí encontra, amiúde e sem esforço, Maria: nos primórdios, como presença orante, juntamente com os Apóstolos; mais proximamente, como presença operante, juntamente com a qual a Igreja quer viver o mistério de Cristo" (MC 19).

¹¹⁶PAPA PAULO VI. *Marialis Cultus*: para a reta ordenação e desenvolvimento do culto à bem-aventurada Virgem Maria. Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, 02. São Paulo: Edições CNBB, 2016.

Na prática, a exortação do Papa Paulo VI em plena consonância com as normativas conciliares, refletem claramente o seu grande esforço em querer iluminar e encontrar um caminho sóbrio e equilibrado em relação ao culto da bem-aventurada Virgem Maria. Evidentemente, que ao oferecer um culto de homenagem a Virgem Maria, a Igreja sempre quer exaltar ainda mais o Filho de Deus como Senhor e Salvador de toda a história humana, pois toda a devoção mariana está ordenada e sob os cuidados de toda a cristologia.

Com efeito, a Virgem Maria nada mais é do que uma grande e exemplar mulher que se ofereceu a Deus em oblação para colaborar no mistério Redentor de Cristo. Desta forma, ao celebrar as várias memórias da Virgem Maria, ensinadas e orientadas pela Igreja¹¹⁷, a comunidade eclesial, nada mais quer do que dar ênfase ao Filho, que conquistou a preço de sangue a Páscoa definitiva para todos os seus discípulos. Contudo, nem sempre tudo é muito simples. Por isso, é muito significativo compreender com máxima exatidão o desejo do Papa Paulo VI¹¹⁸, ao escrever uma exortação focada a todo o clero e ao Povo de Deus, referente ao culto da bem-aventurada Virgem Maria.

Neste sentido, Dom Murilo S. R. Krieger¹¹⁹, atual arcebispo de Salvador – BA contribui e expressa sua preocupação mediante a liturgia, citando a exortação *Marialis Cultus*, quando enfatizou, que a piedade popular é um imenso tesouro, que não pode ser perdida ao léu. No entanto, é preciso reconhecer as limitações que a piedade popular traz consigo. Por isso, a brilhante abertura oferecida ao leigo e seu apostolado, principalmente a partir do Concílio Vaticano II (cf. AA, 1), não pode ser envenenada com meras celebrações com performance híbridas e sem o objetivo de encontra-se com Jesus na Eucaristia e em sua Palavra.

Seguindo ainda o pensamento de Dom Murilo¹²⁰, ele frisa que na atualidade cristã, a Exortação Apostólica *Marialis Cultus*, tornou-se referência em todo âmbito mariano, pois tais orientações denunciam tanto o extremismo como a omissão em relação ao caminho da piedade popular mariana. Assim sendo, a espiritualidade popular com vistas as devoções marianas, devem ser sempre alicerçadas no Evangelho, para que não haja

¹¹⁷ CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. Missal Romano. Restaurado por decreto do Sagrado Concílio Ecumênico Vaticano II e promulgado por Papa Paulo VI. Tradução: CNBB. São Paulo: Paulus, 2011, p. 733-739.

¹¹⁸ MARIALIS CULTO, ibidem, p. 13.

¹¹⁹ KRIEGER, M. Maria na piedade popular. Coleção Mãe de Deus: 1ª. edição 2016. Organizadores: Dom Leonardo Ulrich Steiner, OFM; Dom Murilo S.R. Krieger. São Paulo: Edições CNBB, 2016, p. 33.

¹²⁰ KRIEGER, ibidem, p. 34.

qualquer tipo de desequilíbrio na esfera teológica e doutrinal. Desta forma, encontrarão em Maria não uma mulher totalmente passiva sem vontade própria, mas uma mulher que soube valorizar a presença de Deus em sua vida. Efetivamente, que Maria de Nazaré tem muito a ensinar a todos os filhos da Igreja, tanto em uma ótica de espiritualidade mística, como também em uma ótica de espiritualidade encarnada e enraizada na realidade do cotidiano.

Por esse motivo, é preciso aproximar-se com sobriedade e discernimento da liturgia cristã, onde Cristo se oferece por inteiro a todos que se aproximam D'Ele. Assim, a medida que a partir de Cristo na liturgia, os laços humanos se tornam mais próximos uns dos outros e da realidade cotidiana, há grande possibilidade de que o contato com Cristo na liturgia se torne cada vez mais real. Dentro deste contexto, *Zygmunt Bauman*¹²¹ alerta toda a sociedade atual quando reflete sobre a fragilidade dos laços entre as pessoas e diz que “*diante do fracasso no relacionamento é muito frequentemente um fracasso de comunicação*”. Assim, a visão de Bauman coloca em evidência um pensamento moderno, no qual, frequentemente, a Igreja esbarra e se vê acabrunhada, pois a relação com o Cristo deve ser a fonte primária da fé que é comunicada pela liturgia. Ou seja, em outras palavras, o mal relacionamento com Cristo na liturgia, resulta em má qualidade de comunicação com o próximo e assim vice-versa.

Desse modo, quando nos deparamos com as palavras do Papa Paulo VI, na Exortação *Marialis Cultus*¹²², referente a celebrações híbridas com muitas diversidades de piedade popular chegando a se tornar um sentimentalismo exacerbado, então, mesmo que sejam orientações em tempos antigos, se tornam orientações para o mundo atual. Pois, a visão de *Bauman*¹²³ corrobora significativamente com o pensamento do sumo Pontífice, logo, o amor pode se tornar líquido e se desfazer facilmente, se não houver um relacionamento sério e sadio que seja capaz de se comunicar ao outro. Por isso, a orientação certa do Papa Paulo VI ao escrever sobre a piedade popular em tempos antigos, sugere uma visão muito atual, a qual já nos atinge em cheios.

Assim, diz o Papa Paulo VI que:

“A Bíblia ao apresentar de modo admirável o desígnio de Deus relativamente à salvação dos homens, acha-se toda impregnada do mistério do Salvador e encerra também, sem dúvida, desde o Gênesis até o Apocalipse, referências

¹²¹ BAUMAN, Z. Amor Líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2004, p. 31.

¹²² MARIALIS CULTO, *ibidem* p. 39.

¹²³ BAUMAN, *ibidem*, p. 23-30.

àquela que foi mãe e cooperadora do mesmo Salvador. Não desejaríamos, no entanto, que o cunho bíblico se limitasse a um uso diligente de textos e símbolos sapientemente tirados das mesmas Sagradas Escrituras; essa característica comporta algo mais: requer, efetivamente, que as fórmulas de oração e os textos destinados ao canto assumam os termos e a inspiração da Bíblia; e exige, sobretudo, que o culto à Virgem Santíssima seja permeado pelos grandes temas da mensagem cristã, a fim de que os fiéis, ao mesmo tempo que veneram aquela que é a Sede da Sabedoria, sejam também eles iluminados pela luz da Palavra divina e levados a agir segundo os ditames do Verbo encarnado”¹²⁴.

De fato, diante da ótica do Papa Paulo VI fica elucidado o belo aconselhamento para que a fé não seja algo meramente passageiro ou simplesmente uma emoção momentânea, assim, o Sumo Pontífice quer sim, incentivar os fiéis a se unirem em uma liturgia que seja autêntica e evangelizadora, transformadora de realidades decadentes em realidades reluzentes e florescentes, que dê muitos e bons frutos, não somente no espaço sagrado, mas que ultrapasse as linhas e barreiras do edifício e siga até os lares, ruas e espaços sociais, os quais realmente precisam de maior atenção e testemunhas fiéis e fidedignas do Evangelho. Desse modo, a reforma litúrgica com sentido do culto a bem-aventurada Virgem Maria, visa contribuir com o crescimento da fé em Jesus Cristo.

Neste sentido, reflete o Frei *Raniero Cantalamessa*, em sua obra *Maria: um espelho para a Igreja*¹²⁵, que a perseverança e união nos pios exercícios marianos, levam muitos a se encontrarem com Jesus, Filho de Maria. Com efeito, os exercícios de piedade mariana é uma via alternativa de santificação muito satisfatória e benéfica, especialmente quando refletimos sobre a figura exemplar de Maria junto com os discípulos no cenáculo (At 1,12-14). Assim, todos unidos a Maria, Mãe de Jesus, assíduos na oração, receberam o Espírito Santo prometido por Jesus (At 2,1-4).

1.3 Maria no cenáculo: modelo de oração e espiritualidade.

“Então, do monte chamado da Oliveiras, voltaram a Jerusalém. A distância é pequena, a uma jornada de sábado. Tendo entrado no cenáculo, subiram ao quarto de cima, onde costumavam permanecer. Eram eles: Pedro e João, Tiago, André, Filipe, Tomé, Bartolomeu, Mateus, Tiago, filho de Alfeu, Simão, o Zelador, e Judas, irmão de Tiago. Todos eles perseveravam unanimemente na oração, juntamente com as mulheres, entre elas Maria, mãe de Jesus, e os irmãos dele. (At 1,12-14)”

¹²⁴ MARIALIS CULTO, *ibidem* p. 38.

¹²⁵ CANTALAMESSA, R. *Maria: um espelho para a Igreja*. 7ª. edição. Aparecida / SP: Editora Santuário, 1992, p. 139.

Conforme reflete o Frei Raniero Cantalamessa¹²⁶, o Pentecostes está situado ao final da missão de Jesus, o que possibilita o envio do Espírito Santo prometido pelo próprio Jesus (Jo 14, 15-21). Neste contexto, enfatiza o Concílio Vaticano II, que Maria se encontrava implorando com muitas súplicas a graça do Espírito Santo, em comunhão com os Apóstolos, pois ela já havia recebido o mesmo dom do Espírito Santo na anunciação (Lc 1,26-38; CVII-LG 59) e no tempo de seu nascimento, ainda no seio de Santa Ana¹²⁷. Assim, não é difícil encontrar na figura de Maria tantos exemplos a serem destacados, logo, a perseverança na oração, é um deles.

Visto por este ângulo, o Frei Cantalamessa faz questão de frisar que Maria está realmente presente em três momentos constitutivos do mistério cristão e da Igreja: a Encarnação, o Mistério Pascal e o Pentecostes. Por este contexto, vemos que o evangelista Lucas descreve com certo enlevo, que Maria está no cenáculo como a Mãe de Jesus (At 1,14), permitindo forte sugestão, que se trata da mesma mulher que estava ao pé da Cruz, no Monte Calvário (Jo 19,25). Destarte, onde ela recebe o título de mãe da nova comunidade dos discípulos fiéis (Jo 19,26s). Assim, a pericope lucana em Atos dos Apóstolos, relativo a Maria (At 1,12-14), coloca-a não como uma mera espectadora de toda a situação pré-pentecostal, mas a faz partícipe de um momento decisivo na vida cristã, pois conforme Cantalamessa é a principal motivadora na oração.

Neste sentido, tendo em vista a maternidade espiritual de Maria aos pés da Cruz, frei Cantalamessa brinda-nos com mais uma belíssima reflexão mariana quando chama Maria de madrinha da Igreja. Na ótica de Cantalamessa, Maria é mãe e madrinha, pois no Monte Calvário, Jesus a entrega como Mãe da nova Igreja, *ipso facto*; e no Pentecostes, ela acompanha o Batismo espiritual dos discípulos, ou seja, Maria está presente como madrinha espiritual e vê os discípulos amadurecerem na fé ao receberem o Espírito Santo. Assim, não por menos, que a Constituição sobre a Igreja *Lumen Gentium* ao refletir sobre Maria, realça que é o tipo de mulher com várias virtudes, que deve ser imitada por toda a Igreja, especialmente na ordem da fé, da caridade, na união com Cristo (LG 63).

Em consequência disso, há forte alusão que Maria é aquela que motiva os discípulos na oração, trazendo como proposta principal a comunhão com seu Filho Jesus.

¹²⁶ CANTALAMESSA, *ibidem*, p. 128.

¹²⁷ DENZINGER – HÜNERMANN. *Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral*. Henrich Denzinger: atualizada por Johan Konings, com base na 43ª edição alemã (2010), preparado por Peter Hünermann e Helmut Hping, 2ª. edição revisada e ampliada. São Paulo: Paulinas; edições Loyola, 2013, número 2803.

Assim, uma das vias alternativas ensinada por Maria leva-nos ao encontro com Jesus e desse modo, um relacionamento-compromisso com Ele. De fato, é deste momento bastante expressivo, no cenáculo (At 1,12-14), que o relacionamento dos discípulos com Jesus é realmente consumado. Assim, Maria torna-se um caminho eficaz para uma convivência e compromisso com Jesus, pois neste sentido afirma o Papa emérito Bento XVI¹²⁸, “*os Apóstolos, antes de ser enviados, deverão estar com Jesus, estabelecendo com Ele uma relação pessoal*”. Logo, Maria colabora na experiência dos discípulos em relacionar-se e comprometer-se com Jesus.

À vista disso, é consumada a verdadeira comunhão entre os discípulos e Jesus, a qual se faz necessária para a evangelização de todos os povos até os confins do mundo (At 1,8). Por este ponto de vista, reflete o Papa emérito Bento XVI¹²⁹:

“A comunhão é verdadeiramente a boa-nova, o remédio que o Senhor nos dá para lutar contra a solidão que hoje ameaça a todos, a dádiva preciosa que nos faz sentir acolhidos e amados por Deus, na unidade de seu povo reunido no nome da Trindade; é a luz que faz a Igreja brilhar como farol elevado entre os povos”.

Dentro desta ótica, diz o Papa emérito Bento XVI¹³⁰, que o vínculo amoroso com o Espírito Santo, não anula a nossa humanidade existencial, juntamente com todas as nossas fragilidades de pecadores e muitas vezes, errantes pelo mundo. Desta maneira, a comunidade eclesial conhece desde os primórdios da Igreja a alegria espiritual de viver como irmãos, no entanto, permanecem também as insuficiências humanas, permitindo como provações que a comunidade, por vezes seja dilacerada por divisões e discórdias.

Assim sendo, a reflexão sobre Maria como modelo de oração perseverante, sobretudo em uma ótica de contribuição para unir os discípulos, leva-nos a mais um ponto importante para esta pesquisa. Pois, relacionar e comprometer-se com Jesus sublinha o início de uma espiritualidade forte e enraizada na realidade do cotidiano. Então, o que dizer sobre espiritualidade no início da Igreja apostólica? Ou, em que, a espiritualidade apostólica desde o início do cristianismo pode influenciar nos tempos atuais? O que temos como conceito de espiritualidade nos tempos hodiernos?

¹²⁸ RATZINGER, J. Os Apóstolos: uma introdução às origens da fé cristã. Tradução: Euclides Luiz Calloni, Cleusa Margô Wosgrau. São Paulo: Editora Pensamento, 2008, p. 18.

¹²⁹ RATZINGER, *ibidem* p. 26.

¹³⁰ RATZINGER, *ibidem*, p. 26.

1.3.1 Conceito de espiritualidade

Creio que neste ponto desta investigação acadêmica, se faz importante refletir brevemente sobre espiritualidade cristã. Assim, segundo Jürgen Moltman¹³¹, o conceito de espiritualidade difundiu-se em linguagem moderna de um passado muito recente, não muito distante de nós, isto ainda com sugestivas vistas a um entendimento religioso ecumênico. Assim, Moltman pondera sobre a temática da espiritualidade e deixa transparecer de maneira clara que espiritualidade não se trata da mesma coisa que religiosidade, e por isso assinala que espiritualidade está relacionada com uma intensa vida no Espírito de Deus, enquanto que religiosidade está mais voltada ao âmbito de uma determinada profissão de fé.

Neste sentido, diz Moltman que passamos de uma vitalidade da vida no Espírito, ou seja, a *Ruah Yahweh*, do Antigo Testamento; a uma vida espiritualizada em Deus, isto é, o *Spiritus Sanctus*, do Novo Testamento. Por isto, emergem novos desafios contemporâneos relativos a esta transição neotestamentária, relativo ao conceito de espiritualidade. Como por exemplo, como é ou como deve ser a vida espiritual para os tempos atuais? Seria na solidão e na contemplação, como sempre fizeram muitos monges enclausurados da antiguidade, ou seria uma boa espiritualidade estar nas lutas diárias do cotidiano, como por exemplo, sempre fez santa Madre Tereza de Calcutá? Será que há possibilidade de um equilíbrio entre um e outro? Ou será que quem vive um tipo de espiritualidade não pode viver o outro tipo?

Deste ponto de vista, Anselm Grün¹³², anota em seu livro “O céu começa em você”, que seria salutar para a Igreja se mantivesse o contato com as antigas fontes de espiritualidade dos monges do deserto. Enquanto que Miguel Ángel Velasco¹³³ traça um ágil perfil com emoção incontida e chama santa Madre Tereza de Calcutá de a testemunha da misericórdia de Deus na história do nosso século atormentado, miserável, selvagem e maravilhoso. Ou seja, de um lado a mística da contemplação e oração interiorizada e de outro a fé encarnada na realidade cotidiana. Como comedir, sem menosprezar um e outro?

¹³¹ JÜRGEN, M. O espírito da vida: uma pneumatologia integral. Tradução: Carlos Almeida Pereira. 2ª. edição. Petrópolis / RJ: Editora Vozes, 2010, p. 87.

¹³² GRÜN, A. O céu começa em você: a sabedoria dos padres do deserto para hoje. 13ª. edição. Tradução: Renato Kirchner. Petrópolis / RJ: Editora Vozes, p. 13.

¹³³ VELASCO, M. A. Madre Teresa de Calcutá. São Paulo: Editora Quadrante, 1996, p. 28.

Partindo da visão de Tullo Goffi¹³⁴, ao fazer considerações sobre espiritualidade, pergunta: Será legítimo falar de espiritualidade contemporânea? E ao que pergunta, discorre:

“É necessário que o Mistério Pascal de Cristo seja transmitido para o íntimo da existência de cada geração; que impregne, renovando radicalmente, toda carne humana, que vivifique, transformando, tudo o que floresce no meio das fragilidades terrestres. E, já que o Espírito difunde o fermento pascal de Cristo, também no humanismo sociocultural hodierno, podemos e devemos falar de espiritualidade cristã contemporânea. Imutável é o Espírito Pascal de Cristo nos séculos, ao passo que o humanismo cultural que tal espírito assume, purificando-se e renovando-se”.

A visão de Moltman e T. Goffi, parecem corroborar sistematicamente uma com a outra. Talvez com linguagem teológica e características pouco diferenciadas entre si, entretanto, o raciocínio de Moltman assinala que a espiritualidade deve ser relacional, isto é, com uma intensa vida no Espírito, ao passo que T. Goffi, acentua a dimensão Pascal na vida humana e existencial, como forma de espiritualidade contemporânea. Assim, prorrompe visões semelhantes com as mesmas normativas espirituais, ou seja, a espiritualidade cristã deve ser vivida a tal ponto de absorver o Mistério Pascal por completo, o qual transforma radicalmente a vida humana. Neste sentido, nos parece que Maria soube assimilar e vivenciar de forma discreta e completa sua vida espiritual, pois foi contemplativa e envolvida nas lutas da vida diária. Não por menos que na V CELAM, em Aparecida, Maria é chamada como a discípula por excelência (Dap 1).

Assim, o documento de Aparecida (cf. V CELAM) apresenta sugestões convidativas para a espiritualidade atual, sobretudo na formação de futuros padres, quando diz que desde as casas de formações, o epicentro da espiritualidade deve ser a partir do conhecimento de Jesus o Bom Pastor (Dap 319). Isto posto, complementa o Papa Bento XVI¹³⁵ em sua primeira encíclica *Deus Caritas Est* (Deus é Amor): *que ao início de ser cristão não há uma decisão ética ou uma grande idéia, mas o encontro com um acontecimento, com uma Pessoa que dá à vida um novo horizonte e, assim um rumo decisivo*”. A forte sugestão de todos os estudiosos, parece-nos apontar ao mesmo caminho, para a fé Pascal irmanada de Jesus.

À vista disso, fica muito claro que a Pessoa de Jesus é o centro de toda espiritualidade cristã e reflexões relativas à história da espiritualidade. Assim, mesmo que

¹³⁴ DICIONÁRIO DE MARIOLOGIA. Direção: Stefano de Fiores e Salvatore Meo. Tradução: Alvaro A. Cunha, Honório Dalbosco, Isabel F. L. Ferreira. In *Tullo Goffi: verbete Espiritualidade*. São Paulo: Editora Paulus, 1995, p. 471-473.

¹³⁵ PAPA BENTO XVI. *Deus Caritas Est*. São Paulo: Editora Paulus, 2006, número 01.

se trate de espiritualidade antiga ou moderna, piedade popular ou mariana, a origem de toda espiritualidade cristã passa pelo Mistério da Páscoa de Jesus. Desta forma e de maneira muito exemplar, Maria é fidedigna ao mistério Pascal de seu Filho Jesus, seguindo-o de perto em toda a sua vida. Assim, Maria edificou em sua vida uma via de espiritualidade sóbria, que pode ser vista como modelo até nos tempos modernos, especialmente nas famílias.

1.4 A missão de Maria perpetua no céu.

São muitos comentários que foram e ainda são feitos sobre a Virgem Maria em relação ao seu nascimento, missão e assunção ao céu, e todos os que são pertinentes, relacionam sua missão com a sua maternidade divina, a qual segundo o padre Garrigou Lagrange¹³⁶ é a plenitude de sua graça. Ou seja, quaisquer que sejam os benefícios acentuados na vida de Maria antes ou após sua Assunção, todos eles estão intimamente ligados ao nascimento do Cristo em sua vida¹³⁷. Entretanto, um dos comentários muito oportuno para esta ocasião, é o de Santo Agostinho, que propõe forte relacionamento com as palavras do Papa Pio IX, um dos protagonistas do Dogma da Imaculada Conceição de Maria. Assim escreve Santo Agostinho¹³⁸:

“Que opróbrio não se apresenta para a condição humana o túmulo com sua podridão! Jesus isento desse vexame universal. Também dele se isentou a Santa Virgem, porque a carne de Jesus é a de Maria. Se Maria foi tão justamente ornada durante toda a sua vida com graças, mas abundantemente do que todas as outras pessoas, após a sua morte, a intensidade dessas graças haveria de diminuir? Por certo que não, pois se a morte de todos os santos é preciosa (Sl 115,15), a de Maria, certamente, é mais preciosa ainda”.

A visão de Santo Agostinho soleniza ainda mais a missão da Virgem Maria, que de certo modo, pode até sugerir uma linguagem metafórica ou comparativa, mas seu pensamento fortalece pouco mais a tese de que Maria, não somente colaborou com a obra da salvação nesta vida terrena, como também corrobora no céu intercedendo pela Igreja e pelo povo de Deus que está a caminho. Desta forma, nas palavras do Papa Pio IX, o culto

¹³⁶ LAGRANGE, R. G. A Mãe do Salvador e nossa vida interior. Tradução: José Eduardo Câmara de Barros Carneiro. Revisão: Lucas Caroso. 1ª. edição. São Paulo: Editora: Ecclesiae. 2017, p. 27-34.

¹³⁷ IWASHITA, P. K. Maria e Iemanjá: análise de um sincretismo religioso. São Paulo: Edições Paulinas, 1991, p. 132.

¹³⁸ SANTO AGOSTINHO. A Virgem Maria: cem textos marianos com comentários. Tradução: Nair Assis de Oliveira – coleção espiritualidade. São Paulo: Editora Paulus, 1996, p. 171.

de *hiperdulia* a Santíssima Virgem Maria, tem em vista honrar a indivisa Trindade, para exaltação da fé católica e incremento da religião cristã¹³⁹.

Dentro deste contexto, o padre Garrigou Lagrange acrescenta perguntando: o que se pode entender pela Assunção de Maria? Ao que responde, sublinha que com essa expressividade da Assunção, se diz que Maria foi elevada de corpo e alma ao céu, ocupando um lugar de privilégio abaixo apenas da Santíssima Trindade. Assim, a Assunção de Maria se distingue da Ascensão de Jesus de forma muito sutil, porém, com bastante relevância em seu significado, pois Jesus com sua autoridade divina diante do Pai, pode eleva-se a si mesmo ao céu, enquanto que Maria, mesmo sendo a Mãe do Salvador, precisa ser elevada pela Santíssima Trindade¹⁴⁰.

Desse modo, Jesus que venceu a morte na cruz do Calvário, Ressuscitou e foi elevado ao céu (At 1,6-11), logo, tornou-se o Único Mediador entre Deus e os homens, na terra (ITm 2,5). Assim, Maria assunta ao céu perpetua o seu serviço de intercessora também no céu servindo como intercessora como aquela que está disponível em todos os momentos, situações e lugares.

1.4.1 Maria intercessora: é serva também no céu.

É impactante ver os fiéis buscarem com frequência e quase que incansáveis a intercessão e proteção de Maria, Mãe de Jesus. Assim, para quem ainda não tem a intimidade de filhos prediletos de Maria, ficam perplexos diante de tamanha devoção que foi sendo construída ao longo de todo o cristianismo, em torno da piedade popular mariana. Desta forma, para quem ainda falta pouco mais a compressão relativamente a intercessão mariana, ou aqueles que apenas observam de forma longínqua, talvez pensem em vários absurdos e até mesmo em loucuras de idolatrias. Nestes casos, pode ser que ainda está faltando uma experiência de amor com Jesus por meio de Maria.

No entanto, basta visitar qualquer um dos santuários marianos espalhados pelo mundo e comprovar com os próprios olhos, o fervor nas orações devocionais das pessoas de qualquer etnia, relativo a pedidos de auxílio elevados a Maria. Vejamos, por exemplo,

¹³⁹ PAPA PIO IX. *Ineffabilis Deus*: Dogma da Imaculada Conceição da bem-aventurada Virgem Maria. Coleção Theotókos. Volume 6. Brasília / DF: Edições CNBB, 2016, p. 26-27.

¹⁴⁰ LAGRANGE, *ibidem*, p. 128-129.

o que escreve Clodomiro L. Siller Acuña¹⁴¹, sobre o santuário de Nossa Senhora de Guadalupe:

“E o senhor Bispo trasladou para a Igreja-Mãe a linda imagem da Rainha e Senhora; tirou-a do oratório do seu palácio para que todos vissem e admirassem a sua linda imagem. Toda a cidade se comoveu, vinham ver e admirar sua linda imagem como obra divina, vinham rezar diante dela. Ficaram muito admirados da maneira como, por milagre divino aparecera, pois de maneira alguma, qualquer homem da terra havia pintado a sua linda imagem”.

A cena descrita refere-se ao ato de devoção de uma cidade inteira, no México, correspondente ao título de Nossa Senhora de Guadalupe, que em razão de determinada circunstância, inúmeros devotos ofertaram a Maria mais um momento de muito carinho, reconhecimento, gratidão e de muita grandeza. Assim sendo, a gratidão do Povo de Deus em reconhecer e receber os sinais divinos enviados por Deus por meio de Maria, é imensamente superior a qualquer tipo de incredulidade ou superstição. Dentro deste contexto, tendo em vista a fé em Jesus Cristo e com perspectiva a devoção mariana, assim é descrita na narrativa do guia da Basílica Nacional de Nossa Senhora Aparecida¹⁴²:

“A sala dos milagres, no subsolo da Basílica, revela o mais profundo da alma humana, o agradecimento ou pedidos renovados por mais um milagre. São fotos, ex-votos já alcançados, imagens, armas, os mais variados relatos, que testemunham a relação entre o céu e a terra em momentos do impossível”.

Ao escrever um manual mariano para a Basílica de Aparecida, a percepção de Claudio Pastro é muito oportuna e bastante relevante para a ocasião, especialmente quando relaciona os vários milagres com a intimidade da alma do ser humano, pois chama-nos a atenção o quanto os fiéis experimentam a presença de Deus com a intercessão da Maria. Com efeito, que as centenas, senão os milhares de objetos levados como testemunho de algum benefício alcançado sob os auspícios de Nossa Senhora, favorecem ainda mais a prática devocional em torno de Maria. Assim, quando Claudio Pastro diz que há uma relação entre o céu e a terra por meio de Maria, vemos que neste caso, enfatiza a intercessão mariana na vida de todos os filhos de Maria.

Assim sendo, neste cenário emblemático referente a intercessão mariana, o padre José Eduardo de Oliveira e Silva¹⁴³ endossa ainda mais as palavras de Claudio Pastro, quando reflete sobre alguns discursos de Jesus, assinalando que Jesus sempre alertou os seus discípulos em relação a prática da fé, para obter qualquer coisa necessária. Assim,

¹⁴¹ ACUÑA, C. L. S. Para compreender a mensagem de Maria de Guadalupe. Tradução: Geroges L. Maissiat; revisão Iranildo B. Lopes. São Paulo: Editora Paulus, 1995.

¹⁴² PASTRO, C. Guia da Basílica Nacional de Nossa Senhora Aparecida. Fotos: Fabio Colombini. Aparecida SP: Editora Santuário, 2013, p. 86.

¹⁴³ SILVA, J. E. O. Minha Mãe Aparecida. 1ª. Edição. São Paulo: Editora Ecclesiae, 2017, p. 109.

duas passagens bastante significativas para a temática em questão, diz o seguinte: *"Estes milagres acompanharão os que crerem: expulsarão os demônios em meu nome, falarão novas línguas, manusearão serpentes e, se beberem algum veneno mortal, não lhes fará mal; imporão as mãos aos enfermos e eles ficarão curados"* (Mc 16,17s). Ou ainda antes de sua Ressurreição, em um discurso de despedida: *"Em verdade, em verdade vos digo: aquele que crê em mim fará também as obras que eu faço, e fará ainda maiores do que estas, porque vou para junto do Pai"* (Jo 14,12).

Visto por este ângulo, padre José Eduardo¹⁴⁴ é bastante enfático, ao dizer que:

"Desde os tempos de Cristo até os finais dos tempos é e será sempre temporada de milagres, porque toda dádiva boa e todo dom perfeito vêm de cima: descem do Pai das luzes, no qual não há mudanças, nem mesmo aparência de instabilidade. E esse agir divino não se limita apenas a momentos extraordinários. Deus está agindo agora, Ele age em todo momento".

Conforme destaca o padre José Eduardo, é possível que em todo o tempo, Deus esteja realizando alguma obra milagrosa. Assim, com este pensar teológico entre o céu e a terra, é necessário que ninguém desanime em rezar constatemente ou deixar de fazer súplicas a Deus, pois *"precisamos nos desintoxicar do erro doutrinal chamado naturalismo, uma visão da realidade que exclui qualquer referência a Deus e à transcendência, como se o sobrenatural fosse apenas, uma reinterpretação espiritualizada dos acontecimentos"*. Assim, a meu ver, uma crítica bastante pertinente e muito construtiva, que de certa forma pode transmitir e corresponder ao anseio de muitas pessoas, que não conseguem se expressar como talvez gostariam, em relação a tantos absurdos que acontecem quando tentam denegrir as atitudes ou símbolos de fé de determinadas profissões religiosas.

Assim, o ato de interceder não significa que Maria está tomando o lugar de Deus Uno e Trino (LG 60), no céu (como se isso fosse possível). A intercessão mariana nada mais é do que aquela mesma intercessão que todos os santos que já gozam da plenitude da graça em Deus, realizam em favor de servir do céu a Igreja militante, na terra. É fato que todos os santos no céu intercedem em favor dos homens, entretanto, é bom lembrar conforme as leituras propostas pelo Concílio Vaticano II, Maria supera de forma mais sublime todas as outras criaturas celestes e terrestres (LG 53).

¹⁴⁴ SILVA, *ibidem*, 109.

1.5 Maria, na ótica da família.

Como já vimos anteriormente, a missão de Maria refere-se ao seu elo inseparável com o nascimento do Cristo em sua vida. Dentro desta perspectiva, Carlos Ignacio Gonzalez¹⁴⁵ realça duas realidades existentes na vida e missão de Maria: a maternidade espiritual, com ênfase a cristologia em sua vida; e a maternidade com o cenário familiar, no qual Jesus nasceu em uma família, com um pai putativo. Assim, a ênfase dada a cristologia na vida de Maria faz dela um instrumento ainda mais aprimorado nos planos de Deus, pois sua vida é toda voltada para sua missão maternal, seja com vistas ao nascimento de Jesus, como Senhor e Salvador de toda a história humana, ou dentro da ótica familiar, na qual realiza o papel de mãe, que cuida, alimenta e protege todos os seus filhos, aqui no caso, Jesus.

No entanto, os relatos bíblicos não falam e não colocam muitos holofotes sobre a vida de Maria, mormente nos Evangelhos¹⁴⁶. Haja vista que a Sagrada Tradição sempre ensinou que é Cristo o centro e ápice da vida e missão cristã¹⁴⁷, logo, Jesus é fonte de vida, solidariedade, libertação e salvação¹⁴⁸. Assim, a chave de leitura para compreender todo a história bíblica seja ela voltada ao Antigo Testamento ou ao Novo Testamento, é desvelada com o nascimento de Jesus, conforme profetizou o próprio profeta Isaías (Is 7,14), e que também é relatado a partir do evangelista São Mateus (Mt 1,18). Nesta ótica, Jesus é o centro de toda a história cristã, entretanto, Maria foi escolhida com um instrumento divino, e também para torna-se mãe com expectativa de gerar, cuidar e proteger Jesus Filho de Deus.

Assim sendo, também como matriarca de uma família, desenvolve incomparavelmente o papel belíssimo da educação familiar, acompanhando o crescimento natural de Jesus desde a sua amamentação e percorrendo toda a sua juventude. Desta forma, é Maria que amamenta e que está sempre atenta aos passos de crescimento do Menino Jesus, oferecendo os primeiros cuidados maternos, acompanhando toda a sua

¹⁴⁵ GONZALEZ, C. I. *Maria Evangelizada e Evangelizadora*. Tradução: José A. Ceschin. São Paulo: Edições Loyola, 1988, p. 304.

¹⁴⁶ TAVARD, G. H. *As múltiplas faces da Virgem Maria*. Tradução: Attilio Brunetta. São Paulo: Editora Paulus, 1999, p. 11.

¹⁴⁷ PAPA BENTO XVI. *Sacramentum Caritatis*: sobre Eucaristia, fonte e ápice da vida e da missão da Igreja. São Paulo: Editora Paulinas, 2007, 6-11.

¹⁴⁸ FERRARO, B. *Cristologia*, 3ª. edição. Petrópolis / RJ: Editora Vozes, 2004, p. 137-138.

infância. Acompanha tão de perto e amorosamente, que está presente principalmente no início de sua vida pública (Mt 4,17, Mc 1,14s; Lc 4,14s).

1.5.1 Maria na visão laical

É bem sabido que todos os devotos de Nossa Senhora sempre celebram com muito fervor as datas solenes e festividades em sua honra, e conforme indica São Luiz Maria Grignion Montfort¹⁴⁹, para receber muitos benefícios rezando por intercessão de Maria, deve ser sempre com muita ternura, santidade, constância e desinteresse. Neste seguimento, complementa Santo Afonso Maria de Ligório¹⁵⁰, cada novena em preparação para as principais festas de Nossa Senhora, são realizadas com muito entusiasmo, sem querer perder um só dia de preparação, especialmente quando se rezam as orações litânicas e as várias orações devocionais populares marianas, que foram sendo moldadas em torno da fé do Povo de Deus e do Mistério Pascal.

Desta forma, corrobora Carlos Mesters¹⁵¹ realçando o ardor devocional a Nossa Senhora e assinala que Maria já no encontro com sua prima Isabel, cheia do Espírito Santo e muito inspirada, profetizou sobre sua própria vida, quando cantou o *Magnificat* (Lc 1,46-55), hino em louvor a Deus agradecendo os benefícios presentes e futuros, e ainda dizendo que todas as gerações iriam chamá-la de bem-aventurada (Lc 1,48). Com efeito, uma profecia muito bem dita, pois desde o nascimento do cristianismo, os cristãos de forma muito natural foram amadurecendo no caminho da fé cristã, se aprofundando cada vez mais com o Mistério Pascal de Jesus, e perceberam o quanto Maria se tornou importante no mistério da salvação, e a vista disso cresceu de forma muito natural os devotos de Maria.

Diante desses fatos, a expressão da piedade popular, mesmo com suas variantes tornou-se enriquecedora (Dap, 99e, 100a, 249), e ainda contribui de forma admirável com o crescimento da fé em Jesus, Filho de Deus e de Maria. Pois, segundo Katheen Coyke¹⁵²,

¹⁴⁹ MONTFORT, L. M. G. Tratado da verdadeira devoção à Santíssima Virgem. 40ª. Edição. Petrópolis / RJ: Editora Vozes, 2010, p. 107-113.

¹⁵⁰ LIGÓRIO, A. M. Glórias de Maria: com indicação de leituras e orações para dois meses marianos. Versão da 11ª. Edição italiana: Padre Geraldo Pires de Souza. 3ª. Edição. Aparecida: Editora Santuário, 1989, p. 446.

¹⁵¹ MESTERS, C. Maria, a Mãe de Jesus. 3ª. Edição. Petrópolis / RJ: Editora Vozes, 1979, p. 15.

¹⁵² COYLE, K. Maria na Traição cristã: a partir de visão contemporânea. São Paulo: Editora Paulus, 1999, p. 141.

“a religião popular é intensamente humana e cheia de emoção, contudo tende a ser pouco exigente ao aceitar proposições de fé”. Assim sendo, as necessidades ordinárias na vida de todo o Povo de Deus são constantes sobretudo na ordem sobrenatural da fé, e cada período da história traz consigo novos desafios, seja no âmbito familiar, profissional ou social. Diante disso, o cuidado, a vigilância, a prudência deve ser constante para não se enfraquecer a fé em vista da manifestação de Deus.

Neste sentido, diz o cardeal Joseph Ratzinger¹⁵³, que por vezes tentam excluir todas as formas de devoção ao sagrado, em defesa de certo relativismo, que não leva a caminho nenhum de vida e que muitas vezes fere a alma do devoto que quer continuar acreditando em Deus. No entanto, mesmo diante às dificuldades e labutas diárias, a fidelidade do verdadeiro cristão não muda em nada, logo, continuam se esforçando para seguir Jesus Cristo, caminho verdade e vida (Jo 14,6b). Assim, seguindo a Jesus fielmente, e quando possível, se beneficiam também de todos os tesouros de graças que a Mãe de Deus recebeu em vista de sua maternidade divina (LG 53).

Nesta perspectiva, nota-se claramente que a devoção popular mariana, cooperou imensamente e fez prorromper inúmeros santuários marianos, para que a fé em Jesus Cristo sempre fosse aquecida. Haja vista, que a medida que crescem o número de santuários, sobretudo, marianos, crescem também os fiéis que buscam se relacionar com Deus pela intercessão de Maria. Sejam eles, apenas de forma curiosa, sem querer se comprometer muito com certa profissão de fé, ou mesmo aqueles que conhecem o verdadeiro valor do cristianismo e que mantêm sua relação com Maria, em vista de ouvir, obedecer e se encontrar com seu Filho Jesus (Dap 364).

Isto posto, o *sensus fidelium* merecidamente reconhecido pelo Magistério da Igreja, mesmo que de forma simples e humilde, sempre tem algo a acrescentar relativamente a experiências místicas no âmbito da vida dimensionada com o sagrado. Na prática, as aprições Marianas ao longo da história cristã, sempre teve um toque especial do devocionismo popular, pois são os mais simples, os mais pequenos do Senhor, que mais acreditam e buscam ver sinais divinos, a resposta de um Deus, que por vezes, se torna inacessível dentro do espaço sagrado. Assim, na visão de K. Coyle¹⁵⁴, pelo esforço e fé,

¹⁵³ RATZINGER, J. Fé, verdade e tolerância: o cristianismo e as grandes religiões do mundo. Tradução: Silvar Hoppner Ferreira. São Paulo: Editora Instituto de Filosofia e Ciência “Raimundo Lúlio”, 2007, 111-114.

¹⁵⁴ COYLE, *ibidem*, p. 141-142.

os mais simples alcançam pela peregrinação e penitência, conforto e alívio para a própria alma, isto quando não o fazem em vista de outros.

Nesta ótica, Maria, Mãe de Jesus, é vista por todos os seus filhos (Jo 19,25), como uma verdadeira mãe que não os deixou orfãos, pois mesmo com sua Assunção ao céu (LG 59), continua intercedendo pelos seus filhos. Segundo o irmão Afonso Murad¹⁵⁵, “*no perfil devocional, Maria é vista como a Mãe do céu, que habita na esfera divina e está continuamente cuidando de nós, seus pobres filhos peregrinos neste mundo*”. Por este ângulo, Maria é vista também como uma mãe que trabalhou arduamente em toda a sua vida, cumprindo fielmente sua missão na terra, e por isso recebeu sua coroa, sendo exaltada como rainha do céu e da terra, onde intercede constantemente por todas as famílias (LG 59, 68,69).

Com efeito, os filhos da Igreja buscam em Maria sua intercessão e proteção, para ficarem sempre mais perto de Deus Uno e Trino. Assim, muitos devotos se aproximam de Maria com várias orações piedosas, mas sobretudo rezando o Rosário.

1.6 A devoção ao Rosário.

Ao falar do Rosário, uma das orações destinada a pedir a intercessão da Virgem Maria, junto a Santíssima Trindade, naturalmente surgem perguntas ou questionamentos diversos em relação a esta devoção mariana. Com efeito, nos perguntemos o que vai acrescentar a fé cristã esta devoção? Ou talvez nos perguntemos qual o sentido de rezar a oração do Rosário? Segundo São João Paulo II¹⁵⁶, esta seria sua oração predileta. Assim sendo, porquê, então, o Sumo Pontífice diria algo devocional a toda a Igreja e ao Povo de Deus? Será que por traz desta devoção, existe possibilidade do encontro com Deus Uno e Trino? Será que o Sumo Pontífice obteve alguma experiência mística rezando o Rosário?

Conforme São João Paulo II ao escrever a carta apostólica *Rosarium Virginis Mariae*¹⁵⁷, realça que a oração do Rosário foi sendo moldada pela assistência do Espírito

¹⁵⁵ UNIÃO MARISTA DO BRASIL. Maria no coração da Igreja: múltiplos olhares sobre a mariologia. In: *Perfil de Maria numa sociedade plural*. Afonso Murad. São Paulo: Editora Paulinas, 2011, p. 17.

¹⁵⁶ ACIDIGITAL. Palavras de João Paulo II sobre a Oração do Rosário. In: Site visitado: <http://www.acidigital.com/rosario/papa.htm>. Acesso em 19/10/2017, às 22h12.

¹⁵⁷ PAPA JOÃO PAULO II, Santo. *Rosarium Virginis Mariae*: ao episcopado, ao clero e aos fiéis sobre o Rosário. Coleção Theotókos. Organização: Dom Leonardo Ulrich e Dom Murilo S. R. Krieger. São Paulo: Edições CNBB, p. 11.

Santo em tempos do segundo milênio. Desse modo, é o Espírito de Deus que suscita no ser humano até mesmo as orações que devem ser rezadas em determinadas ocasiões. Lembremos, dentro deste contexto, uma orientação muito precisa de São Paulo acerca da oração, pois assim escreve aos romanos, “*assim o Espírito socorre em nossa fraqueza, pois não sabemos pedir como convém; mas o Espírito intercede por nós com gemidos inefáveis, e aquele que perscruta o coração sabe qual o desejo do Espírito; pois é segundo Deus que ele intercede pelos santos*” (Rm 8,26s).

As orientações de São Paulo enfatiza um aspecto da oração muito importante, e salienta que o Espírito Santo é autor principal e guia (Dap 149-153) no modelo de oração mais perfeita, o qual suscita e constrói a oração que deve ser moldada e expressada no coração do ser humano (LG 4). Dentro desta visão, é bastante salutar dizer que o Espírito Santo é o protagonista quanto a formulação e emolduração da oração do Rosário, pois segundo a visão do Magistério da Igreja, o Rosário tornou-se uma oração rica em seu conteúdo com vistas a contemplar o rosto de Cristo e os mistérios da história da salvação¹⁵⁸. Com efeito, a oração do Rosário reporta-nos a belíssimas lembranças e profundas reflexões acerca do Mistério Pascal de Jesus, filho de Deus e de Maria. Assinala São João Paulo II¹⁵⁹, que:

“O Rosário, de fato, ainda que caracterizado pela sua fisionomia mariana, no seu âmago é oração cristológica. Na sobriedade dos seus elementos concentra a profundidade de toda a mensagem evangélica, da qual é quase um compêndio. Nele ecoa a oração de Maria, o seu perene *Magnificat* pela obra da Encarnação redentora iniciada no seu ventre virginal, e com ele, o povo cristão frequenta a escola de Maria, para ser conduzido a contemplação do rosto de Cristo”.

De fato, o pensar teológico de São João Paulo II, está em plena consonância com as orientações paulinas, sobretudo quando se diz que é o Espírito quem suscita as orações em cada um de nós. Evidentemente, a formação do Rosário, traz consigo um verdadeiro compêndio do mistério da salvação de Jesus, Filho de Deus e de Maria, e somente o Espírito Santo poderia influenciar no coração do homem para incitá-lo a tal oração tão profunda. Assim, ao iniciar a oração do Rosário, há um oferecimento com perspectiva de intercessão¹⁶⁰, e isto está em plena comunhão com as orientações desde os tempos apostólicos. Pois diz o Apóstolo São Tiago em sua missiva, que devemos rezar

¹⁵⁸ PAPA JOÃO PAULO II, *ibidem*, p. 13-15.

¹⁵⁹ PAPA JOÃO PAULO II, *ibidem*, p. 11-12.

¹⁶⁰ MONTFORT, L. M. G. Tratado da verdadeira devoção à Santíssima Virgem. 40ª. Edição. Petrópolis / RJ: Editora Vozes, 2010, p. 284-288.

constantemente uns pelos outros e elevar súplicas em ações de graças a Deus, para sermos curados (cf. Tg 5,16).

Neste sentido, vemos que a oração do Rosário corresponde e está em plena conformidade com as orientações apostólicas desde o início da Igreja nascente. Assim, a oração do Rosário é um grande momento de súplicas e pedidos de intercessão por meio da Virgem Maria. Haja vista que a contemplação proposta mediante a oração do Rosário sugere uma grande oferta a Deus Uno e Trino, a qual faz ecoar no coração do suplicante inúmeros momentos de meditação contidos nas sagradas escrituras. Visto por este ângulo, será que a oração do Rosário é critério para a Salvação? Qual a função da oração do Rosário? O cristão tem obrigação de rezar a oração do Rosário? Seria pecado não rezar o Rosário?

1.6.1 Para que rezar a oração do Rosário.

Para ilustrar e enriquecer ainda mais esta reflexão, cito Dom Justino Carreira que escreveu um livro com o título, “Trevas ou luz”, no qual reflete sobre a origem dos sete pecados capitais e conseqüentemente, como remédio espiritual para combater os pecados desta natureza, apresenta os sete dons do Espírito Santo. Assim, ao iniciar suas reflexões discorrendo sobre o orgulho, um dos pecados capitais, logo em seguida, diz em sua conclusão, aludindo ao Temor de Deus, como recurso espiritual acerca do orgulho:

“É um dom espiritual que nos leva a agradar a Deus em todas as coisas e significa, venerar, reverenciar, prestar culto, adorar, ser fiel, ter disciplina, ter iniciativa para fazer o bem e outras atitudes que afastam o medo de Deus, para reconhecê-Lo como Pai e amigo. Não é medo de Deus, mas abertura para a comunhão com Ele; e participação em todas as oportunidades de nos encontrarmos com Deus na oração, na liturgia... e em outras atitudes espirituais”¹⁶¹

A reflexão proposta por Dom Justino a respeito do Temor de Deus, nos aproxima em muito sobre a realidade espiritual expressa ao rezar o Rosário. Assim, a busca constante da oração e abertura para se relacionar com Deus, permite que a maturidade cristã atinja com mais rapidez e eficácia a sua plenitude. Neste sentido, como enfatiza Dom Justino, o acesso à esfera oracional, proporciona momentos agradáveis de deleite no encontro com Deus. Visto por este ângulo, a oração do Rosário se torna um caminho

¹⁶¹ CARREIRA, J. J. Trevas ou luz: os pecados capitais e os dons do Espírito Santo. São Paulo: Editora Associação brasileira ajuda a Igreja que sofre, 2011, p. 129-131.

alternativo como proposta de auxílio a iluminar a vida cristã a se aproximar perseverando no caminho de Deus.

Desta forma, a oração do Rosário, inculca na praxis cristã, algo recomendado desde a vida pública de Jesus, especialmente nos momentos de sérias decisões a serem tomadas. São Mateus lembra-nos que às vésperas da Paixão de Jesus, ele mesmo observou alguns detalhes importantíssimos referente a oração, sobretudo concernentes aos grandes momentos e desafios da vida. Pois ao perceber as limitações de seus discípulos, alertou-os sobre o cuidado que deveriam ter com a oração, quando pediu que rezassem um pouco mais com ele a sós no Horto das Oliveiras, ou seja, um momento de vigília regado por meio da oração. Diante disso, vale a pena relembrar textualmente o cenário que antecede a Paixão de Jesus, relatado pelo evangelista São Mateus:

"Retirou-se Jesus com eles para um lugar chamado Getsêmani e disse-lhes: Assentai-vos aqui, enquanto eu vou ali orar. E, tomando consigo Pedro e os dois filhos de Zebedeu começou a entristecer-se e a angustiar-se. Disse-lhes, então: minha alma está triste até a morte. Ficai aqui e vigiai comigo. Adiantou-se um pouco e, prostrando-se com a face por terra, rezou...". "Foi ter então com os discípulos e os encontrou dormindo. E disse a Pedro: então não pudeste vigiar uma hora comigo. Vigiai e orai para que não entreis em tentação. O espírito está pronto, mas a carne é fraca. Afastando-se de novo pela segunda vez orou...". "E ao voltar de novo, encontrou-os dormindo, pois seus olhos estavam pesados de sono..". "Deixando-os, afastou-se pela terceira vez, dizendo as mesmas palavras" (Mt 26,36-44).

São Mateus, ressalta com riqueza de pormenores, o momento vespertino da Paixão de Jesus, a qual apesar de toda tensão, propõe um belo modelo e sistemática vida de oração a seguir. Assim, a crucialidade dos fatos que se aproximavam, traz a tona mais uma virtude a ser apreciada na vida de testemunho do Mestre, a oração, sobretudo nos momentos difíceis e de grandes necessidades. Desse modo, a pedagogia e metodologia aplicada na vida de oração e testemunhada pelo próprio Jesus, torna natural quanto aos cristãos que se esforcem pouco mais em todo tempo para rezar, e saibam prudentemente buscar formas alternativas e vida constante de oração, sobretudo àquelas inspiradas pelo Espírito Santo¹⁶², formuladas no seio magisterial e laical.

Destarte, segundo São João Paulo II¹⁶³, o Rosário é uma dessas descobertas espirituais no contexto da história do cristianismo, que sugere fortalecer a vida ascética cristã, particularmente diante das labutas diárias. Basta lembrar a famosa história da batalha de Le Panto, a qual conta-nos o relato belíssimo, em que após os cristãos rezarem

¹⁶²PAPA JOÃO PAULO II, *ibidem*, p. 11.

¹⁶³PAPA JOÃO PAULO II, *ibidem*, p. 12.

com muito fervor o Rosário, Nossa Senhora concedeu a eles a vitória sobre a invasão turco-muçulmana, na costa europeia. Não por menos, muitos romanos pontífices se tornaram devotos desta oração, a qual súplica os auspícios e intercessão da Virgem Maria junto ao Deus Uno e Trino. Com efeito, nas palavras de Ennio Domenico Staid¹⁶⁴, os mistérios a serem contemplados em cada dezena do Rosário, nos insere em uma vida com perspectiva totalmente evangélica, cristocêntrica e eclesial.

Desta forma, confiando que muitos devotos a Mãe de Deus se aproximassem ainda mais do encontro com Jesus por meio de Maria, São João Paulo II, propôs o ano do Rosário¹⁶⁵, e com palavras inspiradas, relatou o sumo pontífice:

“Senti necessidade de desenvolver uma reflexão sobre o Rosário, uma espécie de coroação mariana da referida Carta apostólica, para exortar `a contemplação do rosto de Cristo, na companhia e escola de sua Mãe Santíssima”¹⁶⁶.

Diante da reflexão de São João Paulo II, as palavras de E. D. Staid ganha um endosso pontifical bastante significativo, pois seu pensar teológico em referência a oração do Rosário, citando-o como oração eclesial e cristocêntrica, faz do Rosário uma oração não impositória, mas muito convidativa a toda comunidade eclesial. Assim, ao convidar os fiéis devotos a anunciar Cristo na companhia de sua Mãe, o Sumo Pontífice sugere reconhecer que Jesus encarnou-se no seio virginal de Maria e que o mistério de sua maternidade divina, coloca-a dentro de um âmbito totalmente sob a moção de Deus (Lc 1,35). Com efeito, Maria é a criatura mais próxima do Deus Uno e Trino (LG 66), e desta forma, as benemências recebidas devido a sua maternidade divina, permiti que ela interceda e conceda inúmeras indulgências a todos que a invocarem, particularmente com a oração do Rosário.

1.6.2 O Rosário e as indulgências.

Segundo uma orientação litúrgico pastoral sobre indulgências¹⁶⁷, diz em sua apresentação que a indulgência faz parte da piedade católica e muitos fiéis encontram

¹⁶⁴DICIONÁRIO DE MARIOLOGIA. Direção: Stefano de Fiores e Salvatore Meo. Tradução: Alvaro A. Cunha, Honório Dalbosco, Isabel F. L. Ferreira. In: *Ennio Domenico Staid: verbete Rosário*. São Paulo: Editora Paulus, 1995, p. 1140-1141.

¹⁶⁵PAPA JOÃO PAULO II, *ibidem*, p. 13.

¹⁶⁶PAPA JOÃO PAULO II, *ibidem*, p. 15.

¹⁶⁷FRANCISCO, M. J. Indulgências: orientações litúrgico-pastorais. Tradução: Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. 4ª. Edição. Brasília Editora Paulus, 1999, p. 5-19.

nelas o caminho de crescimento na santidade, expressão do amor de Deus e ao próximo. No entanto, é importante ressaltar que as indulgências não substituem o papel sacramental da Confissão. Mesmo assim, segundo o Magistério eclesial diz que as indulgências são fontes de bens espirituais infindáveis em favor de todos os batizados para alívio da alma, como um tesouro das satisfações de Cristo e dos Santos a ser resgatado. Assim sendo, qual seria a importância das indulgências como um sacramental?

Neste sentido, em primeiro lugar é bom descrever brevemente e teologicamente o que vem a ser indulgência. Indulgência é a remissão, diante de Deus, da pena temporal devida pelos pecados já perdoados quando à culpa, que o fiel, devidamente disposto, pode recebê-las. Assim sendo, apesar do pano de fundo com visão doutrinal repleto de normativas e regras para se obter indulgências, esta não deixa de ser um bem espiritual que está contida na oração dos mais simples, sobretudo a oração do Rosário. Conforme E. D. Staid, descreve que a oração do Rosário, é conhecida na tradição religiosa com suas comunidades eclesiais e periferias, como a oração dos mais pobres. Isto pelo fato de ser contemplada, vista e rezada com muita frequência e com grande fervor, principalmente nas camadas mais simples.

Contudo, independentemente de camada social de quem se reza esta oração, segundo o magistério eclesial, vive e aprende de forma profunda e simples os principais mistérios da fé Pascal, desde a Encarnação até a Paixão, Morte e Ressurreição de Jesus Cristo. Assim, a oração do Rosário ao ser contemplada, permite um contato, mesmo que seja mínimo, com a fé em Jesus Cristo. Por este dado, as indulgências podem ser recebidas por quaisquer que sejam os seus suplicantes. Pois, o fato de poder receber indulgências não está relacionado com a pessoa que reza em si, e sim está relacionada com os bens espirituais conquistados por Jesus, e por isso independe de quem o faz, tem os mesmo direitos de a receberem. Entretanto, é importante e muito necessário crer e rezar.

Na prática, o Rosário é um formulário de oração a qual traz em seu cerne conteúdos teológicos de alto nível, a tal ponto que alguns autores¹⁶⁸ a trataram como o credo feito oração ou uma síntese da fé católica. Haja vista que a contemplação de cada mistério rezado e meditado, desde a Anunciação até a Ressurreição de Jesus, os quais separam-se pelas dezenas de cada dez Ave-Marias juntamente com a oração de um Pai-

¹⁶⁸DICIONÁRIO DE MARIOLOGIA, *ibidem*, p. 1140.

Nosso, inseri o cristão de forma muito profunda e prática nos caminhos de fé propostos por Jesus. Assim, em termos doutrinários, também obedece rigorosamente aos pedidos da Penitenciaría Apostólica, quando se diz que é preciso anunciar de forma pública ou mesmo individual os mistérios contidos no aglomerado de cada dez Ave-Marias, para se lucrar as indulgências.

À vista disso, o benefício da indulgência a ser lucrada por rezar o Rosário, se divide em dois níveis, a saber: indulgência plenária e indulgência parcial, as quais exigem do fiel boa vida espiritual e que tenha comunhão com Deus e com os irmãos. Assim, para se obter lucros espirituais com vista a indulgência plenária, o fiel deve recitar piedosamente o Rosário, na Igreja ou em comunidades familiares ou de forma individual, e ainda unir-se com a mesma oração às súplicas do Sumo Pontífice. Outrossim, quando o Rosário é recitado em circunstâncias diferentes, obterá indulgência parcial¹⁶⁹. Ora, se a oração do Rosário proporciona ao fiel tantos benefícios, qual seria a sua principal motivação? O que deve mover o fiel a recitar a oração do Rosário?

1.6.3 A vida de Jesus expressada na oração do Rosário

Santo Afonso Maria de Ligório¹⁷⁰ ao escrever a belíssima reflexão sobre a Salve Rainha e festas marianas com suas devoções, assinalou que na atualidade cristã o Rosário é uma das práticas devocionais mais utilizadas pelos cristãos em todas as classes sociais, seja os mais pobres ou os mais abastados economicamente. Assim, dentro desta perspectiva, a oração contemplativa e mental do Rosário apresenta caminhos maravilhosos de santificação, particularmente aos cristãos, e ainda propõe ao fiel uma aproximação maior dos mistérios vividos por Jesus. Conforme o Catecismo da Igreja Católica (cf. CIC 2708), trata-se de conteúdo de alto nível teológico, que tem como princípio o *kérigma* cristão, ou seja, a mensagem evangélica da salvação cristã.

Partindo deste ponto de vista, falar de devoção mariana nos dias de hoje, significa em primeiro lugar, falar de uma devoção de cunho cristocêntrica e eclesiológica. Haja vista que o elo de inseparabilidade com seu Filho Jesus, fez de Maria um modelo da Igreja a seguir (LG 63), e diante disso, até mesmo as orações que são dirigidas a ela

¹⁶⁹ FRANCISCO, *ibidem*, p. 56.

¹⁷⁰ LIGÓRIO, *ibidem*, p. 449.

suplicando sua intercessão, leva-nos a refletir sobre o mistério da Encarnação de Jesus e todo o seu significado. Neste sentido, o dicionário de mariologia, traz a seguinte informação sobre os fundamentos das orações marianas na história:

“As orações marianas são sem dúvida alguma, bíblicas e nascem das duas saudações, a do anjo e a de Isabel, nas quais se reconhece primeiramente a Virgem cheia de graça, portanto dotada de santidade especial que fará que ela seja invocada na forma litânica, como santa Maria, por excelência”¹⁷¹.

Neste sentido, São João Paulo II ao escrever a carta Apostólica *Rosarium Virginis Mariae*, chama de forma muito contundente a oração do Rosário como compêndio do Evangelho. O que significa isso? A palavra compêndio em sua etimologia refere-se a uma súmula dos conhecimentos relativos a uma dada área do saber, em forma de livro¹⁷². Então, visto por este prisma, São João Paulo II sugere que ao rezar o Rosário, temos ao nosso alcance uma pequena súmula das informações sobre a vida de Jesus de Nazaré, que está contida nos Evangelhos. Isto é, além de fazer rogações a Virgem Maria, ainda temos a bela oportunidade de se aproximar e conhecer pouco mais a vida de Jesus de Nazaré.

Desse modo, Ennio Domenico Staid¹⁷³, corrobora com a visão do sumo Pontífice ao refletir sobre a oração do Rosário, qualificando-a como oração eclesial que propicia ao devoto mariano o encontro com Jesus Cristo. No entanto, salienta que mesmo com a facilidade da síntese na oração do Rosário, é fundamental que haja adesão e docilidade de espírito aos mistérios nela contemplados. Assim, ao rezar piedosamente a oração do Rosário, o fiel não somente se aproxima da proteção e intercessão de Maria como Mãe da Igreja, mas se abre ao Mistério Pascal de Jesus, proclamado em cada dezena do Rosário. Não por menos, que a Bem Aventurada Virgem Maria ganhou parte relevante na reflexão sobre a Igreja no Concílio Vaticano II (cf. LG cap. VIII).

¹⁷¹DICIONÁRIO DE MARIOLOGIA. Direção: Stefano de Fiores e Salvatore Meo. Tradução: Alvaro A. Cunha, Honório Dalbosco, Isabel F. L. Ferreira. In: *Enzo Lodi: verbete Oração Mariana*. São Paulo: Editora Paulus, 1995, p. 985.

¹⁷² DICIONÁRIO PORTUGUÊS. Pronúncia de Compêndio. Site: Dicionário de Português *on line*. <http://dicionarioportugues.org/pt/compendio>. Acesso: 24/10/2017, às 15h55.

¹⁷³ *Ibidem*, p. 1141.

2 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE O CONCÍLIO VATICANO II COM VISTA AO APOSTOLADO LEIGO E PIEDADE POPULAR MARIANA

Entre as expectativas geradas e as mudanças ocorridas, o Concílio Vaticano II, quis inaugurar um novo modo de ser Igreja, evidentemente, sem ferir quaisquer que sejam os parâmetros deixados como normativas desde a vida pública de Jesus Cristo. Assim, já em seu início, no discurso de abertura, o Papa João XXIII¹⁷⁴ enfatizava algo bastante interessante, a fim de valorizar o estilo pastoral dentro do concílio. Desta forma, era de fundamental importância a revalorização do laicato como sujeitos da vida e missão da Igreja, e por isso alguns documentos como a *Lumen Gentium*, *Gaudium et Spes*, *Apostolican Actuositatem*, ressaltaram com relevância o ministério leigo e seu apostolado *in ecclesia*.

Assim sendo, com a retomada das fontes visando os ministérios leigos nos Evangelhos a partir da vida de Jesus (AA 3), naturalmente que insurgiriam novos desafios eclesiais (AA 5, 6), como por exemplo: qual será o papel do laicato como Corpo Místico e parte integrante da Igreja? A primeira vista parece ser algo bastante simples, mas na prática não é bem assim que funciona, pois é necessário novas diretrizes evangélicas a respeito da missão e função do leigo na Igreja. Com efeito, sem haver trocas de papéis entre a missão clerical e a missão do Povo de Deus (LG 31,32).

Assim, é da Constituição Dogmática *Lumen Gentium*, sobre a Igreja, que nasce a bela reflexão sobre carismas, sua origem e significado, e quem pode recebê-los (LG 12-19). Na visão pastoral do Papa João XXIII, seria importante a inserção do leigo com maior profundidade na recepção dos carismas, compreendê-los como um aspecto na dimensão do serviço, e ainda assumir seu apostolado como missionário e servidor ao bem comum (AA 2). Neste sentido, a *Gaudium et Spes*, corroborou significativamente com a missão leiga, visando especialmente o enfoque familiar. Entretanto, ao reafirmar a Igreja enquanto espaço sagrado, realçou a família como igreja doméstica, no mundo de hoje (GS 1, 5,47), que pode ser vista como extensão da Igreja fundada e instituída por Jesus (LG 8,18,26).

¹⁷⁴ COMPÊNDIO DO VATICANO II. Constituições e Decretos. Introdução e índice analítico: Frei Boaventura Kloppenburg O.F.M.; Coordenação geral: Frei Frederico Vier O.F.M. Petrópolis: Editora Vozes, 2000 (Discurso de abertura, p. 8).

Diante disso, o decreto *Apostolican Actuositatem*, sobre o ministério leigo, colaborou refletindo com a visão de um mundo com rápidas mudanças, exigindo da eclesialidade atual mais habilidade na adaptação ao mundo contemporâneo, tendo em vista novos diálogos hodiernos (AA 1). Assim, com a promulgação de dezesseis documentos abrangendo as várias etapas de vida da Igreja e sua missão, o Concílio Vaticano II encerrou-se no ano de 1965, sob os cuidados do Papa Paulo VI. Haja vista, com alguns documentos iluminando especialmente a missão leiga dentro e fora do espaço sagrado.

Entretanto, para esta pesquisa a ênfase maior será a partir da *Lumén Gentium*, sobre a Igreja, sobretudo o capítulo VIII, que se refere a missão da Virgem Maria no ministério de Cristo e da Igreja.

2.1 Maria na eclesiologia do Concílio Vaticano II

A reflexão sobre Maria no Concílio Vaticano II¹⁷⁵, encontra-se em um texto anexado a *Lumén Gentium*, sobre a Igreja, no capítulo VIII, o qual leva o título de: “A bem aventurada Virgem Maria Mãe de Deus no mistério de Cristo e da Igreja”. Destarte, que duas escolas teológicas foram incumbidas de elaborar as linhas mestras a serem escritas sobre a Santíssima Virgem Maria. Diante disso, como o próprio título alvitra: Maria em uma perspectiva cristológica e outra em uma perspectiva eclesiológica. Assim, o estudo sob a ótica cristológica foi liderada pelo cardeal Rufino Santos, enquanto a ótica eclesiológica foi liderada pelo cardeal Franz König¹⁷⁶. Entretanto, tanto o aspecto cristológico como o eclesiológico acentuado na vida de Maria, são igualmente aceitos para o estudo da teologia mariana pós-conciliar.

Na prática, cada ponto de vista pode até ser divergentes entre si, porém a metodologia conciliar aplicada está voltada com vistas aos mesmos objetivos, ou seja, o que importa para a *Eclésia* e sua colegialidade, é refletir sobre os mistérios de Maria na história da salvação, sua importância e colaboração, mesmo que isto tenha inclinação a uma tendência cristológica ou eclesiológica. Assim, nos parece que o título não se trata de fazer ponderações para agradar uma ou a outra tendência, e sim, nos parece conduzir a

¹⁷⁵ PASSOS, J. D.; SANCHEZ, W. L. Dicionário do Concílio Vaticano II. In: *Afonso Murad*. Verbete: Maria. São Paulo: Editora Paulus, 2015. p. 585.

¹⁷⁶PASSOS, J. D.; SANCHEZ, W. L. *Ibidem* p. 585.

um verdadeiro mistério de união. Isto é, tanto a visão de Maria cristotípica ou Maria eclesiotípica, se encaixa perfeitamente nos moldes da ação trinitária de Deus Uno e Trino, na história cristã.

Neste sentido, Maria sob o olhar da eclesiologia assume um papel profético e missionário¹⁷⁷, sobretudo, no Corpo Místico da Igreja, ao lado dos irmãos, como membro atuante de forma mais iminente (LG 53). Assim, Maria é aquela que é vista como Mãe e irmã dos membros da Igreja (LG 54). Desta forma, a metódica presença de Maria na Igreja, seria vista em princípio a partir de sua união com a Igreja. Com efeito, esta visão assinala que um dos princípios bíblicos, se trata especialmente quando Jesus entrega Maria como Mãe do discípulo fiel aos pés da Cruz (Jo 19,25), sinal nascente da nova comunidade de fieis.

Partindo deste ponto de vista, Brendam Leahy¹⁷⁸, ao refletir sobre o princípio mariano na Igreja, realça não somente a dimensão da Igreja terrena como via de ligação a Maria eclesiotípica, mas entrelaça as duas realidades que já estão presentes ao menos desde a Anunciação, Morte, Ressurreição e Ascensão de Jesus; logo, a realidade celeste e a terrena. A Igreja Triunfante e a Igreja Peregrina. Assim, B. Leahy brinda-nos com o seguinte pensamento, dizendo que mesmo que os eventos cristãos tenham ocorridos em determinados momentos da história e marcados de modo significativo o início da Igreja cristã na temporalidade, mesmo assim sua realidade escatológica já pode ser experienciada de forma antecipada no aqui e agora. Por conta disso, B. Leahy¹⁷⁹, faz questão de frisar a unicidade da Igreja Peregrina e a Triunfante, colocando como ponto vital de união entre ambas Jesus Cristo, Senhor de todo o universo. Por esta visão, evidentemente, uma única Igreja e não duas (LG 8), Maria é modelo eclesiológico no céu e na terra.

¹⁷⁷PASSOS, J. D.; SANCHEZ, W. L. Ibidem; *In Gilvan Leite de Araújo*, p. 785-786.

¹⁷⁸ LEAHY, B. O princípio mariano na Igreja. Tradução: José Maria de Almeida. Vargem Grande Paulista: Editora Cidade Nova, 2005, p. 119.

¹⁷⁹ Ibidem, p. 120.

2.2 Maria na cristologia do Concílio Vaticano II

Maria cristotípica remonta aos debates cristológicos dos primeiros concílios, especialmente, o de Éfeso¹⁸⁰, o qual resultou em uma das verdades de fé proclamada pela Igreja até os dias de hoje, em que Maria obteve o privilégio de ser chamada Maria *Theotokos*, em relação a Encarnação do Cristo em sua vida. Com efeito, uma das argumentações bíblicas para a associação de Maria cristotípica, encontra-se na passagem a qual o Apóstolo Paulo determina como plenitude dos tempos, assim ele escreve: “quando porém, chegou a plenitude dos tempos, enviou Deus seu Filho, nascido de mulher, nascido sob a lei, para resgatar os que estavam sob a lei, a fim de que recebêssemos a adoção filial” (Gl 4,4s).

Desse modo, o Apóstolo Paulo aponta com muita clareza, que por vontade única do Pai, o Filho teve que nascer pelo ventre de uma mulher, a fim de resgatar a humanidade da escravidão do pecado¹⁸¹. Visto por este ângulo, encontramos o Cristo no cerne da mensagem evangélica de Paulo, entretanto, segundo a vontade do Pai, a mulher - Maria encontra-se ligada ao seu Filho Jesus. Por certo, uma união não somente por maternidade biológica unicamente, mas esta se encontra em uma perspectiva de mãe messiânica, o que significa que Maria é Mãe não somente do Menino Jesus e sim de toda a sua totalidade, como homem feito carne (Jo 1,14), Messias e Redentor de toda a humanidade.

Deste ponto de vista, a cristologia acentuada de maneira substancial na vida de Maria, faz dela um elo inseparável com o Cristo em sua vida. Haja vista que Maria cristotípica, na ótica conciliar do Vaticano II, remonta também aos primórdios da história da Salvação, e por isso coloca nela uma marca indelével, que não pode ser retirada a gosto de um ou de outro, simplesmente. Neste sentido, os efeitos da graça de Cristo na vida de Maria¹⁸² não podem ser apagados ou redirecionados, e sim devem ser conservados em vista de glorificar ainda mais a presença de Jesus, Filho de Deus em sua vida e na história da piedade popular mariana. Assim, Maria é modelo cristotípica, devido a sua relação com Cristo.

¹⁸⁰ LACOSTE, J.Y. Dicionário Crítico de Teologia. In Gilles Langevin. Verbete Éfeso. São Paulo: Editoras Loyola e Paulinas, 2004, p. 602-604.

¹⁸¹ GONZALEZ, C.I. Maria Evangeliza e evangelizadora. Tradução: José A. Ceschin. São Paulo: Editora Loyola, 1990, p. 315.

¹⁸² GONZALEZ, ibidem, p. 316.

No entanto, a emblemática reflexão ao término dos debates eclesiológicos e cristológicos relativamente a mariologia do capítulo VIII da *Lumén Gentium* abriu novas arestas de unidade conciliar, visando o contrário do que muitos pensam que foi um resultado para agradar ambos os lados. Na prática, lançando-se sob a ótica dos ensinamentos evangélicos, vale a pena lembrar ao pedido de Jesus, especialmente no caso quando ensinava com a parábola da videira e dizia, permaneçei unidos a videira (Jo 15,1-17). Ou seja, porque não olhar para as reflexões conciliares marianas a partir da proposta de Jesus e constatar que o Espírito Santo suscitou nos padres conciliares o título: A bem-aventurada Virgem Maria Mãe de Deus no mistério de Cristo e da Igreja, desta forma, para unir ainda mais as duas tendências marianas?

2.3 O calendário litúrgico na ótica de festas marianas.

O belo hino do *Magnificat* cantado por Maria em forma de gratidão e louvor a Deus (Lc 1,46-54), já acenava para um culto em sua honra nas gerações futuras, logo, as normas conciliares do Vaticano II não poderiam divergir das palavras proféticas daquela que foi escolhida para ser Mãe do Messias (Lc 1,31). Assim, na esteira das diretrizes do Vaticano II, sobretudo na liturgia (cf. SC 103), ouviu-se o eco do inspirado canto de Maria, fazendo eclodir as felizes recomendações ao culto da Bem Aventurada Virgem Maria:

“Este mistério divino de salvação se nos revela e perpetua na Igreja, que o Senhor constitui como Seu corpo. Unidos a Cristo como Cabeça e em comunhão com todos os seus santos os fieis devem venerar também a memória primeiramente da gloriosa sempre Virgem Maria, Mãe de Deus e de nosso Senhor Jesus Cristo” (LG 52).

Com efeito os reconhecimentos conciliares relativo a Maria na vida e história de Jesus de Nazaré, fez dela um ícone litúrgico importantíssimo para a veneração do fieis que buscam encontrar Jesus a partir dos auspícios e intercessão mariana. Assim, o Papa Paulo VI em plena concórdia com as normas conciliares, demonstrou todo o seu apreço com o resultado dos padres conciliares. Contudo, não se deu por satisfeito somente com as orientações cultuais a respeito da Bem Aventurada Virgem Maria do Concílio Vaticano II. Assim, como uma espécie de adendo às normas conciliares, escreveu a Exortação

Apostólica *Marialis Cultus*¹⁸³, a qual fomenta ainda mais a equilibrada veneração sobre a Virgem Maria, na liturgia e na piedade popular mariana.

Desta forma, tendo em vista a liturgia sacramental de nosso Senhor Jesus Cristo, que é fonte fundamental para a salvação de todo o gênero humano¹⁸⁴, a liturgia mariana coloca-se a serviço com muita discrição, dentro do culto eucarístico, no entanto com as devidas reverências e com o objetivo exclusivo de enaltecer as palavras conciliares, quando diz: “*é preciso honrar a memória da Virgem Maria*”. Visto por este ângulo, não haveria momento melhor para exaltar a Virgem Maria, e ao mesmo tempo se apropriar da feliz oportunidade de ensinar a todos os fieis, que veneração não é a mesma coisa que adoração. Por isso, venerar a Virgem Maria, mesmo que seja diante do culto Eucarístico, não significa diminuir e sim enobrecer ainda mais Aquele ao qual toda a está sujeita.

Dentro desta ótica, Carlos Ignacio Gonzalez¹⁸⁵ lembra-nos que o ano litúrgico gira totalmente em torno da obra redentora de Cristo e por isso não é difícil compreender que é a partir da litúrgica sacramental de Jesus, que Maria mormente se apresenta como a serva do Senhor (Lc 1,38). Neste sentido, para contribuir especialmente nas festas que dizem respeito a Encarnação de Jesus. Com efeito, é a partir da festa da Encarnação de Jesus, ou seja, a partir do seu nascimento, que o calendário litúrgico mariano ganhou espaço para datas especiais, as quais demonstra que Maria participou e serviu de maneira eficaz e obedientemente a missão de seu Filho Jesus.

Nesta perspectiva, surgem as grandes festas para honrar a Mãe de Deus e de todo o povo cristão. Assim, Nossa Senhora encontra-se intimamente ligada mais diretamente aos mistérios de Cristo e da Igreja. Desse modo, particularmente as festas da Imaculada concepção e da Maternidade de Maria, ambas em conexão com o ciclo natalino e a Assunção Gloriosa, ao final do ciclo de Pentecostes, como término escatológico da Igreja. Por isso também a comemoração de Maria acentua-se durante o tempo do advento e do nascimento de Cristo.

¹⁸³ PAPA PAULO VI. *Marialis Cultus*: para a reta ordenação e desenvolvimento do culto à bem-aventurada Virgem Maria. Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, 02. São Paulo: Edições CNBB, 2016.

¹⁸⁴ GONZALEZ, C.I. Maria Evangeliza e evangelizadora. Tradução: José A. Ceschin. São Paulo: Editora Loyola, 1990, p. 339.

¹⁸⁵ *Ibidem*, p. 340.

2.4 Entendimento sobre latria, hiperdulia e dulia.

Algumas pessoas, por vezes, devido a falta de proximidade com os cultos religiosos, sobretudo cultos cristãos, se equivocam em relação ao tipo de homenagem que se deve oferecer a Deus, aos santos e, neste caso específico para esta pesquisa, também a Virgem Maria, Mãe de Deus. Para isto, de maneira a prevenir, é preciso ter clareza que, apesar da nomenclatura ser bem próxima das homenagens ofertadas a Deus Uno e Trino, a Virgem Maria e aos santos, ainda assim existe diferença bastante significativa entre a chamada *latria*, *hiperdulia* e *dulia*. Desta forma, também refletir relativamente sobre o significado de idolatria, passa a ser um caminho quase que inevitável para complementar a ótica também dentro das ritualidades cultuais.

Diante disso, São Tomaz de Aquino ao refletir sobre várias questões religiosas, na suma teológica, responde de forma muito objetiva, relativo a questões ao culto de *latria*, *dulia* e *hiperdulia* e assim, apresenta como sugestão de culto que haja percepção e conseqüentemente diferenciação clara entre àqueles que já se encontram no céu e Àquele que sempre existiu no céu. Por isso em primeiro lugar o culto a ser rendido graças é a Deus Uno e Trino e logo em seguida, o culto a Mãe de Deus e por último desses, o culto aos santos que nos precedem no Reino de Deus. Por estas questões escreve São Tomaz de Aquino¹⁸⁶:

“Dado que a latria é devida exclusivamente a Deus, não é devida a nenhuma criatura em si mesma. Pois, embora as criaturas insensíveis não tenham condições de ser veneradas em si mesmas, a criatura racional pode ser venerada por si mesma. Por isso, a nenhuma simples criatura racional se deve o culto de *latria*. E como a Virgem bem-aventurada é uma simples criatura racional, não lhe é devida uma adoração de *latria*, mas unicamente uma veneração de *dulia*; de forma mais eminente, contudo, do que às outras criaturas, por ser a Mãe de Deus. Por isso, se diz que lhe é devido não um culto de *dulia* qualquer, mas de *hiperdulia*”.

A visão de São Tomas de Aquino, absorve toda a temática em questão, que ilumina o aprendizado de maneira catequética e sana as dúvidas dos fiéis em relação ao tipo de culto que é oferecido Deus e aos santos. Desse modo, de forma magistral esclarece que há uma hierarquia no céu que deve ser muito bem respeitada e observada. Assim, a *latria* é o culto que se deve somente a Deus Uno e Trino e consiste em reconhecer nele a divindade absoluta, prestando uma homenagem com supremacia, como

¹⁸⁶ AQUINO, T. Suma Teológica: deve-se adorar a Mãe de Deus com adoração de *latria*? Volume VIII, q. 25, a. 5. São Paulo: Edições Paulinas, 2005, p. 392.

Criador e Redentor dos homens. Ou seja, reconhecer que Ele é o Senhor de todas as coisas e Criador de todas as criaturas.

Consequentemente, o culto de *dulia* é próprio de oferecimento aos santos enquanto intercessores, no céu, servindo a Igreja Peregrina na terra. Na visão catequética da Igreja expressada no catecismo¹⁸⁷ assinala que, venerar não é o mesmo que adorar e por isso quando veneramos a memória dos santos em determinadas ocasiões, entramos em comunhão de forma mais perfeita com Jesus Cristo, que é fonte e origem de toda a santidade da Igreja. Na prática, *pelo fato dos habitantes do Céu estarem mais unidos intimamente com Cristo, consolidam com mais firmeza na santidade toda a Igreja* (cf. Catecismo da Igreja Católica, 956).

À vista disso, nos resta refletir sobre o culto que deve ser prestado a Mãe de Deus e assim, com bem já vimos em temáticas anteriores desta pesquisa, a Mãe de Deus ganha um posição iminente diante do culto relativo aos santos (LG 53; MC 15) e por isso na ótica da Tradição da Igreja, ela deve ser venerada acima de todos os santos e abaixo apenas da Trindade Una e Santa, recebendo o título cultural de *hiperdulia*, que é o culto especial devido a Maria Santíssima, como Mãe de Deus. Um culto que relaciona todos os seus privilégios (MC 7) com sua maternidade divina¹⁸⁸ e que ao mesmo tempo a coloca sob condição de estar somente abaixo do Deus Uno e Trino.

2.4.1 Alguns desafios culturais relativos a evangelização na sociedade hodierna

As Diretrizes da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil (2015-2019), assinala com grande felicidade e de forma muito objetiva as mudanças socioculturais da época em que vivemos¹⁸⁹. Em virtude das mudanças com maior aceleração, emergem o pluralismo religioso que por vezes deturpam a verdadeira mensagem evangélica (cf. DGAEIB, 25). Assim, é notável que em muitos locais que aspiram tipos de religiosidade pluralista, surgem expressões com óticas de aproveitamento em relação aos mais simples e humildes do Senhor. Desta forma o pluralismo que é visto muitas vezes como um grande e

¹⁸⁷ CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. Edição revisada de acordo com o texto em latim. São Paulo: Editora Paulus, 1992, par. V, 957.

¹⁸⁸ PAPA JOÃO PAULO II. Carta Encíclica *Redemptoris Mater*: A Bem-Aventurada Virgem Maria na vida da Igreja que está a caminho. 5ª. Edição. São Paulo: Edições Paulinas, 1987, p. 16.

¹⁸⁹ CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil. Documentos da CNBB: 102. Edições CNBB, 2015, p. 23-24.

desorganizado sincretismo religioso, confunde o caminho de vida religiosa de tantos que ainda não assumiram um compromisso evangélico lídimo.

Por este fato, brotou mais uma raiz a dificultar o diálogo entre muitas religiões (Dap, 100g; 479), as quais muitas vezes preferem viver de fundamentalismos, emocionalismos, sentimentalismos, dividir e viver com pensamentos de forma unilaterais (cf. DGAEIB, *ibidem*). Consequentemente, a posição pluralista dificulta a sério o sadio relacionamento entre as religiões cristãs que sempre marcaram as épocas nascentes e crescimento do cristianismo, pois tais posições defendem a tese de que o próprio Deus quer o pluralismo das religiões¹⁹⁰. Assim, a religiosidade com ótica ecumênica, apesar de buscar sempre conservar as bases que estabelecem um bom diálogo sólido e autêntico, até mesmo pelas vias das devoções marianas¹⁹¹, parece estar sendo afetada e perdendo sua força, e não mais surtir tanto efeito, diante de tamanho sincretismo religioso.

Desse modo, se faz mister elencar alguns desafios culturais em vista do bom diálogo ecumênico para uma evangelização equilibrada e saudável, mesmo que tais desafios advenham dos mais simples. Pois, o próprio Papa Bento XVI, promoveu a piedade popular dizendo que é um rico e grande tesouro da América Latina (Dap, 258-261). Neste sentido, por vezes são das camadas mais simples que surgem inúmeras dificuldades para compreender melhor as ritualidades litúrgicas no âmbito religioso. Em consequência disso, a intercessão dos santos, passou a ser algo como uma espécie de espinha dorsal, a qual todo o diálogo religioso externo, se resume em ataques de idolatria.

Desta forma, no que concerne as ritualidades cristãs e intercessão dos santos, talvez as maiores questões desafiadoras não estão propriamente na Igreja *ad intra* e sim em sua missionariedade expressa no diálogo da Igreja *ad extra*. Pois, embora, o cerne da fé cristã não esteja alicerçada em nenhum tipo de devocionismo com bases sentimentalistas, mesmo assim, em várias ocasiões é a partir da devoção popular ou das súplicas relacionadas a intercessão dos santos, vinda dos lábios dos mais pequeninos, que nasce o afeto e o sentimento religioso por Jesus Cristo, centro e cume de toda a fé cristã¹⁹². Neste sentido, Maria pode ser vista como via bastante sugestiva para o bom diálogo ecumênico,

¹⁹⁰ RATZINGER, J. Fé, verdade, tolerância: o cristianismo e as grandes religiões do mundo. Tradução: Sivar Hoepfner Ferreira. São Paulo: Edições Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência Raimundo Lúlio, 2007, p. 51.

¹⁹¹ COMISSÃO INTERNACIONAL ANGLICANA-CATÓLICO ROMANA. Maria: graça e esperança em Cristo. Tradução: Débora Balancin. São Paulo: Editora Paulinas, 2005, p. 62-63.

¹⁹² PAPA BENTO XVI. Exortação Apostólica pós-sinodal. *Sacramentum Caritatis*: sobre a Eucaristia fonte e ápice da vida e da missão da Igreja. São Paulo: Editora Paulinas, 2007. p. 14-18.

pois ela é puro serviço para a comunidade dos fiéis e sempre nos conduz a união com seu Filho Jesus¹⁹³.

2.4.2 Maria ecumênica nos une a partir de Jesus

Desde a vida pública e o apostolado de Jesus, em seus ensinamentos e sermões sobre o Reino de Deus (Mc 1, 14s; Lc 4, 14s; Mt 4, 17) e a exaltação da dignidade da vida humana (Mc 1, 40-45 - 2 15-17; Mt 5, 1-12; Lc, 4, 17-26), destaca-se um autêntico desejo de Jesus, para que todos fossem uma só fé (Jo 17, 6-26), em um Único Deus. Desta forma, ecoa-se os ensinamentos de Jesus em toda a história da Igreja, em especial em documentos conciliares. Assim sendo, o Concílio Vaticano II é um desses marcos históricos, no qual a Igreja apoia-se e reafirma a fé nas palavras do Salvador em relação a unidade de todos os cristãos (cf. UR). Haja vista, que é destacado em alguns documentos do Concílio Vaticano II, o grande desejo da Igreja Católica em dialogar com as demais religiões com vistas ao ecumenismo sólido e autêntico (UR 1).

Partindo deste ponto de vista, a Igreja Católica seguindo os passos de Jesus, sempre promoveu o diálogo ecumênico entre as religiões. Dado que nos moldes de documentos conciliares, Maria é elevada como modelo e tipo de eclesialidade a ser seguida (LG 63), logo, a partir da vida de Jesus com perspectivas marianas, a Igreja sugere vias iluminativas como ponte para o diálogo entre religiões. Desse modo, Maria não deve ser vista como uma barreira na dentro de uma expectativa de unidade e de diálogo, e sim, como mãe que corrobora na união de todos os filhos e filhas da Igreja. A julgar por esse dado, a Comissão Internacional Anglicano Católica Romana¹⁹⁴ (ARCIC), serve-se de maneira muito positiva da figura de Maria em uma visão reconciliadora e de aproximação, como modelo para unir e não separar os católicos e os demais anglicanos.

Neste sentido, visando o diálogo ecumênico, sabe-se que o maior valor a ser considerado está na pessoa de Jesus Cristo, e por isso Maria é apenas um modelo a ser seguido com vistas a união a seu Filho. À vista disso, a ARCIC ao escrever “Maria: graça e esperança em Cristo”, coloca no centro das religiões mais uma vez a pessoa e o pedido

¹⁹³ MURAD, A. Maria Toda de Deus e tão humana: compêndio de mariologia. São Paulo: Editoras Paulinas e Santuário, 2012, p. 146.

¹⁹⁴ COMISSÃO INTERNACIONAL ANGLICANO-CATÓLICA ROMANA. Maria: graça e esperança em Cristo. Tradução: Debora Balancin. Coleção *oikoumene*. São Paulo: Editora Paulinas, 2005, p. 5.

de Jesus feito em sua oração sacerdotal: “*Pai santo guarda-os em teu nome os que me deste, para que sejam um como nós...*” (Jo 17,11b). *Eu lhes dei a glória que me destes, para que seja um: Eu neles e tu em mim, para que sejam perfeitos na unidade...*” (Jo 17,22s). Desta forma, o convite para o diálogo religioso sugere eliminar as diferenças culturais, pois é a partir de Jesus Cristo que Maria se oferece como meio e serviço no diálogo ecumênico.

Na prática, a Igreja católica caminha neste mundo sempre com vistas ao ecumenismo, assim, é nesta perspectiva que a V CELAM, em Aparecida também sublinhou vias iluminativas na tentativa de aproximação entre as demais religiões e lembrou a importância de se acreditar em um Deus Uno e Trino. Com efeito, segundo Aparecida (cf. V CELAM, 2007) o ecumenismo não possui uma ótica somente sociológica, mas também deve ser visto por uma compreensão eclesiológica, expressado a partir da fé batismal de cada profissão religiosa (Dap 228).

Assim, mesmo que a figura de Maria desde os primeiros séculos, ainda seja considerada um objeto de discussões religiosas¹⁹⁵, mesmo assim, o propósito principal visto a partir da Declaração *Nostra Aetate*, do concílio Vaticano II, sempre deve ser, fomentar a caridade e tudo o que une o ser humano em sua convivência natural (NA 1). Por isso a figura de Maria não deve ser vista de maneira maximalista ou minimalista¹⁹⁶, tornando-a objeto de discórdia, e sim, olhar para Maria de forma equilibrada e sadia, buscando ter a sensibilidade com a sua presença marcante desde o tempo da anunciação, onde contribuiu significativamente na história da salvação a partir de seu sim a Deus Uno e Trino (Lc 1,26-38).

Isto posto, ao constatar essa cooperação mariana na história, não é difícil ver em Maria uma figura de contribuição e aproximação entre as religiões, com o objetivo de unir os povos no caminho de seu Filho Jesus. Consequentemente, um itinerário que deseja retirar o fiel do caminho das trevas e sombras (Dap, 21) para se encontrar com Jesus Cristo (DCE 1), caminho verdade e vida (Jo 14,6). Assim, continuar despertando na Igreja um estado permanente de diálogo e missionariedade, tendo em vista a evangelização e conquista de novos membros dispostos a se unirem a Jesus e ao serviço do bem comum, sobretudo aos mais simples e pobres do Senhor.

¹⁹⁵ FIORES, S; MEO, S. Dicionário de Mariologia. Tradutores: Alvaro A. Cunha, Honório dalbosco, Isabel F. L. Ferreira. In: Danilo Sartor. *Verbete: Mãe de Deus*. São Paulo: Editora Paulus, 1995, p. 783-793.

¹⁹⁶ GONZALEZ, C.I. Maria Evangeliza e evangelizadora. Tradução: José A. Ceschin. São Paulo: Editora Loyola, 1990, p. 19.

2.5 A Igreja em saída na ótica do Papa Francisco com perspectiva mariana

A visão de Igreja missionária nas reflexões do Papa Francisco nos parece remontar aos moldes evangélicos, onde a Palavra de Deus instiga o ser humano a sair de sua acomodação e ser tornar mais dinâmico¹⁹⁷. Neste sentido, partindo da reflexão bíblica de algumas perícopes (Gn 12,1-3; Ex 3,10-17; Jr 1,7), o modo teológico de pensar do Sumo Pontífice, faz alusão a uma dimensão missionária visando os moldes hodiernos, o qual chama de Igreja em saída (EG 20). O que significa isso? Qual o sentido deste pedido do Papa Francisco, sublinhando uma nova dimensão da Igreja missionária? Como contribuir e ser Igreja, a partir da visão do Papa Francisco? Maria modelo e tipo da Igreja (LG 63), pode auxiliar em algo, para a Igreja em saída?

Dentro desta visão, então parece que o pedido de Jesus, desde sua vida pública, ainda permanece nos dias de hoje: *“assim como o Pai me enviou, também eu vos envio”* (Jo 20,21), ou *“ide por todo o mundo, proclamai o Evangelho a toda criatura. Aquele que crê e for batizado será salvo; o que não crer será condenado”* (Mc 16,15), ou ainda *“todo o poder me foi dado no céu e sobre a terra. Ide, portanto, e fazei que todas as nações se tornem discípulos, batizando-os em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo”* (Mt 28,18bs). Neste contexto, a ótica do Papa Francisco sugere pensar que o mandato de Jesus adquira novas propostas evangelizadoras no seio da Igreja e sociedade atual, obviamente, corroborando sem ferir o pedido inicial do Mestre.

Desta forma, “o crer” evangélico na reflexão do atual sumo pontífice, ultrapassa uma Igreja de meras formalidades ritualistas em sua estrutura interna (Dap 365), e nos insere em uma perspectiva socio-cultural-evangelizadora. Pois as palavras anunciadas por Jesus referente ao crer, na visão do Papa Francisco pode ser uma indicação, interpretada e lida como via de iluminação para a Igreja hodierna, sugerindo abandonar e sair da zona de conforto *ad intra* e se lançar a missão *ad extra*. Ou seja, assumir postura evangélica também nos moldes de libertação social em relação a exclusão dos mais simples e pobres.

Visto por este ângulo, Maria Mãe de Jesus, pode nos ensinar muito a ser uma Igreja missionária em estado permanente de saída, evitando assim, a estagnação e o desejo de ficar somente dentro do templo. Neste sentido, Maria foi a primeira missionária

¹⁹⁷ PAPA FRANCISCO. Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*: sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. São Paulo: Editora Paulinas, p. 27.

do Senhor a comportar-se como um Evangelho vivo e dinâmico dentro e fora da Igreja. Haja vista que após o seu primeiro momento da anunciação (Lc 1,39), envolvida pelo Espírito Santo (Lc 1,35), lançou-se às pressas rumo a casa de sua prima Isabel, talvez sem perceber, mas já demonstrando em atitudes, o caminho que a Igreja deveria percorrer sempre. Ou seja, sair do templo sem medo, ir ao encontro e anunciar o Evangelho aos mais pobres e pequeninos do Senhor.

Neste sentido, as realidades desafiadoras relativas em sair ao encontro da ovelha perdida (Lc 15,4), podem ser vencidas a medida que haja esforço para imitar as virtudes expressas no Evangelho, e neste caso, sobretudo nos moldes marianos. Pois, Maria não desviou-se dos desafios desde o tempo da anunciação (Lc 1,26-38), a qual trazia nova proposta para a sua vida, especialmente em referência a sua itinerância familiar. Assim, dentro desta perspectiva, Maria pode ser um caminho exemplar a ser seguido, pois ao dizer sim a Deus, foi envolvida pelo Espírito Santo de tal maneira para lutar e desobstaculizar os caminhos desafiadores, visando ajudar a todos, especialmente as famílias. Logo, ao observar os caminhos percorridos por Maria, brota a necessidade de quebrar paradigmas ritualistas excessivos (Dap 367), evidentemente tendo em vista o crescimento eclesial e o serviço para o bem comum.

Desta forma, a V CELAM, que ocorreu em Aparecida convidou toda comunidade eclesial a refletir sobre conversão pastoral e renovação missionária das comunidades, tendo em vista novas perspectivas missionárias no agir e no executar (Dap 365-372). Neste seguimento, o Papa Francisco, ao escrever a exortação *Evangelii Gaudium* (A Alegria do Evangelho), fez questão de pontuar algumas ponderações de muita profundidade a respeito da Igreja em estado de saída (EG 20-23). Logo, acrescentou que a missionariedade *ad extra* deve ser alegre a tal ponto de irradiar felicidade aos evangelizados (EG 21), como fez Maria ao entrar na casa de Isabel.

Dentro deste contexto, o exemplo de Maria ao visitar sua prima Isabel (Lc 1,39) parece ter ecoado em plena conformidade com as palavras do Papa Francisco, pois Maria não somente levou a alegria na casa de sua prima Isabel, mas rejubilou ao cantar o *Magnificat* (Lc 46-55), realçando sua felicidade com a missão em ser a Mãe do Salvador. Seguindo ainda o pensamento do Papa Francisco, o Sumo Pontífice acenou em seu livro “A Igreja da Misericórdia”¹⁹⁸ que os exemplos de Maria, especialmente na escuta,

¹⁹⁸ PAPA FRANCISCO. A Igreja da Misericórdia: minha visão para a Igreja. Tradução do prefácio Cristina Mariani. Editora Paralela: São Paulo, 2014, p. 101.

decisão e ação devem ser abundantes e observados em todas as ocasiões, e assim serem transformados em atitudes concretas, que levem o ser humano a uma transformação pessoal e comunitária, dinamizando a sua vida com sentido de evangelização.

2.6 O Espírito Santo e Maria: uma leiga a serviço do Reino

Em tempos atuais, ao refletir no âmbito de dons e carismas espirituais, o ponto de partida quase sempre é o evento Pentecostes narrado por São Lucas, em Atos dos Apóstolos no capítulo segundo (2,1-4). Na prática, esta perícopa bíblica sublinha o cumprimento da promessa do Messias, ao anunciar o Paráclito, na narrativa de São João 14,16. Dentro deste cenário, o frei Raniero Cantalamessa¹⁹⁹ ao escrever o comentário sobre o canto do Espírito, fala-nos desta experiência belíssima, que marcou significativamente alguns momentos decisivos na vida cristã. Assim, a coragem e a ousadia que nasceu no coração dos Apóstolos a partir do Pentecostes, transformou a vida de muitos que os ouviam (cf. At 2,37), logo, uma experiência que foi descrita como um coroamento de todas as obras de Deus²⁰⁰.

Entretanto, mesmo sabendo que é partir do evento Pentecostes, que o Espírito Santo ganha maior atenção de muitos estudiosos sobre o assunto²⁰¹, é importante ressaltar que a dinamicidade do Espírito Santo já existia desde o início da criação (cf. Gn 1). Diante disso, o Magistério da Igreja ao anunciar o Dogma da Imaculada Conceição, diz que: “(Maria) cumulada de graça por Deus, foi redimida desde a concepção”. Assim sendo, como membro e parte integrante do antigo Israel, Maria foi a primeira a ser agraciada com dons espirituais que marca a transição de uma era a outra, em vista do cumprimento do nascimento de Jesus, o Filho de Deus. Vejamos o que diz a *Bulla Ineffabilis Deus*²⁰², que proclama o Dogma da Imaculada Conceição:

De preferência a qualquer outra criatura, Deus escolheu uma Mãe para o seu Filho nascer... Por isto cumulou-a admiravelmente, mais do que todos os Anjos e a todos os Santos, da abundância de todos os dons celestes, tirados do tesouro da sua Divindade e ainda por ordem do próprio Deus, o Anjo Gabriel lhe

¹⁹⁹CANTALAMESSA, R. Maria, um espelho para a Igreja. Aparecida: Editora Santuário - 7ª. edição, 1992, p. 152.

²⁰⁰CANTALAMESSA, *ibidem*.

²⁰¹PETER, E. Dicionário de Conceitos Fundamentais de Teologia. In *Peter Knauer*. Tradução: João Rezende Costal. São Paulo Editora Paulus, 1993, p. 250-252.

²⁰²PAPA PIO IX. *Bula Ineffabilis Deus*. Dogma da Imaculada Conceição da Bem-Aventurada Virgem Maria. Coleção *Theotókos*. Brasília Edições CNBB, 2016, p. 9-10.

chamara cheia de graça... Assim, era exornada de todos os carismas do Espírito Divino; antes, era um tesouro quase infinito e um abismo inexaurível dos mesmos carismas.

Nesta perspectiva, destaca frei Raniero Cantalamessa²⁰³ que Maria é a primeira carismática da Igreja, pois foi plasmada pelo Espírito Santo desde a sua concepção (cf. CIC 491), meritoriamente recebeu dons e carismas espirituais em vista da redenção de Cristo. Assim, assinala Gonzalez²⁰⁴, que cada um dos dons espirituais recebidos por Maria, desde o seu nascimento até sua Assunção ao céu, e os demais carismas de serviço em vista do Reino, todos são devidos a graça de Cristo, e não por qualquer tipo de ascetismo ou um esforço natural da própria pessoa.

Desse modo, se no Pentecostes os dons espirituais ganham sua relevância especialmente na ordem da verificação, então já a partir de Maria ganharam clara constatação de dinamicidade e serviço, pois a vida de Maria é marcada pela disponibilidade (Lc 1,38), sua atenção, sobretudo, nas bodas de Caná (Jo 2,3), sua confiança, quando diz aos serventes: “*faça tudo o Ele vos mandar*” (Jo 2,5), sua solicitude e intercessão²⁰⁵, quando percebe o desconforto da família nas bodas de Caná. Evidentemente, que o instrumento para se tornar mais bem aperfeiçoado a cada dia é preciso esforço pessoal e muitas renúncias²⁰⁶.

À vista disso, de vários modos, com muita descrição e sutileza²⁰⁷, esforçando-se a cada dia de sua vida para ser melhor, Maria nos ensina a colocar-se a serviço do Reino, valorizando os dons recebidos e exaltando os méritos de Jesus, e não somente isso, mas com atitudes concretas colocá-los a serviço do bem comum (LG 12). Neste sentido, constatar e meditar sobre os dons espirituais a partir da vida de Maria de Nazaré propõem vias alternativas para seguir a Jesus Cristo, caminho verdade e vida (Jo 14,6), pois ela é a discípula mais perfeita do Senhor (Dap, 266), é atenta as necessidades das pessoas, movida pela bondade e pela caridade.

Neste sentido, na perspectiva do frei Raniero Cantalamessa²⁰⁸, Maria é a primeira a receber os carismas do Espírito Santo, aliás, a coloca em grau hierárquico de maioridade

²⁰³ CANTALAMESSA, *ibidem*, p. 160.

²⁰⁴ GONZALEZ, Carlos Ignácio. *Maria, evangelizada e evangelizadora*. São Paulo: Edições Loyola, 1988, p. 264.

²⁰⁵ MURAD, Afonso. *Maria toda de Deus e tão humana*. São Paulo: Editoras Paulinas e Santuário, 2012, p. 95.

²⁰⁶ SUAREZ, Frederico. *A Virgem Nossa Senhora*. São Paulo: Quadrante, 2003. p. 78.

²⁰⁷ SUAREZ, *ibidem*, p. 92.

²⁰⁸ CANTALAMESSA, *ibidem*, p. 160.

em relação aos demais feitos carismáticos na vida dos profetas e Apóstolos. É bem verdade que ao anúncio do Anjo, Maria fica repleta do Espírito Santo, pois está sendo chamada pelo mensageiro divino de cheia da graça (Lc 1,28). Conseqüentemente, se vê um anúncio posterior, onde o mesmo Anjo avisa-a, que ela estará sob a proteção do Altíssimo e nascerá dela o Filho de Deus (Lc 1,35b). Ora nisto consiste ver que Maria é a predileta do Senhor, é reservada e predestinada por Deus²⁰⁹.

Assim, esta singularidade decorrente na vida de Maria difere totalmente da ação do Espírito Santo na vida dos antigos profetas, até João Batista. Conforme Cantalamessa²¹⁰, a vida profética do Antigo Testamento era marcada com o dinamismo da palavra na vida de cada profeta, ou seja, a *dabar* se tornava um princípio ativo, que orientava a ação profética e suas denúncias em determinados momentos, seja no culto sacrificial (Am 5,21-25) ou em relação aos mandamentos da Lei de Deus (Is 1,10-20; Os 6,6). Em Maria é algo novo e singular, pois nela o Espírito Santo não é somente um influxo, mas encontra nela uma morada para o Verbo (Jo 1,14) e faz dela, a primeira leiga a se colocar a serviço do Reino, a partir do Novo Testamento.

2.7 Importância do ano mariano e sua consonância com o ano do laicato

Partindo da ótica laical sobre a vida de Maria e em plena harmonia com a abertura do ano do laicato (2017-2018)²¹¹, aproveitemos a boa oportunidade para somar a importância do riquíssimo tesouro da piedade popular mariana ao vital ministério da vida laical, na Igreja. Assim, se faz mister pequena memória da grande inspiração do Papa Pio XII, ao escrever a Carta Encíclica *Fulgens Corona*²¹², referente a feliz exaltação da Bem-Aventurada Virgem Maria, na vida da Igreja. Nesta ocasião, houve a pulquérrima iniciativa de promulgar o ano mariano em toda vida da Igreja. Assim, os frutos do Ano Mariano, perpassaram vários anos da história cristã, e desse modo, São João Paulo II,

²⁰⁹ MICHEL. Jean-Claude. A Imaculada Conceição: promessa e pureza – série Virgem Maria. São Paulo Editora Ave Maria, 2005, 27s.

²¹⁰ CANTALAMESSA, *ibidem*, p. 161.

²¹¹ CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. Cristãos leigos e leigas na Igreja e na sociedade: sal da terra e luz do mundo (Mt 5,13-14). Documento 105. São Paulo Edições CNBB, 2017.

²¹² PAPA PIO XII. Carta Encíclica *Fulgens Corona*: indicação do ano mariano. Coleção *Theotókos*. Brasília Edições CNBB, 2016.

assinalou está grande importância quando escreveu a Carta Encíclica “A Mãe do Redentor”²¹³, sugerindo que o Ano Mariano ganhasse sua continuidade.

Evidentemente, que não foi somente para tecer mais alguns elogios sobre a Mãe de Deus, que o Papa Pio XII e São João Paulo II escreveram tais encíclicas sobre a Mãe de Deus, pois não seria necessário, sabendo que desde os primeiros séculos, Maria já havia sido exaltada e recebido um lugar de destaque mediante a sua colaboração generosa, relativo aos méritos de Cristo em sua vida²¹⁴. Então para que seria mais um documento pontifício sobre a Virgem Maria? Obviamente, quando o Magistério da Igreja se pronuncia sobre alguma matéria de fé ou doutrina, a mensagem sempre traz informações relevantes para a Igreja e todos os seus fiéis. Neste sentido, a vida de Maria de Nazaré, como leiga a serviço do Reino, mulher piedosa e lutadora, torna-se uma via iluminativa para todos os fiéis leigos, que almejam a santidade na prática da vida diária.

Diante disso, no rastro de seus antecessores, nas primeiras décadas do terceiro milênio, (e quem sabe) percebendo os grandes frutos provenientes dos anos marianos, o Sumo Pontífice da nossa atualidade cristã, o Papa Francisco, teve a feliz iniciativa de um novo ano mariano (2016-2017)²¹⁵ e desta vez dando sequência com a belíssima inspiração do ano do laicato. Que feliz continuidade! Maria, uma leiga inserida no mundo de seu tempo, que se consagrou totalmente ao serviço do Reino, antecede o ano do leigo no Brasil, que nesta ocasião, são chamados a ser “*sal da terra e luz do mundo*” (cf. Mt 5,13-16), na sociedade. Assim, quantos exemplos não podem ser inseridos na vida do fiel leigo batizado a partir da ótica mariana.

Neste sentido, fazer memória de Maria, não somente nos faz lembrar de todas as suas prerrogativas salutares diante de Deus, mas também nos inseri em uma perspectiva de muita luta e sobrevivência, a qual quer refletir na vida da Igreja e do leigo, particularmente no entusiasmo de ser “*sal da terra e luz do mundo*”. Conforme São João Paulo II²¹⁶, o Ano Mariano sempre deve promover uma leitura atualizada da ação da Igreja na história, sobretudo no que diz respeito aos ensinamentos conciliares do Concílio

²¹³ PAPA SÃO JOÃO PAULO II. Carta Encíclica a Mãe do Redentor: a Bem-Aventura Virgem maria na vida da Igreja que está a caminho. São Paulo Editora Paulinas, 1987, p. 91-95.

²¹⁴ LACOSTE, J.Y. Dicionário Crítico de Teologia. In Gilles Langevin. Tradução: Paulo Menezes. São Paulo Edições Paulinas e Loyola, 2004, p. 602-604.

²¹⁵ ROCHA, S. dom. Rádio Vaticano: A voz do Papa e da Igreja em diálogo com o mundo. O ano nacional mariano é para celebrar Nossa Senhora. Mensagem à Igreja Católica do Brasil. Site: http://br.radiovaticana.va/news/2016/09/23/dom_s%C3%A9rgio_%E2%80%9Ccano_mariano_%C3%A9_pa_ra_celebrar_comemorar/1260212. Acesso em 27/11/2017, às 13h40.

²¹⁶ PAPA SÃO JOÃO PAULO II, ibidem p. 92.

Vaticano II. Com efeito, fica claro que o objetivo do Ano Mariano, além de recordar as divinas colaborações de Maria, quer recordar também a sua vida de fé.

Na prática, Maria não se tornou um instrumento divino de passividade, apenas a ficar admirando (cf. At 1,10) ou escondida no interior do templo (EG 27), mas dinamizou a sua vida de fé com a ação missionária, e quando foi preciso, até mesmo de forma itinerante (cf. Mt 2,13-23). Diante disso, a *práxis* cristã a partir de Maria é de grande importância para o aprendizado do fiel leigo, enquanto “*sal da terra e luz do mundo*”. Assim, ao se espelhar na vida prática da mulher Maria, o fiel leigo irá penetrar na vida social com maior profundidade, e ao mesmo tempo estará em plena consonância com o pedido dos bispos do Brasil, relativo a movimentação do fiel leigo no mundo (cf. CNBB-105, 91). Com efeito, a inserção do fiel leigo e leiga na sociedade, passa por momentos de ação missionária decisivos de suas vidas, como ocorreu na vida de Maria.

Desta forma, contribuindo com a missão leiga no mundo e na sociedade hodierna, Maria pode ser vista como um enfoque alternativo, obviamente se a de quando ao período e cada reflexão e solicitação dos bispos do Brasil (CNBB-105, 92). Assim, quando o Papa Paulo VI assinala o mundo como local e o campo de atuação do leigo, abre-se com mais facilidade uma perspectiva missionária, onde o leigo e leiga tornam-se sujeitos eclesiais da missão, logo, como sugere ter sido a vida de Maria. Por esta ótica, corrobora o documento de Puebla²¹⁷, enfatizando que Maria é modelo de serviço eclesial na América Latina e que: “*todo serviço que Maria presta aos homens consiste em abri-los ao Evangelho*” e convidá-los a obedecer-lhe: “*fazei o que vos disser*” (Jo 2,5).

2.8 Conclusão do segundo capítulo.

A solicitude de Maria a partir do Evangelho de São João impressiona o leitor bíblico em relação a atitudes tão exemplares de sua vida. Aliás, ações que podem ser atualizadas na vida de qualquer fiel leigo que pretende caminhar em uma vida missionária buscando a santidade. Neste sentido, a piedade popular mariana se apresenta a toda a Igreja como proposta alternativa de vida cristã. Diante disso, a figura de Maria tornou-se exemplar não somente como modelo de seguimento a Jesus Cristo, mas também como

²¹⁷ BAZAGLIA, P. Conselho Episcopal Latino Americano: Documento do CELAM. Conclusões das Conferências do Rio de Janeiro, de Medellin, Puebla e Santo domingo. São Paulo Editora Paulus, 2004, p. 363.

mulher lutadora e atenta aos mais necessitados. Pois, é justamente a postura de Maria, que muda positivamente o cenário da festa de casamento, nas Bodas de Caná.

Nisto consiste alguns dados muito significativos a serem bem observados. Primeiro: Maria, a partir de sua experiência pessoal com Deus, está totalmente inclinada a ir ao encontro e servir o próximo; ela é atenta as necessidades dos mais necessitados. Segundo: a virtude da coragem se sobressai no seu relacionamento com seu Filho, que surpreende a todos os leitores, ao pensar que Maria é apenas mais uma mulher submissa e que espera as coisas caírem do céu. Com efeito, que Maria tornou-se modelo e tipo da Igreja a ser seguida, e desta forma, na atualidade cristã quando escutamos que a Igreja deve estar em estado permanente de saída, podemos facilmente buscar em Maria exemplos de atitudes concretas para evangelizar o mundo contemporâneo.

CAPÍTULO III

1 CONTRIBUIÇÃO DOS DOGMAS E ORAÇÕES MARIAL PARA INCREMENTO DA FÉ CRISTÃ

Contribuição da tradição na formação dos dogmas marianos.

A pregação inicial do Evangelho e sua transmissão se deu especialmente de duas formas: oralmente e por escrito (cf. Catecismo da Igreja Católica 75; DV 9). Assim, Jesus ao chamar àqueles que quis, nomeando como Apóstolos da Boa Nova (Mt 10,1-4; Mc 3,13-19; Lc 6,12-16), e ao enviá-los a anunciar e batizar em nome da Santíssima Trindade (Mt 28,19; Mc 16,15s), consumou o início da formação do que conhecemos hoje, como Tradição Apostólica. Naturalmente se emoldurava uma regra de fé a ser seguida, pois o discípulo é aquele que ouve (Lc 11,28; Dt 30,14), obedece (Rm 1,5; Fl 2,8) e permanece fiel (Jo 15,4–15-18). Evidentemente, que as verdades de fé observadas pelos discípulos de Jesus sugeriam uma espécie de código de conduta a ser seguido.

Dentro desta perspectiva de seguimento e observância aos ensinamentos de Jesus, aos poucos a Tradição Apostólica ganhava sua força e consistência. Assim os verdadeiros discípulos de Jesus se formavam com maior radicalidade, pois era preciso renunciar muitas coisas nesta vida para ganhar a vida eterna (Lc 23, 26; Mt 16, 24-26; Mc 8, 34-38). Tal radicalidade foi sendo moldada em forma de doutrina para melhor servir a comunidade eclesial. Haja vista que parte da doutrina católica, dentro na história do cristianismo são conhecidas como verdades de fé ou dogma, pois foram reveladas por Deus e interpretadas no Espírito Santo. Em síntese, conforme Lucien Cerfaux²¹⁸, a Tradição colaborou significativamente na transmissão da mensagem evangélica e formação de doutrinas dogmáticas (DV 7).

Assim sendo, em tempos atuais no sentido estrito da palavra, dogma, se refere a uma verdade de fé, que deve ser acreditada de forma irrevogável²¹⁹. Entretanto, o dogma deixou sua marca inicial, como doutrina a ser seguidas de a Tradição Apostólica com a manifestação da Igreja nascente (cf. Atos dos Apóstolos), com ênfase especial nas cartas

²¹⁸ CERFAUX, L. O cristão: na teologia de Paulo. Tradução: José Raimundo Vidigal. São Paulo: Editora Paulus, p. 133-137.

²¹⁹ PASSOS, J. D.; SANCHEZ, W. L. Dicionário do Concílio Vaticano II. In Afonso M. Ligório Soares. São Paulo: Editora Paulus 2015, p. 300.

pastorais dirigidas as comunidades cristãs em crescimento. Dentro desta perspectiva, Bernard Sesboue²²⁰ enfatiza que, no início da evangelização cristã, a fidelidade dos apóstolos marcou significativamente o início da Tradição Apostólica, dando origem de forma mais concisa e sistemática a uma identidade cristã, que temos hoje. Com efeito, o encargo ao qual foi confiado de interpretar genuinamente a Palavra de Deus foi a Tradição (DV 10).

Neste sentido, a Constituição Dogmática *Dei Verbum* assinala que parte da missão dos Apóstolos também era guardar o depósito da fé²²¹, para que o Evangelho se tornasse inextinguível. Assim, contribuindo com a visão conciliar sobre a Revelação Divina, escreveu o Papa emérito Bento XVI²²² que:

“O fato de Jesus ter confiado aos Apóstolos na Última Ceia, antes da Paixão, a tarefa de celebrar a sua memória, demonstra como Jesus queria transferir para toda a comunidade, na pessoa dos seus cabeças, o mandato de ser história sinal e instrumento do encontro escatológico nele iniciado”.

Desta maneira, na visão teológica de Bento XVI, a ação litúrgica consagrada e já prefigurada na última ceia pelo Senhor (Mt 26,17-29; Mc 14,12-25; Lc 22,7-23), é passada de geração em geração na gestualidade simbólica pela transmissão apostólica (DV 8). Nesta perspectiva, corrobora Sesboue²²³, realçando que, não somente a gestual imposição das mãos, mas também o vocabulário da sucessão apostólica começou a ganhar fortes ecos já em alguns discursos dos padres apostólicos desde a Igreja primitiva, nos primeiros séculos, como por exemplo em Clemente de Roma²²⁴ enfatizando que:

“Os Apóstolos receberam do Senhor Jesus Cristo o Evangelho que nos pregaram. Jesus Cristo foi enviado por Deus. Cristo, portanto, vem de Deus e os Apóstolos vêm de Cristo. As duas coisas em ordem, provêm da vontade de Deus. Eles receberam instruções e, repletos de certeza, por causa da ressurreição de nosso Senhor Jesus Cristo, fortificados pela palavra de Deus e com a plena certeza dada pelo Espírito Santo, saíram anunciando que o Reino de Deus estava para chegar”.

Dentro deste contexto, em um estilo eclesial e de colegialidade, reforça Inácio de Antioquia dizendo: *“de agora em diante é bom retomar o bom senso e, enquanto ainda temos tempo, converter-se a Deus, pois é bom reconhecer a Deus e ao bispo, assim, quem*

²²⁰ SESBOUE, B.; WOLINSKI, J. O Deus da Salvação: século I-VIII. São Paulo: Editora Loyola, 2002, p. 54-55.

²²¹ DEI VERBUM. Constituição Dogmática sobre a Revelação Divina. São Paulo: Editora Paulinas, 2004, p. 11.

²²² PAPA BENTO XVI. Os Apóstolos: uma introdução às origens da fé cristã. Tradução: Euclides Luiz Calloni, Cleusa Margô Wosgrau. São Paulo: Editora Pensamento, 2008, p. 13.

²²³ SESBOUE, B.; WOLINSKI, J., *ibidem*.

²²⁴ PADRES APOSTÓLICOS. Patrística. Tradução: Ivo Storniolo, Euclides M. Balancim. São Paulo: Editora Paulus, 1995, p. 53.

respeita o bispo, é respeitado por Deus". Assim, ao refletir sobre a união com Deus, a Igreja e os bispos, Inácio de Antioquia faz memória às origens cristãs e corrobora ainda mais com a idéia da Tradição Apostólica na formação do dogma, não como conceito, mas já como doutrina a ser seguida.

Efetivamente, tanto em Clemente Romano como em Inácio de Antioquia, vemos que são orientações bastante importantes referindo-se tanto a sucessão apostólica como o ato pelo qual eram nomeados os novos ministros da Igreja nascente. Assim, a Tradição Apostólica emoldurava uma regra cristã a seguir, pela qual a consagração presbiteral e a diaconia, submetia-se ao invólucro dos Apóstolos. Neste sentido, as normativas eram todas pré-existentes, apenas sendo aprimoradas a cada período histórico do cristianismo.

Desta forma, o surgimento e a formulação dogmática são quase que natural em torno das temáticas que envolvem o messias, tanto no cerne do anúncio da Boa Nova, trazida por Jesus, e como na Tradição oral e redacional transmitida pela apostolicidade indicada por Jesus (Mt 16,18s; Jo 21,15). Nesta ótica, ser discípulo de Jesus, significa, segui-lo sabendo observar com grande dedicação aos mandamentos com esmerado amor (Jo 15,12), ou seja, o discípulo deve ser cheio da virtude da caridade (ITm 1,5).

1.1 Contribuição dos dogmas marianos para a fé cristã

Segundo o padre Pedro Iwashita²²⁵, a Igreja Católica apresenta quatro dogmas marianos para incremento da fé do povo de Deus. Por esta ótica, o dogma é visto como uma via a mais a ajudar no caminho da fé em Jesus Cristo (cf. Catecismo da Igreja Católica, 88), e por isso é necessário quebrar paradigmas, os quais referem-se a certo tipo de imposição em determinada área doutrinária. Nesta perspectiva, a Igreja ao apresentar orientações com visão dogmática, quer fomentar e ajudar a fé do povo, sobretudo com os dogmas marianos. Assim sendo, cada um dos dogmas marianos, traz consigo a sua marca positiva na história junto a Igreja e ao povo de Deus, pois o estudo a acerca da cristologia²²⁶ sempre atestou e influenciou significativamente no contexto do desenvolvimento da dogmática mariana.

²²⁵ IWASHITA, P. K. Maria e Iemanjá: análise de um sincretismo religioso. São Paulo: Edições Paulinas, 1991, p. 146.

²²⁶ LACOSTE, J.Y. Dicionário Crítico de Teologia. In Gilles Langevin. São Paulo: Editoras Loyola e Paulinas, 2004, p. 602.

Com efeito, os dogmas marianos estão cada um deles subordinados a origem e ao desenvolvimento da cristologia na vida cristã, e neste sentido, basta observar cada dogma mariano e sua dimensão no sentido de contribuição. Citando como exemplo, a Maternidade Divina de Maria, está sob os olhares do nascimento de Cristo em sua vida, e com isso, a fé da Igreja vê nas atitudes de Maria exemplos singulares a serem seguidos²²⁷. Evidentemente, que a Igreja sempre viu nesta atitude exemplar de Maria uma espécie de obra prima, relativa á sua entrega e serviço a Deus e aos mais pobres.

Nesta perspectiva, encontra-se o segundo dogma mariano, que trata sobre a Imaculada Conceição, ou seja, Maria, em vista de um projeto divino nasce sem a mancha do pecado original²²⁸. Naturalmente, que na ótica cristã a Igreja encontra neste dogma uma visão bastante simples, porém muito significativa. Com efeito, Deus sempre tem um projeto para o nascimento de cada pessoa. Por isso é importante ressaltar que a visão dogmática de determinados assuntos doutrinários não impõe, mas propõe um caminho de vida a ser seguido. Assim, quando cada pessoa se descobre como ser humano querido e projetado por Deus, a perspectiva de vida humana ganha um salto de qualidade de vida.

Assim, o terceiro e o quarto dogma também devem ser observados a partir da singularidade de seus elementos fundantes, ou seja, a ótica cristológica constrói o dogma da Virgindade Perpétua e a Assunção de Maria²²⁹, logo, ganham sua relevância na Igreja e na sociedade, mormente na vida cristã. Desse modo, a consagração de Maria a partir da visão do Dogma da Virgindade Perpétua, oferece caminhos de reflexões para a vida consagrada. Neste mesmo caminho, a Assunção de Maria, pode sugerir a guarda do corpo e a vida inteira de cada pessoa na esperança de entrarem santos e imaculados na Vida Eterna.

1.1.1 As prerrogativas de Maria na ótica do serviço

Ao falar de privilégios concedidos por Deus na vida de Maria, inevitavelmente, o primeiro privilégio sugerido a ser observado é o milagre de sua concepção virginal, o qual a faz Mãe do Salvador e mãe na ordem da graça de toda a Igreja²³⁰. Por esta ótica, não é

²²⁷ IWASHITA, *ibidem*, p. 146-147.

²²⁸ PAREDES, J. C. R. G. *Mariologia: síntese bíblica, histórica e sistemática*. Tradução: José Joaquim Sobral. São Paulo: Editora Ave-Maria, 2011, p. 249.

²²⁹ PAREDES, *ibidem* p. 269-270.

²³⁰ PAREDES, *ibidem* p. 389.

difícil elencar algumas atribuições na vida de Maria, pois todos os seus apanágios recebidos ao longo de sua vida, sugerem que foram em vista de aprimorar ainda mais a virtude do serviço. Com efeito, Maria ao compreender a sua missão diante de Deus, a primeira resposta que saiu dos seus lábios foi: “*eis a serva do Senhor...*” (Lc 1,28). Assim, conforme o padre Garrigou Lagrange, Maria ao longo de sua vida foi enriquecida ainda mais com carismas espirituais em vista de sua eleição²³¹.

Desse modo, tanto as virtudes infusas como as adquiridas, passam a ter maior conotação na vida de Maria e ressaltar uma maneira mais elevada no sentido de serviço, do que na vida de qualquer outro santo em particular. Segundo Lagrange²³², se a vida de um santo ou santa foi moldada com dons espirituais, na tentativa de melhorar ainda mais os seus talentos intelectuais, para testemunhar a fé em Jesus Cristo, quanto mais na vida de Maria, como Mãe do Santíssimo Salvador. Lagrange assinala que apenas pelo fato de ser Mãe, Maria já se encontra em uma esfera mais alta do que qualquer outra pessoa, mesmo na condição de santo. Com efeito, tratam-se de méritos recebidos e outros adquiridos em vista do serviço como Mãe de Jesus e da Igreja.

Na prática, dentro do âmbito eclesial encontramos os ensinamentos do próprio Jesus acenando sobre tais graças a serem multiplicadas, isto não somente em particular na vida de Maria, mas na vida de todos que quiserem se colocar a disposição e a serviço do Reino de Deus (Mt 25,28; Lc 19,26). Assim, muitos teólogos ao escreverem sobre a grandiosidade e eficácia dos carismas na vida de Maria, sugerem a reflexão de que Maria soube aproveitar bem os primeiros talentos recebidos em sua vida, permitindo que o próprio Deus, multiplicasse em abundância todos os demais carismas necessários, para o bom proveito de sua vida e para servir a Igreja e o povo.

Nesta linha de raciocínio, é fácil compreender que todas as pessoas são meritórias e beneficiárias na recepção e aquisição de novos talentos. Assim, o receptor ou receptora de tais bens espirituais deve saber bem usá-los e multiplica-los (Mt 25,19-23; Lc 19,16-19), pois é nesta perspectiva que o autor dos talentos os distribuiu, em vista de colocá-los a disposição com sentido de serviço ao bem comum. Desta forma, na perspectiva da eclesialidade, Maria soube administrar com excelência os primeiros beneméritos recebidos em sua vida e assim, as multiplicidades desses primeiros tornaram Maria uma

²³¹ LAGRANGE, R. G. A Mãe do Salvador e nossa vida interior. Tradução: José Eduardo Câmara de Barros Carneiro. Revisão: Lucas Cardoso. 1ª. edição. São Paulo: Editora Ecclesiae, 2017, p. 111.

²³² LAGRANGE, *ibidem*, p. 113.

serva não somente fiel a administração dos bens espirituais, como também mulher sábia que sabe investir seus bens espirituais ao serviço do bem comum, para assim, poder multiplica-los.

Assim, tendo em conta as atitudes exemplares de Maria, inúmeros cristãos querem adotá-la como principal intercessora, e como mulher virtuosa a ser imitada, amada com grande afeto de piedade e ainda com desejo de se tornarem filhos de Maria (Puebla 286)²³³. Isto posto, nasce uma gratidão filial a Maria a tal ponto que Puebla assinalou que Maria é o ponto de partida para unir-se a Jesus, que nos une ao céu (cf. CELAM, Puebla 301). Desta forma, Maria com a sua vida exemplar, ensina-nos a receber os carismas de Deus e a coloca-los em prática, e assim, multiplica-los, para servir eclesialmente na Igreja e na sociedade (Dap 553). Por isso, a nova geração de filhos, tendo em vista o comprometimento com o serviço ao bem comum, devem imitar o gesto concreto de Maria, permanecer com Jesus e corroborar com novos nascimentos de novos cristãos.

1.1.2 Um aspecto benéfico da maternidade divina: a nova geração

“Perto da Cruz de Jesus, permaneciam de pé sua mãe, a irmã de sua mãe, Maria, mulher de Clopas, e Maria Madalena. Jesus, então, vendo sua mãe e, perto dela, o discípulo a quem amava, disse à sua mãe ‘Mulher, eis teu filho!’ Depois disse ao discípulo: ‘Eis tua mãe!’ E a partir dessa hora, o discípulo a recebeu em sua casa”.

Em relação a missão materna de Maria, os primeiros séculos do cristianismo foram marcados, sobretudo com o paralelismo entre Eva e Maria. Assim, os chamados Padres da Igreja²³⁴, foram contribuindo cada qual a sua maneira para forjar a fé católica, a qual sobrevive até os dias de hoje, ou até quando ocorrer a *Parusia*. Desta forma, ao defender a fé cristã de muitas heresias nos primeiros séculos, havia extrema necessidade de reflexões cristológicas acerca da missionariedade de Maria. À vista disso, na visão de alguns padres da Igreja, nasceu a teologia comparativa entre Eva e Maria, refletidas constantemente no contexto da Salvação do gênero humano. Desse modo, algumas ponderações tornaram-se extremamente relevante que muitas perduram até os nossos dias.

²³³ CONSELHO EPISCOPAL LATINO AMERICANO. Documentos do CELAM: conclusões das Conferências do Rio de Janeiro, Medellin, Puebla e Santo Domingo. São Paulo: Editora Paulus, 2004, p. 359.

²³⁴ LIÃO, I. Patristica: contra as heresias. Tradução: Lourenço Costa. São Paulo: Editora Paulus, 1995, p. 5-8.

Citando como exemplo Irineu de Lião²³⁵ ao fazer considerações sobre Eva e Maria, ambas como mãe da humanidade, assinala que uma se contrapõe a outra em alguns aspectos e diz:

“Encontramos Maria, a Virgem obediente, que diz: “Eis aqui a serva do Senhor, faça-se em mim segundo a tua palavra”, e, em contraste, Eva, que desobedeceu quando ainda era virgem. Como esta, ainda virgem se bem que casada, no paraíso estavam nus e não se envergonhavam, porque, criados há pouco tempo ainda não pensavam em gerar filhos, sendo necessário, que primeiro, se tornassem adultos antes de se multiplicar, porém, pela sua desobediência se tornou para si e para todo o gênero humano causa de morte, assim Maria, tendo por esposo quem lhe fora predestinado e sendo virgem, pela sua obediência se tornou para si e para todo gênero humano causa de salvação”.

A visão teológica de Irineu sobre a salvação e a desobediência humana apresenta-nos uma linha de pensamento, na qual recebemos por doação o direito de nova filiação divina e por isso contrasta a desobediência de Eva com a obediência de Maria, enfatizando que por uma reinou a morte e por outra reinou a vida. Desse modo, a reflexão de Irineu nos coloca diante da bondade de Deus, a qual nos permite escolher: tornar-se filhos da nova comunidade cristã ou não. Assim sendo, a maternidade divina de Maria junto a Cruz de Jesus está ligada ao novo nascimento da comunidade eclesial, que nesta ocasião ainda se encontra em gestação. Desta forma, o discípulo junto à Cruz de Jesus, simboliza os novos discípulos, que devem ser fieis a Igreja, acolhendo sua Santíssima Mãe, como a nova Eva (cf. Catecismo da Igreja Católica, 411).

Por certo que a carta de São Paulo a Timóteo realça a supremacia da Mediação de Jesus entre Deus e os homens (ITm 2,5), e assim sempre se acreditou. Entretanto, a partir da visão conciliar, sobretudo do Concílio Vaticano II, foi estabelecido um conceito novo de filiação relativo a missão de Maria junto a Jesus e a Igreja, *“e por tal motivo ela se tornou para nós Mãe na ordem da graça”* (LG 60). Haja vista que a missão de Maria não fere jamais a Mediação de Jesus. Ao contrário disso, enobrece ainda mais, pois ao conclamar Maria como Mãe na ordem da graça, os reconhecimentos na missão de Maria e todos os méritos marianos são vislumbrados na pessoa de Jesus.

Assim, mediante a essas e tantas outras argumentações marianas, a Tradição cristã enxergou facilmente a co-relação entre a mulher do livro do Gênesis, Eva, com Maria, Mãe de Jesus, ou seja, Maria é vista como a nova Eva, pois passou a ser a nova Mãe da nova humanidade (cf. Catecismo da Igreja Católica 411). Desse modo, a ardente entrega de Maria pela obediência, fé e caridade, resultou no mais alto grau que ela podia receber de Deus, superando a mulher Eva em atitudes concretas e justas, está no céu acima de

²³⁵ LIÃO, *ibidem*, p. 351-352.

todos os santos e anjos (LG 69), atendendo a todos que a invocam como mãe e protetora. Assim sendo, os filhos que acolhem Maria em suas vidas, estão unindo-se ao céu, com efeito, a partir da verdadeira Videira.

1.1.3 Ser filho de Maria significa permanecer junto da Videira

“Maria, não é a nova forma de uma divindade protetora a pagã, mas que o seu sim perfeito e eclesial é dado à pessoa e à obra do Filho que, ele próprio só pode ser compreendido como Um da Trindade. Assim, não pode haver uma piedade eclesial que se detenha em Maria; se esta piedade é eclesial e se é mariana, então ela é conduzida direta e necessariamente de Maria a Jesus, e, através deste, no Espírito Santo”²³⁶.

O gesto de Jesus no alto da cruz quando entregou sua mãe ao discípulo, contribuiu ainda mais para que Maria fosse elevada a um grau de superioridade em relação aos demais seres humanos, e fez de Maria uma criatura a ser venerada desde os primeiros séculos cristãos. Para isso também há uma razão muito simples que pode ser observada, pois ela é a Mãe de Jesus, e segundo o Apóstolo São Paulo, Jesus é Cabeça da Igreja (ICor 12,21; Ef 5,23). Assim, se a Igreja é o corpo místico (ICor 12) de Cristo, que é a cabeça, logo, a Mãe de Jesus pode ser vista como Mãe da Igreja. Haja vista que o Papa Paulo VI no Concílio Vaticano II (cf. LG capítulo VIII), solenizou este título ao término das reflexões acerca de Maria relativo ao mistério da Igreja. Desta forma, Maria é vista em íntima conexão ao mistério do Deus Uno e Trino, a partir da dimensão cristológica, pneumatológica e eclesiológica.

Assim sendo, como descrito acima, Hans Urs Von Balthazar ao referir-se a íntima ligação de cada fiel com Maria, se faz mister compreender que a piedade popular mariana não possui seu fim na mariologia, apenas. Pois se isto ocorresse, seria um grande erro cometido por quem quer que seja, independentemente de credo ou religiosidade seguida. A julgar pelo vínculo indissolúvel entre Maria e seu Filho Jesus, seria impossível pensar que o fiel queira se relacionar com Maria sem conhecer ou se comprometer com Jesus. Considerando, então, que Jesus pregado na Cruz, entrega sua Mãe santíssima ao discípulo junto a ela, fica evidente, que o novo nascimento espiritual a partir da Cruz, recebe gratuitamente uma nova Mãe.

²³⁶ RATZINGER, J.; BALTHAZAR, H. U. V. Maria, primeira Igreja. Tradução: Maria Armanada de Saint Maurice. Editora: Gráfica de Coimbra 2, 2015, p. 109.

Dentro desta perspectiva, conforme Hans Urs Von Balthazar²³⁷ Jesus oferece a sua mãe ao discípulo com um sentido duplo ao menos, pois ao confiara guarda de sua mãe a um dos Apóstolos, significa que Maria é dada como mãe não somente do discípulo junto à cruz, mas também ao novo nascimento da Igreja apostólica, logo, a formação e manifestação da Igreja se dá pela autoridade dos Apóstolos. Com efeito, trata-se de um dos Apóstolos junto à cruz e ao lado de Maria. Assim, nasce a Igreja prefigurada por Jesus, dentro da expectativa apostólica, e nesta ocasião, representada na pessoa do discípulo fiel, que permaneceu junto a cruz. Desse modo, receber Maria, significa permanecer junto a árvore da videira, que é Jesus.

À vista disso, a parábola da videira em São João 15, insinua fortemente algumas sugestões a serem bem observadas, quanto a permanência dos ramos na vide, pois segundo a visão do Apóstolo São João (cf. Jo 15,1-17), seria inútil se tornar cristão e não permanecer na videira para receber sua seiva e assim poder dar muitos bons frutos. Assim sendo, quando o leitor lê a introdução da Bíblia de Jerusalém, constata a seguinte recomendação, a qual os frutos a serem dados devem estar intimamente em conexão com a vida de santidade e também na observância dos mandamentos, sobretudo ao mandamento do amor.

Dentro desta perspectiva de vínculo, união e vida de santidade, a poda é quase que natural em vista dos novos frutos a serem colhidos (Jo 15,2), pois a ótica joanina diz que o ramo por si só não pode dar frutos (Jo 15,4), ao contrário, ele seca e morre. Na prática, é um ensinamento evangélico que pode ser muito bem observado também a partir da ação da natureza, pois basta ver os galhos das árvores ao serem arrancados com força de vendavais ou algo semelhante, a própria natureza se encarrega de secar o galho caído ao chão e fazê-los desaparecer com o tempo, ou seja, o galho separado da árvore morre naturalmente. Visto por este ângulo, a vida conectada e consagrada a Jesus, ligada a videira, sugere muitos desafios que devem ser desobstaculizados para uma boa ascese cristã, e um deles se trata da continência em vista do Reino (Mt 19,12).

²³⁷RATZINGER, J.; BALTHAZAR, ibidem, p. 108.

1.2 Virgindade Perpétua na ótica da castidade e da vida consagrada.

O que tem a ver o dogma da Virgindade Perpétua de Maria²³⁸ com a eclesialidade moderna, os filhos da Igreja e a vida consagrada nos dias atuais? À primeira vista, pode parecer irrelevante um assunto como este nos dias de hoje. Masserá que é isto mesmo? Será que a vida de esforço e santidade que levou a Mãe de Jesus, após sua concepção virginal, não vale a pena ser bem analisadas; será que Maria sendo casta no matrimônio não tem nada a oferecer aos cristãos, também na atualidade? Ou será que podemos extrair algumas práticas benéficas desta atitude mariana, para se viver mais pura e santamente a vida consagrada? Ou ainda, será que a partir das verdades de fé, que consagrou oficialmente a não relação sponsal entre Maria e José, não podem ser vistas como caminho alternativo de vida casta para a juventude?

Neste sentido, também é preciso considerar que o dogma da Virgindade Perpétua de Maria trouxe inúmeros benefícios para sua própria vida, e um deles é ser considerada por toda a Igreja esposa imaculada do Divino Espírito Santo. Ou seja, em uma ótica de sponsais, Maria foi esposa fidelíssima àquele que a desposou, isto é, o Divino Espírito Santo, autor e consumidor das núpcias entre o divino e o sagrado na vida de Maria. Assim, mesmo diante do possível contrato conjugal que José assumiu com Maria, após a sua concepção virginal, Maria não foi desposada por José, pois foi fidelíssima ao Espírito Santo e ao sim dado a Deus.

Dentro deste contexto, Lucien Legrand²³⁹ faz algumas críticas em relação a forma literária no contexto da vida consagrada e assinala que neste campo, em primeiro lugar é necessário esclarecer o sentido terminológico de algumas palavras, que permeiam o cenário de consagração. Assim, na atualidade, em algumas ocasiões as terminologias referentes a continência, celibato, virgindade, castidade, sugerem ser tratadas como sinônimos umas das outras, e nem sempre são. Desta forma, segundo Lucien Legrand²⁴⁰, uma pode trazer sentido negativo de abstenção, enquanto outra pode trazer conotação muito feminista, o que corromperia a vida consagrada.

²³⁸ DENZINGER, H. *Compêndio dos Símbolos, definições e declarações de fé e moral*. Atualizada por Juan Konings, 2ª. edição revisada. São Paulo: Editora Paulinas, E:6bb, 44,46, 291. Comentário conferir: PAREDES, J. C. R. G. *Mariologia: síntese bíblica, histórica e sistemática*. Tradução: José Joaquim Sobral. São Paulo: Editora Ave Maria, 2011, p. 228.

²³⁹ LEGRAND, L. *A virgindade na Bíblia*. Tradução: Abadia de Nossas Senhora das Graças. São Paulo: Edições Paulinas, 1975, p. 6-7.

²⁴⁰ LEGRAND, *ibidem*.

Neste sentido, Santo Agostinho ao fazer algumas considerações sobre sua gradual ascensão na vida consagrada, diz algo bastante interessante, pois o bispo de hipona assinala que ao contrário do que descreve Lucien Legrand, a castidade descrita, especialmente no Evangelho de São Mateus (Mt 19,10-12), em vista do Reino é algo bom, e que, deve apenas, ser aperfeiçoada tanto intelectualmente como espiritualmente. Vejamos o que diz o santo de Hipona em seu crescimento espiritual e maior maturidade diante da vida de castidade:

“Desse modo, elevei-me gradualmente do corpo a alma até a sua força interior, à qual os sentidos comunicam a realidade exterior, e que é o limite atingido pelas faculdades dos animais. Daí subi até o poder de raciocínio, que julga conforme a percepção fornecida pelos sentidos corporais. Más como também essa potência se reconhece mutável, elevou-se até a inteligência e, afastando o pensamento de suas cogitações habituais, desembaraçou-se do turbilhão de fantasias contraditórias, descobrindo então qual luz que lhe iluminava a inteligência ao afirmar com segurança que o imutável é preferível ao mutável”²⁴¹

A contribuição de Santo Agostinho na ótica da vida consagrada auxilia com muita eficácia e parece complementar dentro de um aspecto positivo na linha de reflexão de uma vida casta, em vista do Reino de Deus ou mesmo de uma vida mais pura e de santidade. Dessa forma, a experiência concreta a qual obteve Santo Agostinho relativa a vida consagrada, favorece ainda mais a idéia de que vale a pena ser uma pessoa moderada na área afetiva da sexualidade. Pois a sua ascensão diante de tantas experiências relatadas em suas Confissões²⁴² sublinha quanto o santo de hipona se elevou em vista da ascese cristã. Assim tornou-se muito lucrativo para o santo, o grande esforço por uma vida mais regrada e continente.

Assim, ao analisar o Dogma da Virgindade Perpétua de Maria sob a luz de vida consagrada, vemos que de fato é importante observar e guardara castidade em vista do reino, como doutrina e incremento para a fé. Pois, assinala Carlos Ignacio González²⁴³, que não se faz necessário saber exatamente o que aconteceu antes ou depois do parto virginal de Maria, dando a entender que o nascimento do Messias cedeu sua centralidade aos fatos ocorridos. Desta forma, o que mais importa foi o benefício que sua concepção virginal trouxe para toda a humanidade. Saber se Maria teve mais filhos ou não; ou como se deu o relacionamento sponsal entre os esposos, dentro da visão cristológica, isso se torna irrelevante.

²⁴¹ AGOSTINHO, S. Confissões. Tradução: Maria Luiza Jardim Amarant: revisão cotejada de acordo com o texto latino por Antônio da Silveira Mendonça. São Paulo: Editora Paulus, 1984, p. 192.

²⁴² AGOSTINHO, *ibidem*.

²⁴³ GONZALEZ, C.I. Maria Evangeliza e evangelizadora. São Paulo: Editora Loyola, 1990, p. 171.

Com efeito, a Igreja é toda de comum acordo, que Maria não teve filho além de Jesus, o Filho de Deus, feito homem (cf. Catecismo da Igreja Católica 496). Por certo, que Maria obteve de José sua colaboração na área afetiva da sexualidade, pois o próprio Deus se comunicou com José avisando-lhe em sonhos a graça que Maria recebeu de sua parte (Mt 1,18-22), e ao mesmo tempo, convidando-o a colaborar como chefe da família de Nazaré. Por esta ótica, a doutrina da Virgindade Perpétua de Maria, passa a ser mais um caminho de vida e de santidade proposta pela Igreja a ser seguido. Assim, diante de um mundo tentador²⁴⁴ e herotizado o qual empurra a quase todo momento garganta abaixo, ofertas indescentes relativas a prostituição corporal, é bastante sugestivo compreender e aceitar que vale a pena investir na vida consagrada e casta.

1.3 Imaculada Conceção e vida de santidade.

A definição dogmática sobre a Imaculada Conceção de Maria, esclare que Maria nasceu sem mancha do pecado original em virtude dos méritos de Jesus Cristo. Pois, foi desta ausência de pecado em sua vida desde a sua concepção, que deu origem ao título de Imaculada, ou seja, sem mácula. Assim, para reforçar e sanar qualquer que sejam os questionamentos sobre o nascimento de Maria e sua pureza desde o ventre materno de sua mãe, o beato Papa Pio IX, definiu solenemente, juntamente com o colégio cardinalício a doutrina sobre a Imaculada Conceção. Assim, escreveu:

“A doutrina que sustenta que a beatíssima Virgem Maria, no primeiro instante da sua Conceição, por singular graça e privilégio de Deus onipotente, em vista dos méritos de Jesus Cristo, Salvador do gênero humano, foi preservada imune de toda mancha de pecado original, essa doutrina foi revelada por Deus, e por isto deve ser crida firme e inviolavelmente por todos os fiéis”²⁴⁵.

Naturalmente, que em um primeiro olhar sobre qualquer definição dogmática a respeito da vida e o seguimento de vida religiosa, o leitor possa se assutar com o rigor literário de algumas palavras. No entanto, é preciso compreender que uma definição dogmática sempre se reveste da autoridade da Igreja, mormente na pessoa do Sumo Pontífice. Por certo que a pedagogia e a metodologia na elaboração de um dogma passa pelo viés de defesa a qualquer forma contrária de pensamento doutrinário, que possa

²⁴⁴ PAPA BENTO XVI. Audiência geral. Catequese: As tentações de Jesus e a conversão para o Reino dos céus. Site Vatican.va http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2013/documents/hf_ben-xvi_aud_20130213.html. Acesso em 27/12/2017, às 15h45.

²⁴⁵ SAMPEL, E. L. Principais documentos dos papas sobre Nossa Senhora do beato Pio IX ao Papa Francisco. São Paulo: Editora Fons Sapientiae, 2017, p. 39.

colocar em risco uma definição, submetida ao invólucro apostólico dentro de uma contextualização bíblica²⁴⁶.

Assim sendo, as fórmulas dogmáticas retiradas do contexto de definição, podem ser muito bem remodeladas com uma aplicabilidade de maneira mais simples dentro dos contextos pastorais de cada Igreja local. Desta forma, o privilégio recebido por Maria, coloca em evidência não somente esta graça recebida em sua vida desde o seu nascimento, mas lança-nos em uma perspectiva, na qual, Maria, esforçou-se esmeradamente em permanecer isenta de qualquer pecado, durante toda a sua vida. Com efeito, os cuidados dispensados por Maria como mãe de uma família, colocou-a em posições semelhantes de qualquer mãe de família. Entretanto, sua eleição diante de Deus a fez perseverar no contexto familiar e social de sua época, em se manter com uma vida mais pura e santa.

Vendo por este ângulo, a *práxis* cristã na vida de Maria, reforça amigavelmente a todo cristão, que tenha a mesma aplicabilidade na vida pessoal e por consequência a toda a Igreja. Evidentemente, tendo em vista o seu numeroso corpo de batizados, a Igreja conta com o esforço de cada fiel a viver uma vida de santidade, isto a julgar pela realidade eclesial de cada localidade. Pois, acreditar, confiar, alegrar-se com a mensagem de Deus, ser missionária, cuidar do Menino Jesus, entre outras tantas qualidades a mais, são particularidades atribuídas a Maria (Dap 266-272). Neste sentido, o grande esforço, cuidados e agústias de Maria para se manter longe de realidades oriundas de pecados realça em sua vida a busca da santidade constante²⁴⁷. Desta forma, faz com que olhemos com entusiasmo para essas atitudes marianas, e assim possa crescer em cada um, o mesmo desejo que levou Maria a se entregar exaustivamente a Deus, e assim permanecer com uma vida mais santa a cada dia.

Assim sendo, ter um primeiro olhar para a definição dogmática inspirada e assistida pelo Espírito Santo sobre a Imaculada Conceição²⁴⁸, nos leva a outros patamares mais elevados, e não ficar presos naquilo que se propõe apenas como regras dogmáticas. Haja vista que o próprio Jesus sempre observou e orientou a seguir as leis usuais de cada

²⁴⁶ GROPELLI, V. Maria, a Igreja e o povo: breve curso de mariologia para os leigos. São Paulo: Editora Ave Maria, 2009, p. 64.

²⁴⁷ PAPA PIO XII. Bula *Munificentissimus Deus*: Definição do Dogma da Assunção de Nossa Senhora em corpo e alma ao céu. São Paulo: Editora Paulus, 2015, p. 08 (n. 14).

²⁴⁸ CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. Bula *Ineffabilis Deus*: Dogma da Imaculada Conceição da be-aventurada Virgem Maria. Organizadores: Dom Leonardo Ulrich Steiner, OFM; Dom Murilo S. R. Krieger, SC. Brasília: Editora CNBB, 2016, p. 26.

cultura local (Mt 5,17-19; Lc 16,17), ou mesmo os Apóstolos orientam (Rm 3,31–10,4; Tg 2,10). Neste sentido, uma regra religiosa não deve ser motivo de se sentir obstaculizado dentro do mundo religioso e eclesial, impedindo que a visão alcance uma longevidade e com profundidade ainda maiores. Assim, se desprender das regras e se atentar muito mais aos benefícios do dogma, pode ser uma forma mais sábia de se aproximar de fórmulas dogmáticas.

Desse modo, relativamente ao dogma, uma entre tantas reflexões que talvez esteja de forma implícita e mais fácil de ser alcançada e ser contemplada em vista da pastoralidade eclesial, pode ser a maneira com que Maria soube valorizar este privilégio e dom em sua vida sem querer perdê-lo, jamais. Pois, era uma mulher como todas as outras de sua época, e com certeza com todos os mesmos sentimentos humanos dentro de uma perspectiva de normalidade em sua vida, e por isso deve ter se esforçado muito como as outras pessoas de sua época, para manter-se fiel à sua missão materna e divina.

Assim, visto em uma ótica pastoral, o dogma da Imaculada Conceição abre novas possibilidades de permanência na santidade, especialmente para o cristão. Na prática, com o devido esforço – como Maria – cada um pode receber de Deus mais talentos em sua vida diária, que possibilitem maiores chances de vida de santidade.

1.3.1 Assunção de Maria na ótica eclesial-pastoral.

O Dogma da Assunção de Maria está em plena conexão com os demais dogmas marianos proclamados pela Igreja para incremento da fé do povo de Deus. Assim, na perspectiva cristã, a formação de um dogma pode colaborar um com o outro, em seu aspecto interno de elaboração doutrinal. Por exemplo como vemos no caso da Maternidade Divina de Maria e a Virgindade Perpétua²⁴⁹. Entretanto, conforme padre Pedro Iwashita²⁵⁰, o fio condutor de cada dogma será sempre o aspecto cristológico que permeia a definição de cada um deles. Desse modo, a Constituição Apostólica *Munificentissimus Deus* sobre o dogma da Assunção²⁵¹, traz em seu início uma afirmação teológica enfatizando que:

²⁴⁹ IWASHITA, P. K. Maria e Iemanjá: análise de um sincretismo religioso. São Paulo: Edições Paulinas, 1991, p. 142-143.

²⁵⁰ IWASHITA, ibidem.

²⁵¹ PAPA PIO XII, ibidem p. 03 (n. 01).

“Deus munificentíssimo, que tudo pode, e cujos planos de providência são cheios de sabedoria e de amor, nos seus imperscrutáveis desígnios, entremeia na vida os povos e dos indivíduos as dores com as alegrias, para que por diversos caminhos e de várias maneiras tudo coopere para o bem dos que o amam (cf. Rm 8,28)”.

O Papa Pio XII ao referir-se que Deus tudo pode, abre-nos uma perspectiva de pensamentos infinitos. Porém, é preciso ter sobriedade com todos eles. Assim, um deles, pode ser a feliz memória, a qual o Deus da criação, cria a partir do nada, exclusivamente por amor, inclusive o homem e a mulher (cf. Gn 1). Também no Novo Testamento, quando o Anjo Gabriel é enviado por Deus a Maria, em Nazaré, ao final do diálogo angelical, escuta-se do mensageiro divino que *“para Deus nada é impossível”* (cf. Lc 1,26-38). Dentro desta ótica, ao ler a proclamação dogmática sobre a Assunção de Maria, não fica difícil compreender que, mediante a fé e, caso torne-se necessário, Deus pode realizar o que ele desejar. Por certo, levando em consideração sua misericórdia como fonte primária; e a felicidade do ser humano como objeto de sua misericórdia²⁵².

Por este ponto de vista, o dogma da Assunção de Maria pode influenciar positivamente no pensamento cristão e em sua prática pastoral com reflexões bastante relevantes. Pois ao crer que Deus elevou Maria ao céu de corpo e alma, as comunidades eclesiais podem usufruir cada vez mais desses bens espirituais. Haja vista, que é o próprio Jesus que nos exorta, referente a matéria e a prática da fé e diz abertamente que a fé pode remover montanhas (cf. Mt 17,20), obviamente com o devido discernimento. Neste contexto São Paulo também exorta a comunidade crescente dos cristãos em Tessalônica ao dizer: *“discerni tudo e ficai com o que é bom. Guardai-vos de toda espécie de mal”* (ITes 5,21).

Assim sendo, ao nos lançar com olhares de pura admiração para a Assunção de Maria que sobe gloriosa ao céu, por outro lado, São Paulo ainda permanece com os pés muito bem firmes no chão, orientando as comunidades que ainda estão a caminho, que continuem a vigiar aguardando o dia do Senhor (ITes 5,1-11). Dentro desta perspectiva, o dogma da Assunção deve ser compreendido e visto a partir da totalidade de vida de Maria como mestra de vida espiritual. Desse modo, ver a Assunção como um elemento motivador para os cristãos seguirem o mesmo caminho (cf. MC 21;35), de acordo com as propostas eclesiais em cada Igreja particular. Por isso, desde o nascimento das comunidades cristãs, os Apóstolos não se cansaram, e com grande esmero, sempre

²⁵² PAPA FRANCISCO. A Igreja da Misericórdia: minha visão para a Igreja. Tradução: Cristina Mariani. 1ª. edição. São Paulo: Editora Paralela, 2014, p. 11-13.

aconselharam a todos os cristãos a viverem bem (At 15,22-29; Rm 6,1-14; ICor 1,10-16; Tg 2,1-4; IPd 1,13-21).

Na prática, segundo Lucien Cerfaux²⁵³, a pastoralidade dos Apóstolos nos primeiros séculos mostra o quanto acreditavam em todos os acontecimentos divinos, e por isso não deixavam de usufruir do dom da fé em todos os momentos de necessidade. Assim, as graças recebidas e operadas pelas orações apostólicas são inúmeras a serem contadas. As conversões (cf. At 2.37); a cura de um paralisado junto a porta do templo (cf. At 3,5-7); uma mulher ressuscitada em Jope (cf. At 9,40); um coxo que volta a caminhar (cf. At 14,10), e tantos outros. Aqui a importância maior não é identificar se foi milagre ou não, e sim observar a maneira de assumir uma prática de pastorear que seja eficaz, isto é, crer que Deus tudo pode. Isto os Apóstolos faziam constantemente. Neste sentido, estar em comunhão com os sucessores dos Apóstolos é de fundamental importância, para a maturidade das comunidades eclesiais e seus agentes de pastorais.

Desta forma, a proclamação dogmática sobre a Assunção, pode ser vista na ótica de um caminho a mais para o crescimento e maturidade da fé cristã, cujo conteúdo parece encontrar ecos e íntima harmonia com a doutrina mariana expressada na *Marialis Cultus*, pelo Papa Paulo VI (cf. MC introdução, p.12), sobretudo quando exprime-se dizendo que o conhecimento devido ao culto da Virgem Maria dissipa quaisquer que sejam as dúvidas. Assim, a doutrina onde se lê que Maria foi elevada de corpo e alma ao céu (cf. DS 3903), contribuiu para aprimorar ainda mais e estabelecer novos conceitos para a fé cristã, mostrando que devemos fazer tudo o que o seu Filho nos mandar fazer (cf. Jo 2,5).

1.3.2 Ser Igreja com Maria a partir da V CELAM.

A V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe, ocorreu no Brasil no ano de 2007, cidade de Aparecida, onde está localizada a Basílica Nacional de Nossa Senhora Aparecida, Padroeira do Brasil²⁵⁴. Assim, sendo Bento XVI o atual Papa naquela ocasião, escreveu uma pequena missiva referente a autorização para a publicação do documento final, e realçou que na V CELAM, houve numerosas e oportunas

²⁵³ CERFAUX, L. O cristão na teologia de Paulo. Tradução: José Raimundo Vidigal. São Paulo: Editora Paulus, 2012, p. 156-159.

²⁵⁴ DOCUMENTO DE APARECIDA. Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe. São Paulo Editora Paulus; Paulinas; CNBB, p. 1.

indicações pastorais, que foram todas iluminadas mediante o contexto social latino-americano. Conseqüentemente, foram momentos de profunda reflexão cristológica, buscando reforçar ainda mais a formação cristã dos fiéis (Dap p.7).

Assim, em plena consonância com as conferências anteriores (Dap 19) que ocorreram no Rio de Janeiro (25/01/1955), Medellin (26/08/1968), Puebla (13/02/1979) e Santo Domingo (12/10/1992), esta conferência quis renovar os votos de amor com Jesus Cristo, a partir dos valores culturais e devoções de cada continente. Nesta perspectiva, as devoções populares são parte integrante na fé em Jesus Cristo no Continente Latino Americano, logo, onde existe devoção popular, existem inúmeras devoções aos santos, especialmente a mariana. Desta forma, o Brasil como parte deste continente, traz consigo desde o seu nascimento forte devoção a Mãe de Deus, especialmente desde 1.717²⁵⁵, com o título de Nossa Senhora da Conceição Aparecida.

À vista disso, o ser Igreja na vida do povo brasileiro, é marcado de forma muito expressiva em torno de Maria. Assim, inúmeras devoções marianas foram modelando a fé cristã e ganhando seu lugar e espaço no coração dos fiéis e da Igreja. Haja vista que toda devoção mariana sempre está submetida ao invólucro cristológico e por isso, não há possibilidade alguma de pensar que a devoção mariana por si só basta. Com efeito, é preciso que a Eucaristia seja o centro e fundamento de toda piedade cristã em toda e qualquer parte do planeta²⁵⁶, seja piedade em vista dos santos ou mesmo em vista da Mãe de Deus. Desse modo, foram muitas reflexões teológicas, eclesiais e pastorais na V CELAM (Dap 7; 11-12; 22; 33; 95), que envolveram de forma direta ou indireta, a imitação de Maria, como sendo a primeira Igreja²⁵⁷ e discípula e missionária (Dap 1).

Neste sentido, os bispos reunidos em Aparecida, entre tantas preocupações, assinalaram com ênfase o modelo de vida a ser seguido, e partindo sempre dos ideais ensinados pelo Mestre nos evangelhos, identificaram na América Latina, a admiração que a pessoa de Jesus sempre atraiu para si (Dap 136). Na prática, ser discípulo de Jesus envolve uma série de etapas na dimensão humana e espiritual. Por isso, o Espírito Santo

²⁵⁵ Milhões de devotos recordam um acontecimento que marcou para sempre a história do Brasil: em “outubro de 1717, três pescadores, Filipe Pedrosos, Domingos Garcia e João Alves, ao lançarem sua rede para pescar nas águas do Rio Paraíba, colheram a Imagem de Nossa Senhora da Conceição, no lugar denominado Porto do Itaguassu. “Assim nasceu a devoção”. (cf. SILVA, J. E. O. Minha Mãe Aparecida. 1ª. edição. São Paulo: Editora Ecclesiae, 2017, p. 11).

²⁵⁶ PAPA BENTO XVI. *Sacramento Caritatis*: sobre a Eucaristia, fonte e ápice da vida e da missão da Igreja. São Paulo: Editora Paulinas, 2007, p. 8-9.

²⁵⁷ RATZINGER, J; BALTHAZAR, H. U. V. Maria: primeira Igreja. Tradução: Maria Armanda de Saint Maurice. Gráfica de Coimbra 2017.

doado desde o início da vida batismal, deve nos identificar com o convite amoroso de Jesus na vida de todos os seus filhos e irmãos em ser discípulos e missionários (Dap 137). Com efeito, o amor ao próximo e o cuidado ao mais necessitado, inclui uma das dimensões cristológicas na vida dos discípulos e missionários a ser observada.

Dentro deste contexto, o padre Valeriano dos Santos ao comentar sobre missão e a realidade brasileira, expressa seu pensamento em relação ao *sentire cum ecclesia* no Brasil, enfatizando que a conversão em uma ação missionária deve passar pelo estado permanente de missão, que vá ao encontro dos mais carentes²⁵⁸. Neste sentido, ratifica o Papa Francisco frisando e clamando uma Igreja pobre e que seja para os pobres, e insiste dentro de uma perspectiva eclesiológica, que esta Igreja em saída esteja com os pobres e no meio deles²⁵⁹. Por este prisma, o documento de Aparecida sublinha e reconhece um dom valioso na América Latina:

“O dom da vitalidade da Igreja que peregrina na América Latina e no Caribe, sua opção pelos pobres, suas paróquias, suas comunidades, suas associações, seus movimentos eclesiais, novas comunidades e seus múltiplos serviços sociais e educativos” (Dap 128).

Nesta ótica, apesar de todo o reconhecimento, o mesmo documento expressa ainda preocupações no âmbito dos verdadeiros missionários e agentes eclesiais em serviços de pastorais e denuncia de forma construtiva a necessidade urgente em várias partes do Brasil, senão em sua totalidade, que:

“Esta firme decisão missionária deve impregnar todas as estruturas eclesiais e todos os planos pastorais de dioceses, paróquias, comunidades religiosas, movimentos e de qualquer instituição da Igreja. Nenhuma comunidade deve isentar-se de entrar decididamente, com todas as forças, nos processos constantes de renovação missionária e de abandonar as ultrapassadas estruturas que já não favoreçam a transmissão da fé” (Dap 365).

Do ponto de vista de Aparecida, ressalta-se uma constatação bastante significativa, a qual, a Igreja do Brasil precisa reconhecer-se como peça importante de um grande continente Latino-Americano. Depois, em vista da evangelização de todas as classes sociais, não se amedrontar ou ter medo de quebrar paradigmas, renovando as antigas estruturas que não favoreçam mais ao momento atual de evangelização. Desta forma, algumas pistas que foram oferecidas em Aparecida como ser continuadores da missão de Jesus (Dap 373), repercurtem em outros documentos, como por exemplo as

²⁵⁸SANTOS, V. C. *Sentire cum ecclesia* no Brasil. Artigo publicado em: Revista de Cultura Teológica, ano XXIII, n. 85, Jan/Jun 2015, p. 25.

²⁵⁹PAPA FRANCISCO. A opção preferencial pelos pobres e excluídos no documento de Aparecida. br.radiovaticana.va/News/2015/03/12a_opção_preferencial_pelos_pobres_no_documento_de_aparecida/1128894. Acesso 31/12/2017, às 14h40.

Diretrizes de Ação Evangelizadora no Brasil, a qual enfatiza com certa radicalidade, ao dizer que:

“A Igreja é missionária por natureza. Existe para anunciar, por gestos e palavras, a pessoa e a mensagem de Jesus Cristo. Fechar-se a dimensão missionária implica fechar-se ao Espírito Santo, sempre presente, atuante, impulsionador e defensor (Jo 14,16, Mt 10,19-20). Em toda a sua história, a Igreja nunca deixou de ser missionária” (cf. DGAEIB 2015-2017, 35).

Diante desta temática uma provocação que podemos levar conosco seja: como ser Igreja em estado permanente de missão e qual o melhor modelo a ser seguido? Nas várias reflexões que perpassam todo o documento de Aparecida, a que mais se aproxima de todas as classes sociais, inclusive dos povos mais simples, é aquele modelo no qual a figura de Maria sempre é colocada em evidência, e destaca-se a partir de Maria, inúmeras ocasiões como exemplo a ser seguido. Maria é pedagoga (Dap 1), é projeto trinitário (Dap 141), é símbolo da piedade popular (Dap 262), é reconhecedora da realidade (Dap 262), é Mãe da Igreja e modelo de paradigma da humanidade.

Pois ela nunca abandona seus filhos, ao contrário estimula incansavelmente os discípulos e missionários para o Povo de Deus (Dap 320), exortando-nos sempre a ser discípulos obedientes (Dap 364). Assim, Maria é uma vida que se transforma em ação de graças.

1.4 “Ave Maria”: vida transformada em oração.

Não se trata de fazer aqui um estudo doutrinário passo a passo, sobre a formulação da oração da Ave-Maria, pois para isso, existem inúmeros documentos da Igreja e estudiosos, os quais pormenorizam com mais acuidade este cenário. Entretanto, a oração da Ave Maria, encontra sua fundamentação bíblica no evangelho de São Lucas, no qual narra-se que o mensageiro de Deus foi enviado até a cidade de Nazaré, e logo ao visitar Maria, faz uso da seguinte saudação: “*Ave cheia de graça, o Senhor é contigo*” (cf Lc 1,28). A segunda parte se encontra na visitação de Maria a sua prima Isabel, onde Isabel ao ver a chegada de Maria, a sauda como: “*Bendita és tu entre as mulheres e bendito é o fruto do teu ventre*” (cf. Lc 1,42).

Neste sentido, a terceira parte é complementada pelo colégio dos Apóstolos no exercício magisterial a serviço da Igreja e para a piedade dos fiéis (cf. Catecismo da Igreja Católica 2673-2676). Desta forma, a leitura bíblica no Evangelho de São Lucas

ênfatiza vários pormenores cristológicos relativo a atitude eclesial de Maria, que diante disso o contexto bíblico em referência ganhou proporções imensas, a tal ponto, em que Deus faz da vida de Maria, mais uma forma exemplar de oração para a Igreja. Ou seja, a vida que Maria expressa e entrega a Deus dentro no cenário da anunciação, é de tamanha beleza, que é traduzida e vista pelo cristianismo como uma forma de oração. Nesta ótica, a oração mariana deve traduzir-se em atitudes concretas da vida diária.

Visto por este ângulo, as interpretações sobre o momento da saudação do anjo a Maria ganharam muitos comentários, um deles é o que diz respeito a forma submissa, a qual o mensageiro divino reverência Maria²⁶⁰. Assim, inúmeros estudiosos enalteceram a atitude de Maria no momento da anunciação (Lc 1,26-38). Citando como exemplo, o padre Federico Suárez é um deles, e assinala que a saudação está vinculada ao desígnio de Deus desde o Protoevangelho²⁶¹, assim a anunciação na vida de Maria está em vista de algo maior em sua vida, e por isso o anjo a reverência como ela sendo maior do que ele mesmo²⁶². Outro comentador do fato é padre Garrigou Lagrange que faz ponderações a respeito da vocação e o chamamento de Maria, sublinhando que, como Jesus foi predestinado a ser Filho do altíssimo, Maria foi predestinada a ser Mãe do Salvador²⁶³, e por isso o anjo a vê com cheia da graça da graça de Deus.

Dentro deste contexto, a Igreja manifestou-se a respeito deste momento grandioso na vida de Maria, e viu nesta atitude mariana uma oportunidade a mais de ressaltar e ensinar os cristãos o grande valor, que é transformar a vida em oração, um sacrifício agradável a Deus. Assim sendo, o cenário da anunciação parece sugerir um complemento teológico, o qual Deus Pai é o protagonista desta manifestação da graça de Deus em Maria, o anjo com grande importância, porém como coadjuvante na mensagem divina. A

²⁶⁰ AQUINO, T. Comentário a Ave-Maria: *In Salutationem Angelicam Exposito*. Apresentação: Dom Estevão Bettencourt, OSB. Tradução: Omayr José de Moraes Junior. São Paulo: Editora Eunete, 2006, p. 23.

²⁶¹ O capítulo 3,15 do livro do Gênesis, faz uma observação como nota de rodapé: Constata-se a hostilidade fundamental entre a serpente e a humanidade, mas deixa entrever a vitória final da humanidade; é um primeiro clarão de salvação ou “Proto-evangelho”. A tradução grega, começando a última frase com um pronome masculino, atribui essa vitória não a linhagem da mulher em geral, mas a um dos filhos da mulher, dessa forma é estimulada a interpretação messiânica já presente na tradição judaica antiga, depois retomada e explicitada por muitos Padres da Igreja. Com o messias, sua mãe é implicada, e a interpretação mariológica da tradução latina *ipsa conteret* tornou-se tradicional na Igreja. Cf. BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coordenadores: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storlino; Ana Flora Anderson. São Paulo: Editora Paulus, 2004, p.38.

²⁶² SUÁREZ, F. A Virgem Nossa Senhora. Tradução de Maria Pacheco. São Paulo: Editora Quadrante, 2003, p. 16.

²⁶³ LAGRANGE, G. A Mãe do Salvador e nossa vida interior. Tradução: José Eduardo Câmara de Barros Carneiro. 1ª. edição. São Paulo: Editora Ecclesiae, 2017, p. 17-18.

casa de Isabel, ou vendo dentro de uma perspectiva familiar, a família (de Zacarias) recebe a boa nova trazida no ventre de Maria, como que dando consentimento ao primeiro fato teológico da saudação. Assim, a teologia e a cristologia convalidam a receptividade na bela atitude de Isabel, sugerindo refletir na atitude de Isabel, todas as demais famílias do planeta.

Nesta perspectiva de vida e de oração que são refletidas a partir das atitudes concretas de Maria, chegamos a terceira parte da construção da oração da Ave Maria, ou seja, onde se diz na oração: *“Santa Maria, Mãe de Deus, rogai por nós pecadores. Agora e na hora de nossa morte. Amém”*. Dentro desta lógica, o magistério da Igreja em uma linguagem muito simples e catequética (cf. CIC 2677) faz questão de ressaltar que a atitude de Isabel contribuiu de maneira efetiva, em que a Igreja iluminada pelo Espírito Santo, enxergasse e continuasse, naquilo que se transformou em uma bela oração cristológica com traços marianos, sobretudo no que diz respeito ao incentivo da fé e a piedade popular. Desta forma, a oração que brotou da vida de Maria, não se trata de uma oração qualquer, que pode se liquefazer com o tempo, mas permanece como um elemento fundante da manifestação, graça e presença eficaz de Deus em sua vida.

1.4.1 Oração líquida e oração transformadora.

Como conceito “líquido”, faço uso da visão de Zigmunt Bauman²⁶⁴ que criou uma linguagem para mostrar a mudança que a globalização provocou no mundo moderno atual. Desta forma, trata-se da comparação dos líquidos e fluidos, relativamente aos tempos hodiernos. Assim, Bauman prefere chamar de modernidade líquida e não pós-modernidade, pois segundo sua visão, a modernidade líquida traz consigo uma misteriosa fragilidade dos laços humanos, isto é, nas próprias palavras de Bauman, um amor líquido²⁶⁵. Desse modo, partindo do ponto de vista de Bauman, a modernidade líquida, pode influenciar de maneira negativa e acarretar certa vulnerabilidade também dentro do âmbito religioso.

²⁶⁴ SANTOS, V. C. *Sentire cum ecclesia* no Brasil. Artigo publicado em: Revista de Cultura Teológica, ano XXIII, n. 85, Jan/Jun 2015, p. 18.

²⁶⁵ BAUMAN, Z. *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2004, p. 8.

Nesta ótica, a reflexão sobre oração líquida, ganha seu significado diante das metáforas de Bauman, as quais, especialmente quando me referir sobre a oração que não perdura no coração e não permanece como fruto na prática diária da vida cristã. Nesta sequência, a partir da terminologia de Bauman, somada as inúmeras experiências práticas vivenciadas em várias comunidades cristãs, sugerem pensar que há uma perda expressiva de qualidade em algumas orações, sobretudo àquelas chamadas “correntes de orações”, que perdem o seu vínculo facilmente com as comunidades cristãs, sua eclesialidade e sua prática. Ademais, são incontáveis os cristãos que rezam somente em tempos de tribulações ou mesmo quando precisam de algo mágico ou imediato, de forma muito superficial²⁶⁶.

À vista disso, creio que seja importante recordar que as orações com sentido eclesial, partiram especialmente de contextos bíblicos²⁶⁷. Como exemplo, a oração de Abrão (Gn 15,2-3), a oração de Moisés (Ex 33,12-17), a oração do rei Davi (2Sam 7,18-29), a oração de Jesus (Jo 17,1-26) ou mesmo dos Apóstolos (At 4,23-31). Consequentemente, houve grande contribuição dos Padres da Igreja nos primeiros séculos, para que as orações bíblicas fossem sendo mais bem aprimoradas. Assim, a oração cristã começou a ganhar sua forma mais emblemática e sua força, especialmente em vista do relacionamento com Deus Pai. Neste sentido, a oração e sua eficácia têm o seu sentido maior, ao se pautar em um modelo de vida cristã, sabendo que o mestre por excelência é o próprio Jesus Cristo²⁶⁸.

Neste sentido, vale a pena fazer uma rica memória, a qual em alguns momentos, Jesus ensina os discípulos a rezarem. Destarte, talvez até mesmo de modo inesperado por Jesus, a cena acontece quando os próprios discípulos percebem a falta desta intimidade com Deus pela oração, e pedem ao Mestre que os ensinem a rezar: “*Senhor ensina-nos a orar, como João ensinou seus discípulos*”. A este pedido Jesus oferece um caminho de santificação e transformação interior a seus discípulos ensinando-os a oração do Pai Nosso (cf. Mt 6,9-13; Lc 11,2-4). Assim, partindo dos conceitos bíblicos, especialmente com o modelo de oração criado por Jesus Cristo, a primeira a se tornar fiel uma mística e oradora da Igreja nascente é Maria de Nazaré. Vemos ela rezando a Deus na

²⁶⁶ MELO, U. V. Quando orardes: a oração segundo Jesus Cristo. São Paulo: All Print Editora, 2011, p. 23.

²⁶⁷ DUFOUR, X. L. Vocabulário de teologia bíblica. Tradução: Frei Simão voigt. 12ª. edição. In *Paul Beauchamp*. Petrópolis: Editora Vozes, 2013, p. 698.

²⁶⁸ LAFRANCE, J. O poder da oração. Tradução: Maria Eugênia Sá de Bandeira. São Paulo: Editora: Secretariado Nacional do Apostolado da oração, 1992, p. 147.

anunciação (Lc 1,38), com Isabel (Lc 1,46-55) ou mesmo no cenáculo com as mulheres e os discípulos (At 1,12-14).

Dentro desta perspectiva, é bom entendermos que os fatos que marcaram a vida de Maria como modelo de oração (LG 65) foi sua incondicional entrega a Deus e relação com o seu Filho Jesus Cristo e nada além disso. Com efeito, não eram somente os discípulos que ouviam o Mestre e aprendiam dele como deveriam agir e viver para se obter uma vida equilibrada na perspectiva da oração, mas Maria como boa serva (Lc 1,38), estava sempre muito atenta às orientações do próprio Filho (cf. Mt 12,46; Lc 2,49; Jo 2,3-4 – 25-27). Desta forma, com base a sua exemplar atenção, é Maria que tem a sensibilidade de perceber a falta de vinho na Bodas de Caná, e desse modo coloca em prática sua solicitude e pedido de oração junto a seu Filho, quando diz: *“eles não têm mais vinho”* (Jo 2,3-5).

Assim sendo, Maria expressa todo o seu aprendizado, não somente rezando, mas colocando-se sempre a disposição de Deus e do mais necessitado, não somente em parte, mas com toda a sua vida. Evidentemente, o modelo de oração mariano autêntico, não se liquefaz e sim se torna perene. Isto é, oferecer o corpo como sacrifício vivo é o culto espiritual que agrada a Deus (Rm 12,1). Jesus o fez como primícias, Maria o fez como autêntica servidora de Deus Pai, e seguidora fiel de seu Filho Jesus. Por isso, Maria se tornou parte integrante e fonte inspiradora de inúmeras orações cristãs, como por exemplo a Salve Rainha.

1.4.2 A oração da Salve Rainha: gratidão de um devoto

A oração da Salve Rainha é uma dessas orações que constantemente se vê o cristão rezando, seja em comunidade, em família ou mesmo pessoalmente. As histórias são muitas a respeito do surgimento desta oração, que se tornou uma fonte de riquezas espirituais na vida do cristão. Segundo alguns manuais de oração, a que mais se aproxima de sua origem é aquela, a qual se diz que um monge alemão beneditino, de nome Herman Contrat, a formulou. Sua origem remonta ao século XI, onde contam-se, que após tantas dificuldades de enfermidades, este monge criou poeticamente a oração da Salve Rainha. Assim sendo, a oração foi composta em meio ao contexto de guerras e muitas

calamidades que assolavam a região da Europa²⁶⁹, e por isso fala-se de palavras que levam o cristão mesmo em meio a dores diversas, a uma vitória final. Eis a oração, na atualidade da Igreja Católica:

“Salve Rainha, Mãe de Misericórdia, vida doçura e esperança nossa, salve! A vós bradamos os degredados filhos de Eva; a vós supiramos, gemendo e chorando neste vale de lágrimas! Eia, pois, advogada nossa, a nós volvei esses vossos olhos misericordiosos, e depois deste desterro, mostrai-nos Jesus, bendito fruto do vosso ventre! Ó clemente, ó piedosa, ó doce sempre Virgem Maria”²⁷⁰.

Nesta perspectiva algumas ponderações de Santo Afonso Maria de Ligório²⁷¹, ganham certa relevância para o assunto em questão, já que, o Santo faz belíssimas reflexões em sua obra “As Glórias de Maria”, lembrando inicialmente a majestade conquistada por ela ao colaborar com a história da Salvação. Conseqüentemente, assinala que tal realeza, fez de Maria, Rainha. Isto posto, Maria ao ser elevada a dignidade de *Theotókos* desde o Concílio de Éfeso (17/07/431), fez dela um membro superior a todas as criaturas terrestres e celetes (cf. LG 69), e por isso sua realeza abrilhanta a tal ponto, que os filhos da Igreja a procuram insistentemente, ora por súplicas de intercessão, ora para agradecer e exaltar sua dignidade e beleza de Rainha, Mãe e intercessora.

Neste sentido Santo Afonso Maria de Ligório²⁷², conforme suas próprias palavras, e, aliás, com muita modéstia, agradece a Maria com uma oração criada por ele mesmo e inspirada toda no Espírito Santo, como forma de gratidão, coroando-a de maneira singela com a saudação e oração da Salve Rainha. Sugerindo, assim, que sua pequenez seja oferecida como reflexo e representatividade, juntamente com todos os demais pequeninos e mais necessitados do Senhor. Por isso frisa em suas considerações que Maria é Rainha de Misericórdia até mesmo para os mais miseráveis, ao enfatizar:

“Podemos, porventura, temer que Maria desdenhe empenhar-se pelo pecador, por vê-lo tão carregado de pecados? Ou acaso nos devem intimidar a majestade e a santidade desta grande Rainha? Não, diz o Papa São Gregório, porque quanto ela é mais excelsa e mais santa, tanto é mais doce e mais piedosa para com os pecadores, que se querem emendar e a ela recorrem”²⁷³.

²⁶⁹ ALMEIDA, J. C. A origem da Salve Rainha. Academia Marial. Basílica de Nossa Senhora Aparecida. Site: A12. <http://www.a12.com/academia/artigos/a-origem-da-salve-rainha>. Acesso: 06/01/2017, às 18h40.

²⁷⁰ BECKHAUSER, A. Liturgia das horas: segundo o rito romano. 18º. – 34º. Tempo comum. Editora: Paulinas, Vozes, Paulus, Ave-Maria, 1999, p. 565.

²⁷¹ LIGÓRIO, A. M. Glórias de Maria: com indicação de leituras e orações para dois anos marianos. Versão da 11ª. edição italiana, traduzida por padre Geraldo Pires Souza. 3ª. edição. Aparecida: Editora Santuário, 1989.

²⁷² LIGÓRIO, *ibidem*, p. 5.

²⁷³ LIGÓRIO, *ibidem*, p. 39.

A visão do Santo é magnífica, pois, ao relatar a majestade de Maria, coloca-a como seguidora no mesmo caminho do Rei, com características muito semelhantes ao reinado de Jesus, relativamente a sua misericórdia. Assim, aos que querem recomeçar a vida de forma digna e justa, ela se torna um caminho muito eficaz e uma intercessora importantíssima para a vida de todos os cristãos, dado que estes, são sinais já vistos desde os Evangelhos (Jo 2,3-5 – 19,25-27). Conforme Hans Urs Von Balthazar, quem quiser levar a sério os escritos dos Evangelhos, devem levar em consideração todo o mosaico que inteligentemente foi criado como peças em torno de Maria, o qual a converge para Cristo ou mesmo a sua Igreja²⁷⁴.

Na ótica de Von Balthazar a piedade mariana jamais pode perder o seu vínculo cristológico, ou eclesiológico. Deste ponto de vista, a cristologia ganha um caminho a mais de reflexão, ou seja, a mariologia se torna parte, não que essencial, mas devido a sua íntima relação com Cristo, torna-se quase que fundamental refletir sobre os aspectos cristológicos e eclesiológicos na vida de Maria. Com efeito, que todas as ponderações sobre Cristo e a Igreja no limiar do Concílio Vaticano II fez Maria ganhar o título de Mãe de Cristo e da Igreja (LG 52.53). Por essas motivações muito salutares, tanto na ótica dos santos como por parte da própria Igreja Católica, por isso talvez, que surjam os grandes afetos pelas devoções mariana, a tal ponto de adjetivar Maria no mais elevado grau possível.

Desse modo, Maria também é reconhecida, especialmente pelos mais pequeninos do Senhor, e as qualificações dirigidas a ela são incontáveis. Santo Afonso, considerando-se um dos pequeninos, em sua inspiradora oração, a adjetivou de “*vida, doçura e esperança, nossa*”, como se fosse uma espécie de caminho muito seguro para se reconquistar a vida. Pois diz o santo²⁷⁵ que para se ter vida no corpo, é preciso de uma alma e por consequência é necessário que a alma esteja sob a moção da graça divina. Em consequência disso, Maria quando é vista pelo aspecto de intercessora, ajuda-nos a obter a graça que mantém a alma sob a graça divina.

Partindo deste ponto de vista, os cristãos ao se dirigirem a Maria, rezando cada parte da Salve Rainha, se perdem em meio a tantos pedidos de intercessão e muitos outros agradecimentos. Assim, ao suplicarem pelos filhos de Eva que se perdem, logo, pedem

²⁷⁴RATZINGER, J; BALTHAZAR, H. U. V. Maria: primeira Igreja. Tradução: Maria Armanda de Saint Maurice. Gráfica de Coimbra 2017, p. 114.

²⁷⁵LIGÓRIO, ibidem, p. 74.

para ser nossa advogada junto a Deus Uno e Trino. Visto que ao elevar as preces a Maria em busca de sua poderosa intercessão, pedem com tanta insistência para ganharem o céu, que o resultado não poderia ser outro se não àquele inspirado na parte final da oração da Salve Rainha: “*e depois deste desterro, mostrai-nos Jesus, bendito fruto do vosso ventre*”. De fato, segundo Santo Afonso Maria de Ligório, é impossível que se perca um fiel devoto de Maria²⁷⁶.

1.4.3 História e pequeno olhar cristológico para a Salve Rainha

A história assinala inúmeros contos sobre a origem da oração da Salve Rainha, no entanto, a que mais se aproxima de sua origem, é aquela, a qual um monge alemão beneditino, cujo nome Contrat Herman, a formulou. Assim, quando criança, em razão de inúmeras dificuldades para poder criá-lo, seus pais o confiaram a um mosteiro beneditino. Entretanto, apesar de todas suas enfermidades e dificuldades corporais e psíquicas, cresceu se esforçando muito para receber a educação religiosa do mosteiro²⁷⁷. Diante disso, a história destaca que Contrat Hermam tornou-se monge aos vinte anos de idade, período histórico que remonta ao século XI, o qual ocorriam algumas situações de guerra em região européia²⁷⁸.

Dentro deste contexto, nasceu a oração da Salve Rainha, que brotou do coração e brilhou nos lábios de uma pessoa com grandes dificuldades pessoais em um ambiente totalmente tendencioso a guerras. A julgar por estas situações, há fortes insinuações que as várias palavras de consolação, que encontramos na Salve Rainha, seja em virtude das dificuldades pessoais e sociais em que se encontrava o monge beneditino. Mesmo assim, em sua dinâmica interna, a oração realça um conteúdo substancial de teologia e uma riqueza espiritual imensa em cada palavra rezada. Não por menos que a parte final nos indica ao pedido essencial da vida cristã, o qual sublinha: “*e depois deste desterro, mostrai-nos Jesus, bendito fruto do vosso ventre*”.

Nesta ótica, apesar de todas as palavras belíssimas dirigidas como pedido de proteção e consolação a Virgem Maria, a oração nos conduz a centralidade da vida cristã,

²⁷⁶LIGÓRIO, *ibidem*, p. 182.

²⁷⁷ALMEIDA, J. C. A origem da oração da Salve Rainha. Academia Marial. Santuário Nacional: Basílica de Nossa Senhora Aparecida. Site A12.com: <http://www.a12.com/academia/artigos/a-origem-da-salve-rainha>. Acesso: 15/01/2018, às 10h30.

²⁷⁸ALMEIDA, *ibidem*.

olhar para Jesus como última recompensa do cristão. Assim sendo, o monge ao elaborar a oração da Salve Rainha de forma muito inspiradora, não deixou de contemplar a essencialidade da vida cristã. Com efeito, como é narrado no evangelho de São João no contexto das Bodas de Caná (Jo 2,1-12), o qual, naquela ocasião, o próprio mestre sala salienta a formosura e o primor do vinho servido por último, assim, em sua parte final parece-nos que a oração da Salve Rainha, contempla a cristologia joanina com um toque de requinte pessoal doado pelo Espírito Santo, em que mais uma vez ressalta-se a bondade e solicitude da Mãe em ouvir os filhos e condizi-los ao melhor vinho: “*mostrai-nos Jesus*”.

Desta forma, igualmente ao iniciar a oração da Salve Rainha, nos é sugerido refletir como um caminho alternativo, dentro de um novo contexto bíblico, o qual se destaca a narrativa bíblica no cenário da anunciação. Pois, a saudação feita a Maria pelo mensageiro divino, ao dizer “*Ave cheia de graça o Senhor é contigo*” (Lc 1,28), similarmente nos permite aproximar em muito da saudação inicial quando rezamos a oração da Salve Rainha. Assim, ao iniciar de forma muito inspirada a oração, o monge beneditino diz “*Salve Rainha, Mãe de Misericórdia*”. Enfatizando em proporções análogas o reconhecimento da eleição de Maria, relativamente a sua missão como Mãe do Messias e da nova humanidade.

Desta maneira, na dinâmica interna da oração da Salve Rainha, constata-se uma grande semelhança tanto na saudação angelical a Maria pelo mensageiro divino, a qual deixa transparecer um grande teor de submissão²⁷⁹, como no cenário das Bodas de Caná, o qual, Maria é atenta e intercede como Mãe do Messias. Nesta mesma ótica, quando o monge Herman Contrat, inicia a oração da Salve Rainha, há um reconhecimento e submissão de sua parte dirigida a Nossa Senhora. Recordemos brevemente sobre alguns aspectos relativamente em tempos da era romana, na qual o imperador sempre era saudado por seus soldados e generais como “ave César”. Dando a entender que o reconheciam como “o maioral” e que estava em uma posição acima de qualquer outro próximo a ele.

Com efeito, as palavras do anjo na anunciação enfatizam a grandiosidade de Maria perante as demais criaturas da terra e do céu (LG 65). No entanto, para esta comparação o

²⁷⁹ AQUINO, T. Comentário a Ave-Maria: *In Salutationem Angelicam Exposito*. Apresentação: Dom Estevão Bettencourt, OSB. Tradução: Omayr José de Moraes Junior. São Paulo: Editora Eunete, 2006, p. 23-24.

monge pode ser considerado muito inferior ao anjo, porém com pouca diferença em relação ao tratamento submisso de sua parte ao iniciar a oração da Salve Rainha, pois com palavras similares, demonstra todo o seu apreço, confiança e respeito pela Mãe do Messias. Dessa maneira, poderíamos dizer que em termos de comparação há uma forte sugestão em que o monge reconheça antecipadamente, o que será proclamado como doutrina, a partir da visão conciliar no Vaticano II (LG 69), e o que São João Paulo II proclama ao refletir sobre a Mãe do Redentor, quando frisa em sua encíclica, que *“a Mãe de Cristo, efetivamente foi glorificada como Rainha do Universo”*²⁸⁰.

1.4.4 Pequeno olhar social para a Salve Rainha.

Clodovis Boff, ao escrever um compêndio sobre mariologia social²⁸¹, destaca e relaciona vários momentos da vida de Maria com os momentos contemporâneos de sua época, e ao mesmo tempo reflete em uma ótica com aplicabilidade em contextos atuais da história hodierna. Contudo o campo pesquisado por Clodovis Boff é demasiadamente vasto e muito denso, por isso aplicarei nesta temática, apenas algumas de suas reflexões, especialmente aquilo que mais nos importa, isto é, relacionar a oração da Salve Rainha com a *práxis cristã*. Desse modo, o objetivo principal é alargar um pouco mais a ótica espiritual da oração da Salve Rainha e emoldurá-la com reflexões que visam também, a partir de uma perspectiva social. Evidentemente sem danificar ou mudar a essência desta belíssima oração.

Dentro desta perspectiva, Clodovis Boff classifica como um potencial libertador, a piedade mariana de um modo geral²⁸². Nesta linha de raciocínio, podemos enxergar alguns aspectos da potência transformadora e libertadora, diante da formulação emblemática dos versos, os quais trazem a oração da Salve Rainha. Pois ao rezar a oração da Salve Rainha, o impulso libertador deve consumir o cristão a tal ponto em querer imitar as virtudes de Maria, como uma mulher que luta pela sobrevivência de si e do próximo. Assim sendo, após caracterizar a piedade popular em um perfil libertador, Clodovis Boff assinala de modo singular que a piedade mariana cresce em frente a

²⁸⁰ PAPA JOÃO PAULO II. A Mãe do Redentor. São Paulo: Editora Paulinas, 1987, p. 78.

²⁸¹ BOFF, C. Mariologia social: o significado da Virgem para a sociedade. São Paulo: Editora Paulus, 2006, p. 11-13.

²⁸² BOFF, *ibidem*, p. 549.

inúmeros desafios socioculturais e por esta razão Maria se torna uma espécie de símbolo de resistência aos antagonismos dos nossos tempos atuais²⁸³.

À vista disso, a Salve Rainha quando lida e rezada no contexto da piedade mariana, oferece um caminho árduo de novas conquistas ao dizer: “*a vós suspiramos gemendo e chorando neste vale de lágrimas!*”. Com efeito a frase sinaliza que, de fato, estamos em meio a grandes desafios sociais e culturais, os quais marcam de forma não tão agradável o contexto religioso e pluralista da história em que nos encontramos. Em razão disso, o cristão ao se identificar com as devoções marianas, deve observar com atenção o caminho percorrido por Maria. Destarte, não somente em uma perspectiva religiosa e contemplativa, ou alienante e fora da realidade vivida, mas também em uma visão realista inserida na sociedade. Pois o cristão não deve se eximir das lutas diárias no cotidiano, o qual, Maria estava sempre inserida. Haja vista, que por estes motivos se tornou um grande símbolo de libertação nos vários âmbitos da vida social.

Visto por este aspecto, conforme o irmão Afonso Murad, Maria ganha sua relevância em contextos sociais enquanto vista como um ser humano normal, e por isso não é difícil identificá-la com a solidariedade, sobretudo, a partir de sua atenção com o sofrimento de Cristo²⁸⁴. Segundo Afonso Murad, as manifestações marianas atingem uma prática impressionante em toda a sociedade, mas principalmente nas periferias e bairros, os quais ainda se vê em muito as ditas rezadeiras de terço (ou mesmo os rezadores, sabendo que a devoção mariana, relativo ao terço dos homens cresce a cada ano). Desse modo, a relação entre piedade mariana e visão social, mormente na prática do Rosário, a qual, normalmente reza-se ao final, a oração da Salve Rainha, indica caminhos sobrepostos um ao outro, ou seja, a espiritualidade e a vida encarnada na sociedade, devem estar sempre em consonância. Caso contrário, a oração não indicaria que estamos “*em um vale de lágrimas*”.

Visto por este prisma, ao sublinhar algumas propostas como potencial libertador, Clodovis Boff assinala que deve haver alguns cuidados, para que não aconteça a desvalorização e destruição da piedade mariana, como ocorreu no caso do chamado iconoclasmo²⁸⁵, relativo ao culto de imagens entre séculos VIII e IX²⁸⁶. Assim, em termos

²⁸³BOFF, ibidem, p. 574.

²⁸⁴MURAD, A. Quem é esta Mulher? Maria na Bíblia. São Paulo: Editra Paulinas, 1996, p. 16-17.

²⁸⁵ROPS, D. A Igreja dos tempos Bárbaros. Da academia francesa. Tradução: Emérico da Gama. São Paulo: Editora Quadrante, 1991, p. 359-365.

²⁸⁶BOFF, ibidem, p. 583.

pastorais, chama-nos a atenção a um árduo trabalho, não em vista de eliminação, mas de novas transformações. Em que podem-se acrescentar de modo efetivo, novos padrões com aspectos sociais, a fim de inculturar mais ainda, a piedade mariana a partir de linhas mestras do Evangelho.

1.5 Anexo: Carta do Papa Francisco referente ao ano jubilar dos 300 anos da aparição de Nossa Senhora Aparecida no rio Paraíba do Sul

No Brasil, no que concerne ao âmbito religioso cristão, o ano de 2.017 foi marcado especialmente com os 300 anos da aparição da imagem de Nossa Senhora da Conceição Aparecida, no rio Paraíba do Sul. À vista disso, houve inúmeros cortejos durante todo o ano, para saudar e agradecer a proteção de Nossa Senhora, praticamente em toda a extensão territorial brasileira. Assim, para esta ocasião tão solene dos 300 anos Jubilar de Nossa Senhora Aparecida, o Papa Francisco, deixou sua marca pontifical como bom devoto da Mãe de Deus, escrevendo ao povo brasileiro, uma carta muito motivadora e com muitas esperanças. Eis a missiva em sua íntegra:

“Queridos devotos de Nossa Senhora Aparecida, padroeira do Brasil! Minha saudação e minha bênção especial para todos vocês que estão vivendo em Cristo Jesus o Ano Mariano do Jubileu dos 300 anos do encontro da Imagem da Virgem Mãe Aparecida nas águas do Rio Paraíba do Sul. Em 2013, na ocasião de minha primeira viagem apostólica internacional, tive a alegria e a graça de estar no Santuário de Aparecida e rezar aos pés de Nossa Senhora, confiando-lhe o meu pontificado e lembrando o povo brasileiro com a acolhida tão calorosa, que vem do seu abraço e coração generoso. Naquela ocasião, inclusive, manifestei meu desejo de estar com vocês no ano jubilar; mas a vida de um Papa não é fácil. Por isso, quis nomear o Cardeal Giovanni Battista Re como Delegado Pontifício para as celebrações do dia 12 de outubro. Confiei a ele a missão de garantir assim a presença do Papa entre vocês!

Desta forma, ainda que não esteja fisicamente presente, entretanto quero, por meio da Rede Aparecida de Comunicação, manifestar meu carinho por este povo querido, devoto da Mãe de Jesus. O que deixo aqui são simples palavras, mas desejo que vocês as recebam como um fraterno abraço nesse momento de festa. Em Aparecida – e repito aqui as palavras que proferi em 2013 no altar do Santuário Nacional – aprendemos a conservar a esperança, a deixar-nos surpreender por Deus e a viver na alegria. Esperança, querido povo brasileiro, é a virtude que deve permear os corações dos que creem, sobretudo, quando ao nosso redor as situações de desespero parecem querer nos desanimar.

Assim, não se deixem vencer pelo desânimo. Confiem em Deus, confiem na intercessão de nossa Mãe Aparecida. No Santuário de Aparecida e em cada coração devoto de Maria podemos tocar a esperança que se concretiza na vivência da espiritualidade, na generosidade, na solidariedade, na perseverança, na fraternidade, na alegria que, a sua vez, são valores que encontram a sua raiz mais profunda na fé cristã. Neste sentido, em 1717, quando foi retirada das águas pelas mãos daqueles pescadores, a Virgem Mãe

Aparecida já os inspirou a confiar em Deus que sempre nos surpreende. Peixes em abundância, graça derramada de modo concreto na vida dos que estavam temerosos diante dos poderes estabelecidos. Deus os surpreendeu. Pois, aquele que nos criou com amor infinito, nos surpreende sempre! Deus nos surpreende sempre!

Nesse Jubileu festivo em que comemoramos os 300 anos, daquela surpresa de Deus, somos convidados a sermos alegres e agradecidos. “Alegrai-vos sempre no Senhor” (Fl4,4). E que essa alegria que irradia dos seus corações transborde e alcance cada canto do Brasil, especialmente as periferias geográficas, sociais e existenciais que tanto anseiam por uma gota de esperança. O singelo sorriso de Maria, que conseguimos vislumbrar em sua imagem, seja fonte do sorriso de cada um de vocês diante das dificuldades da vida. O cristão jamais pode ser pessimista! O cristão jamais pode ser pessimista!

Por fim, agradeço ao povo brasileiro pelas orações que diariamente me oferecem, especialmente durante as celebrações da Santa Missa. Rezem pelo Papa e tenham certeza de que o Papa sempre reza por vocês. Juntos, de perto ou de longe, formamos a Igreja, Povo de Deus. Cada vez que colaboramos, ainda que de maneira simples e discreta, com o anúncio do Evangelho, tornamo-nos, assim como Maria, um verdadeiro discípulo e missionário. E, o Brasil, hoje, necessita de homens e mulheres que, cheios de esperança e firmes na fé, deem testemunho de que o amor, manifestado na solidariedade e na partilha, é mais forte e luminoso que as trevas do egoísmo e da corrupção. Com saudades do Brasil, concedo-lhes a Bênção Apostólica, pedindo a Nossa Senhora Aparecida que interceda por todos nós! Assim seja”²⁸⁷.

Com efeito, o incentivo na prática devocional com perspectiva a piedade mariana é incontestável nas palavras carinhosas e cheias de esperança do Papa Francisco. Haja vista que suas lembranças e orações diante da Mãe de Deus, são de fato, caminhos exemplares, dignos de serem seguidos. Na prática, a devoção a Mãe de Deus que o Papa Francisco demonstra não é algo fantasioso, mas suas atitudes em relação a devoção mariana nos surpreendem, pois sublinha com grande clareza que recorre aos auspícios de Nossa Senhora constantemente. Talvez em razão disso, seu pontificado seja marcado por inúmeras ocasiões realmente frutuosas.

Assim sendo, surgem algumas reflexões, as quais nos permitem pensamentos muito proveitosos relativo a predileção do sumo pontífice em recorrer aos cuidados da Mãe de Deus. Desta forma, sendo ele Vigário de Cristo na terra (cf. Mt 16,19), e mesmo assim valendo-se do patrocínio amoroso da Mãe de Deus, será que não estaria sugerindo um caminho efetivo para cumprir a missão cristã com mais eficácia? Será que os cristãos não deveriam empenhar-se com esmerado esforço em caminhos propostos, a partir de atitudes exemplares como esta, do Sumo Pontífice?

²⁸⁷ PAPA FRANCISCO. Mensagem do Papa Francisco aos brasileiros pelos 300 anos de Aparecida. Site: Rádio Vaticano. A voz do Papa e da Igreja em diálogo com o mundo: redes sociais. http://br.radiovaticana.va/news/2017/10/12/mensagem_papa_francisco_300_anos_de_aparecida/1342422. Acesso em 16/01/2018, às 17h40.

Sem dúvida o lugar de Maria ocupado no estudo da cristologia e eclesiologia é único. Segundo padre Jean Marie Burocoa²⁸⁸, é daí que resulta todo o valor iconográfico de Maria para a Igreja, ou seja, a veneração por parte dos fiéis que são todas rendidas a Maria, tem uma origem muito significativa e profunda. Pois a origem da relação de Maria com a Igreja, a partir do momento da Cruz (Jo 19,25-27), não se trata somente de simbolismo imaginário como se fosse uma quimera, mas se trata de algo real, que aconteceu de fato. Jesus no-la deu e a sua Igreja! Desta forma, segundo Johannes Beutler, quando Jesus a entregou como Mãe do discípulo, o qual prefigura a comunidade nascente²⁸⁹, era justamente para isso, para acolher e obter um relacionamento sério e saudável com a Mãe de Deus, pois antes mesmo da Igreja ser inaugurada, como Templo de Deus ou um espaço situado geograficamente, Maria já era toda da Igreja por Cristo²⁹⁰.

Dentro deste panorama religioso, não é tão difícil compreender a grande devoção do povo brasileiro relativo aos cuidados da Mãe de Deus. A julgar pelo evento marcante da aparição de Nossa Senhora Aparecida no rio Paraíba do Sul, em 1.717²⁹¹, certamente, o povo da Terra de Santa Cruz, viu neste grande sinal sagrado um capricho e muita ternura, no qual Deus mais uma vez oferece sua Mãe aos seus filhos. Assim, como já ocorreu em outras ocasiões, como por exemplo em Guadalupe, em Fátima, na França, ou mesmo em outras localidades; desta vez, o privilégio foi concedido ao povo brasileiro. Desse modo, Nossa Senhora Aparecida, desde sua aparição no rio Paraíba do Sul, vem atraindo muitos devotos e fazendo-os discípulos de Jesus.

Neste sentido, os inúmeros sinais prodigiosos, inúmeras curas, inúmeros milagres²⁹², não cessam de acontecer dentro e fora deste santuário mariano, e quem sabe por estes motivos cada vez mais devotos peregrinam em busca de sentir e experimentar a proteção da Mãe de Deus, no Santuário Nacional da Basílica de Aparecida do Norte. Basta dar uma pequena volta na sala dos milagres²⁹³, na qual as testemunhas apresentam suas graças alcançadas de várias formas, com velas, roupas, fotografias, objetos de

²⁸⁸ BURUCOA, J. M. Espelhar-se em Maria. Série Virgem Maria. Tradução: Alexandre Alves de Almeida. São Paulo: Editora Ave-Maria, 2005, p. 39-40.

²⁸⁹ BEUTLER, J. Evangelho segundo João: comentário. Tradução: Joahan Konigs. São Paulo: Edições Loyola, 2015, p. 439.

²⁹⁰ BURUCOA, *ibidem*, p. 40.

²⁹¹ SILVA, J. E. O. Minha Mãe Aparecida. São Paulo: Editora Ecclesiae, 2017, p. 51.

²⁹² SILVA, *ibidem*, p. 103-111.

²⁹³ PASTRO, C. Guia da Basílica Nacional de Nossa Senhora Aparecida. Fotos: Fábio Colombini. Aparecida: Editora Santuário, 2013, p. 86.

variados tipos, que representam qualquer milagre concedido pela proteção e intercessão amorosa da Mãe de Deus.

Neste sentido, quando solicitada, a Mãe de Deus atua com grande eficácia e solicitude na vida de todos os fiéis, inclusive de todos os peregrinos por ocasiões específicas de visita ao santuário. Assim, a intercessão mariana reflete com os seus benefícios em todos os âmbitos da vida, seja na esfera familiar, profissional ou social. À vista disso, quando o peregrino faz a experiência magnífica dos cuidados da Mãe de Deus, fica difícil não agradecer e não fazer parte integrante de peregrinações constantes ao santuário, mesmo que estas sejam mais distantes umas das outras. Dessa maneira, quem sabe, não seja por motivos como estes, que o Papa Francisco, enviou uma carta de grande incentivo ao povo brasileiro para se tornarem cada vez mais devotos, relativamente a proteção da Mãe de Deus.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após ter realizado breve pesquisa sobre o assunto em referência, a meu ver o estudo com enfoque na área de mariologia jamais deve ser visto fora da perspectiva de colaboração, sobretudo tendo em vista e como referencial teórico a área disciplinar referente a cristologia. Pois caso isto ocorra, cria-se o grande risco de ofuscar a belíssima imagem que Deus criou sob a ótica de contribuição na vida de Maria. Desta forma, alguns cuidados podem ser observados para não tornar Maria objeto de divisão ou discórdia, fazendo obscurecer o aspecto reluzente de cooperadora em sua vida, especialmente no que diz respeito ao diálogo religioso. Por este dado, é importante diagnosticar e ao mesmo tempo refletir com máxima precisão o aspecto de aporte que a mariologia realça em seu estudo.

Por certo, que alguns estudiosos assinalaram que seria bom evitar excessivas devoções com ênfase a piedade popular mariana, com intuito de preservar de modo saudável a missão materna de Maria, Mãe de Deus, relativamente à missão do Messias²⁹⁴. Além disso, outro cuidado que pode ser muito bem contemplado, refere-se ao fato de não a eximir totalmente de seu importantíssimo papel como Mãe do Salvador e da nova humanidade²⁹⁵. Pois o estudo sobre mariologia, o qual ganhou o seu espaço com certa relevância na história cristã, foi a partir da missão de Maria, como Mãe do Salvador, especialmente no aspecto de sua colaboração e missionariedade.

Desse modo, a mariologia ganha toda a sua consistência ao enfatizar o nascimento de Cristo na vida de Maria e no seio da humanidade. Em vista disso, lucra mais um espaço de estudo dentro do cenário e do mistério profético no Protoevangelho (Gn 3,15), o qual Deus anunciou o nascimento do Messias do ventre de uma mulher. Por esta perspectiva, os estudos sobre mariologia com vertentes cristológicas, realça um aspecto da missionariedade na vida de Maria a ser levada em consideração, pois, ela é apenas servidora e colaboradora de Deus. Destarte que o livro do Gênesis indica uma nova mulher predestinada por Deus, a qual contribui de modo eficaz, sendo mãe do novo Adão, e que por consequência disso, se torna mãe da nova humanidade.

²⁹⁴ GONZALEZ, C. I. Maria evangelizada e evangelizadora. São Paulo: Edições Loyola, 1988, p. 396.

²⁹⁵ GONZALEZ, *ibidem*, p. 395.

Desta forma, a mariologia esta toda subordinada a cristologia e ganha toda sua solidez a medida que os estudos marianos ou mesmo sua devoção, aponta para o Cristo²⁹⁶. Com efeito, os ensinamentos sobre Maria se destacam e ganham maior sentido mediante o seu relacionamento com Jesus e nada além disso. Por este motivo é que Maria se tornou importante, na história do cristianismo. Consequentemente sua importância sinaliza para o fato de estar unida de forma inseparável ao seu filho Jesus Cristo, a partir de seu *fiat*. Assim, quando alguns estudiosos relacionam Maria e a insere no contexto da história da Salvação, faz dela uma mulher de proporções grandiosas, a tal ponto de ser comparada como a nova Eva, a qual é superada por Maria, especialmente na ordem da obediência e da graça.

²⁹⁶ IWASHITA, P. K. Maria e Iemanjá: análise de um sincretismo religioso. São Paulo: Edições Paulinas, 1991, p. 162.

CONCLUSÃO

As venerações a Nossa Senhora sempre trouxeram consigo verdadeiro mistério sobre tantas predileções na vida da Igreja e do Povo de Deus²⁹⁷, sobretudo por parte dos católicos mais assíduos e encantados com as devoções marianas, pois em muitas situações Maria sempre foi vista com certo heroísmo²⁹⁸. À vista disso, muitos estudiosos²⁹⁹ se empenharam em tentar descobrir qual o real sentido de tantos devotos se aproximarem da proteção da Mãe de Deus. Por isso, traçou-se um curso quase que natural, relativo ao crescimento as devoções marianas, pois a medida que alguns estudiosos colocavam em evidência a presença do Cristo na vida de Maria, mais fácil tornou-se sua compreensão. Entretanto, o grande apreço por parte dos fiéis católicos, referente a Mãe de Deus, no tocante as devoções marianas, ajudaram eficazmente o bom desenvolvimento da teologia mariana.

Desta forma, segundo alguns estudiosos, podemos concluir, que de fato, o que atrai o devoto à Maria não é exatamente as características da mulher Maria ou suas peculiaridades como uma judia, mas a atração principal que seduz o devoto mariano aos auspícios de Nossa Senhora, encontra sua origem primordial na presença de Cristo em sua vida, pois sem o Cristo na vida de Maria, ela seria apenas mais uma mulher como todas as demais de sua época. Visto por este ângulo, o elo que une Maria com seu Filho Jesus, ultrapassa um simples olhar biológico, relativo ao nascimento de uma criança. A julgar pela profecia do Protoevangelho (3,15), Maria se torna uma Mulher que perpassa toda a história bíblica, mesmo que em certas situações é vista analogicamente ou de forma prefigurada em comparação com outras mulheres neotestamentárias (cf. Catecismo da Igreja Católica, 489).

Ademais, as indicações do Protoevangelho abrem-nos perspectivas maravilhosas sobre a ação de Deus no mundo e sua misericórdia. Haja vista que o Senhor não deixou que a semente do maligno suplantasse os filhos de Adão. Assim sendo, ao constatar que o mau quisera corromper toda a criação, Deus de maneira amorosa se manifesta anunciando a restauração e a salvação de toda a espécie humana. Entretanto, em razão da esperteza da

²⁹⁷ ERLIN, L. Nove meses com Maria: novena da anunciação ao nascimento de Jesus. São Paulo: Editora Ave Maria, 2011, p. 13.

²⁹⁸ GROPELLI, V. Mari, a Igreja e o povo: breve curso de mariologia para os leigos. São Paulo: Editora Ave Maria, 2009, p. 105.

²⁹⁹ GROPELLI, *ibidem*, p. 35-45.

serpente desde o jardim do Éden, a criação ficou debilitada e com muita fragilidade, e por vezes se sujeitando aos maus caminhos. Dentro deste contexto, o Senhor nos chama a resistir ao mal (Tg 4,7) e permanecer seguindo no caminho do bom Pastor (Jo 14,6). Assim, a promessa do Messias em virtude do restauro de toda a criação, marcou a história cristã de forma muito positiva, sublinhando que mesmo quando o ser humano comete alguns erros, Deus nunca abandona suas criaturas.

Por este ponto de vista, Deus ao enviar o seu Filho Jesus como Salvador, o coloca no centro de toda a história humana, e por esse motivo, o cristianismo sempre professou um único mediador entre Deus e os homens (ITm 2,5). Com efeito, Jesus como novo Adão supera em tudo as demais criaturas, especialmente na virtude da obediência (Ef 2,5) ao Pai, a qual não se deixa levar pelas tentações do maligno (Lc 4,1-5). Desta forma, sabendo que Jesus é o epicentro de toda a história cristã, então se faz necessário compreender que as demais devoções cristãs emergentes em torno do cristianismo, estão todas submetidas ao invólucro de Jesus, o qual é fonte de toda benção para quaisquer que seja a piedade popular.

Por este prisma, toda e qualquer espécie de piedade popular deve receber a sua seiva que irmana da verdadeira videira, que é Jesus (Jo 15,1-7), inclusive a piedade popular mariana, a qual ganhou grandes proporções históricas, especialmente dentro da ótica de colaboração. Por este contexto, todos os méritos recebidos por Maria, influência drasticamente e de forma positiva no cenário da vida cristã, sobretudo tendo em vista as devoções populares marianas. Pois tais devoções crescem abundantemente dentro e fora da Igreja em todo o tempo. Assim, ao se tornar uma das maiores beneficiárias com sua própria colaboração na história da Salvação, Maria enriquece ainda mais o culto cristão, especialmente no aspecto e na ótica da contribuição, comprometimento e partilha.

BIBLIOGRAFIA PESQUISADA

ACUÑA, C. L. S. **Para compreender a mensagem de Maria de Guadalupe**. Tradução: Geroges L. Maissiat; revisão Iranildo B. Lopes. São Paulo: Editora Paulus, 1995.

AGOSTINHO, Santo Bispo de Hipona. **A Virgem Maria**: cem textos marianos com comentários. Coleção espiritualidade. Tradução: Nair de Assis de Oliveira. São Paulo: Paulus, 1996.

AGOSTINHO, S. **Confissões**. Tradução: Maria Luiza Jardim Amarant; revisão cotejada de acordo com o texto latino por Antônio da Silveira Mendonça. São Paulo: Editora Paulus, 1984.

AQUINO, T. **Suma Teológica**: deve-se adorar a Mãe de Deus com adoração de *latría*? Volume VIII, q. 25, a. 5. São Paulo: Edições Paulinas, 2005.

AQUINO, T. **Comentário a Ave-Maria**: *In Salutationem Angelicam Exposito*. Apresentação: Dom Estevão Bettencourt, OSB. Tradução: Omayr José de Moraes Junior. São Paulo: Editora Eunate, 2006.

BAUMAN, Z. **Amor Líquido**: sobre a fragilidade dos laços humanos. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2004.

BEUTLER, J. **Evangelho segundo João**: comentário. Tradução: Joahan Konigs. São Paulo: Edições Loyola, 2015.

BÍBLIA DE JERUSALÉM. **Direção editorial**: Paulo Bazaglia; coordenação editorial: José Bortolni. São Paulo: Paulus, 2002.

BIGOTTO, G.M. **Maria: a Mãe de Jesus**. São Paulo: Editora Paulinas, 2013.

BOFF, C. **Mariologia social: o significado da Virgem para a sociedade**. São Paulo: Editora Paulus, 2006.

BRENDAN, L. **O princípio mariano na Igreja**. Tradução José Maria de Almeida. Vargem Grande Paulista/SP: Editora Cidade Nova, 2005.

BROWN, R. E. **O nascimento do Messias: comentário das narrativas da infância nos evangelhos de Mateus e Lucas.** Tradução: Bárbara Theoto Lambert. São Paulo: Edições Paulinas, 2005.

BURUCOA, J. M. **Espelhar-se em Maria.** Série Virgem Maria. Tradução: Alexandre Alves de Almeida. São Paulo: Editora Ave-Maria, 2005.

CANTALAMESSA, R. **Maria: um espelho para a Igreja.** 7ª. edição. Aparecida / SP: Editora Santuário, 1992.

CARREIRA, J. J. **Trevas ou luz: os pecados capitais e os dons do Espírito Santo.** São Paulo: Editora Associação brasileira ajuda a Igreja que sofre, 2011.

CERFAUX, L. **Cristo na teologia de Paulo.** Tradução: Monjas Beneditinas da Abadia de Santa Maria – Santo André São Paulo. Editora: São Paulo: Academia Cristã; Paulus, 2015.

CERFAUX, L. **O cristão: na teologia de Paulo.** Tradução: José Raimundo Vidigal. São Paulo: Editora Paulus, 2015.

COYLE, K. **Maria na Tradição cristã: a partir de uma perspectiva contemporânea.** Tradução: Bárbara Theoto Lambert. São Paulo: Paulus, 1999.

ERLIN, L. **Nove meses com Maria:** novena da anunciação ao nascimento de Jesus. São Paulo: Editora Ave Maria, 2011.

FERRARO, B. **Cristologia.** 3ª. edição. Petrópolis / RJ: Editora Vozes, 2004.

FIORINZA, E. S. **As origens cristãs a partir da mulher: uma nova hermenêutica.** Tradução João Rezende Costa. São Paulo: Edições Paulinas, 1992.

FIORES, S; MEO, S. **Dicionário de Mariologia.** Tradutores: Alvaro A. Cunha, Honório dalbosco, Isabel F. L. Ferreira. *In: Danilo Sartor. Verbete: Mãe de Deus.* São Paulo: Editora Paulus, 1995.

FIRTEL, Hilde. **Um Pioneiro do apostolado laical.** Tradução de Francisco Lopes, C. S. Sp. Cia Brasileira de Artes Gráficas, Rio de Janeiro.

FORTE, Bruno. **A Teologia como companhia, memória e profecia**. Introdução ao sentido e método da teologia como história. Tradução João Rezende Costa; revisão Honório Dalbosco. São Paulo: Edições Paulinas, 1991.

GONZALEZ, C. I. **Maria Evangelizada e Evangelizadora**. Tradução: José A. Ceschin. São Paulo: Edições Loyola, 1988.

GROPELLI, V. **Maria, a Igreja e o povo: breve curso de mariologia para leigos**. São Paulo: Editora Ave Maria, 2009.

GRÜN, A. **O céu começa em você: a sabedoria dos padres do deserto para hoje**. 13ª edição. Tradução: Renato Kirchner. Petrópolis / RJ: Editora Vozes, 2005.

GUARDINI, R. **Liberdade, graça e destino**. Editorial AsterLda, Lisboa.

IWASHITA, P. K. **Maria e Iemanjá: análise de um sincretismo religioso**. São Paulo: Edições Paulinas, 1991.

JEREMIAS, J. **Jerusalém no tempo de Jesus: pesquisas de história econômico-social no período neotestamentário**. São Paulo: Editora Paulus.

JESUS, F. M. E. M. **Virgem Maria: Mãe em plenitude**. São Paulo: Paulus, 2010.

JÜRGEN, M. **O espírito da vida: uma pneumatologia integral**. Tradução: Carlos Almeida Pereira. 2ª edição. Petrópolis / RJ: Editora Vozes, 2010.

KRIEGER, M. **Maria na piedade popular**. Coleção Mãe de Deus: 1ª edição 2016. Organizadores: Dom Leonardo Ulrich Steiner, OFM; Dom Murilo S.R. Krieger. São Paulo: Edições CNBB, 2016.

LA FRANCE, J. **O poder da oração**. Tradução do original: Maria Eugénia Sá da Bandeira. Braga – Portugal: Editorial A.O. Braga, 1992.

LAGRANGE, R. G. **A Mãe do Salvador e nossa vida interior**. Tradução: José Eduardo Câmara de Barros Carneiro. Revisão: Lucas Caroso. 1ª edição. São Paulo: Editora: Ecclesiae. 2017.

LIÃO, I. **Patristica: contra as heresias**. Tradução: Lourenço Costa. São Paulo: Editora Paulus, 1995.

LIGÓRIO, A. M. **Glórias de Maria**: com indicação de leituras e orações para dois meses marianos. Versão da 11ª. Edição italiana: Padre Geraldo Pires de Souza. 3ª. Edição. Aparecida: Editora Santuário, 1989.

LEAHY, Brendan. **O princípio mariano na Igreja**. Tradução de José Maria de Almeida. Vargem Grande Paulista: Editora Cidade Nova, 2005.

LEGRAND, L. **A virgindade na Bíblia**. Tradução: Abadia de Nossas Senhora das Graças. São Paulo: Edições Paulinas, 1975.

LYON, Irineu. **Patristica: demonstração da pregação apostólica**. São Paulo: Paulus, 2014.

LARRAÑAGA, I. **O silêncio de Maria**. Tradução: José Carlos Corrêa Pedroso: 39ª. edição. Coleção em busca de Deus. São Paulo: Paulinas, 2012.

LONGO, B. **O Rosário de Nossa Senhora**: meditações para cada mistério. Tradução: Henrique Elfes. São Paulo: Editora Quadrante, 2003.

LUIZ, M. G.M. **Tratado da verdadeira devoção à Santíssima Virgem**. Editora Vozes, Petrópolis 40ª. ed., 2010.

MELLO, A. A. **Ela é minha mãe: encontros do Papa Francisco com Maria**. 3ª. edição. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

MESSORI, Vittorio. **Hipóteses sobre Maria: fatos indícios, enigmas**. Tradução UbenaiFleuri. Aparecida: Editora Santuário, 2008.

MICHEL. Jean-Claude. **A Imaculada Conceição: promessa e pureza**. Série Virgem Maria. São Paulo Editora Ave Maria, 2005.

ALBUQUERQUE, O. P. **Aos Sacerdotes, filhos prediletos de Nossa Senhora**. Movimento Sacerdotal Mariano. Edições Loyola 24ª ed., 2007.

MELO, U. V. **Quando orardes: a oração segundo Jesus Cristo**. São Paulo: All Print Editora, 2011.

MESTERS, C. **Maria a Mãe de Jesus**. Petrópolis: Editora vozes, 1977.

MONTFORT, L. M. G. **Tratado da verdadeira devoção à Santíssima Virgem**.^{40ª} Edição. Petrópolis / RJ: Editora Vozes, 2010.

MÜLLER, G. L.; GUSTAVO G. **Ao lado dos pobres: teologia da libertação**. São Paulo: Editora Paulinas, 2014, p. 43.

MURAD, A. **Quem é esta Mulher: Maria na Bíblia**. São Paulo: Paulinas, 1996.

_____. **Maria, toda de Deus e tão humana: compêndio de mariologia**. Coleção peregrina nafé. São Paulo: Editora Paulinas; Santuário, 2012.

NAVARRO, L. **Legítima interpretação da Bíblia**. São Paulo: Editora Saraiva S.A.

PADRES APOSTÓLICOS. *Patrística*. Tradução: Ivo Storniolo, Euclides M. Balancim. São Paulo: Editora Paulus, 1995.

PAGOLA, J. A. **O caminho aberto por Jesus**. Tradução: Gentil Avelino Titton. Petrópolis: Editora Vozes, 2012.

PAPA BENTO XVI. **Os Apóstolos: uma introdução às origens da fé cristã**. Tradução: Euclides Luiz Calloni, Cleusa Margô Wosgrau. São Paulo: Editora Pensamento, 2008.

PAPA FRANCISCO. **A Igreja da Misericórdia: minha visão sobre a Igreja**. Organização: Giuliani Vigni; tradução do prefácio: Cristina Mariani. São Paulo: Edições Paralela, 2014.

PAREDES, J. C. R. G. **Mariologia: síntese bíblica, histórica e sistemática**. Tradução de José Joaquim Sobral. São Paulo: Editora: Ave Maria.

PASSOS, J. D.; SANCHEZ, W. L. **Dicionário do Concílio Vaticano II**. In: *Afonso Murad*. Verbete: Maria. São Paulo: Editora Paulus, 2015.

PASSOS, J. D.; SANCHEZ, W. L. **Dicionário do Concílio Vaticano II**. In *Afonso M. Ligório Soares*. São Paulo: Editora Paulus 2015.

PASTRO, C. **Guia da Basílica Nacional de Nossa Senhora Aparecida**. Fotos: Fabio Colombini. Aparecida SP: Editora Santuário, 2013.

PATSCH, J. **A Mãe do Senhor**. São Paulo: Pia Sociedade de São Paulo, 1959.

RAMOS, L. **Morte e assunção de Maria: transito de Maria, livro do descanso**. Coleção Bíblia apócrifa. Editora Vozes, 1998.

RATZINGER, J. **Jesus de Nazaré: da entrada em Jerusalém até a Ressurreição**. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2011.

_____. Joseph. **Fé, Verdade, Tolerância: o Cristianismo e as grandes religiões do mundo**. Tradução SivarHoeppner Ferreira. São Paulo: Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência “Raimundo Lúlio”, 2007.

RATZINGER, J.; BALTHAZAR, H. U. V. **Maria, primeira Igreja**. Tradução: Maria Armanada de Saint Maurice. Editora: Gráfica de Coimbra 2, 2015.

ROPS, D. **A Igreja dos tempos Bárbaros**. Da academia francesa. Tradução: Emérico da Gama. São Paulo: Editora Quadrante, 1991.

SAMPEL, E. L. **Principais documentos dos papas sobre Nossa Senhora do beato Pio IX ao Papa Francisco**. São Paulo: Editora Fons Sapientiae, 2017.

SESBOUE, B.; WOLINSKI, J. **O Deus da Salvação: século I-VIII**. São Paulo: Editora Loyola, 2002.

SHELDRAKE, F. **Espiritualidade e teologia: vida cristã e fé trinitária**. Tradução de Ricardo Gouveia. São Paulo: Paulinas, 2005.

SUÁREZ, F. **A Virgem Nossa Senhora**. Tradução de Maria Pacheco. São Paulo: Quadrante, 2003.

SILVA, J. E. O. **Minha Mãe Aparecida**. 1ª. Edição. São Paulo: Editora Ecclesiae, 2017.

TAVARD, G. H. **As múltiplas faces da Virgem Maria**. Tradução: Attilio Brunetta. São Paulo: Editora Paulus, 1999.

TOMAS DE AQUINO, Santo. **Comentário a Ave Maria**. Apresentação: Dom Estevão Bittencourt, OSB. Tradução e notas Omayr José de Moraes. São Paulo: Editora Eunatê, 2006.

UNIÃO MARISTA DO BRASIL. **Maria no coração da Igreja: múltiplos olhares sobre a mariologia**. In: *Perfil de Maria numa sociedade plural*. Afonso Murad. São Paulo: Editora Paulinas, 2011.

VELASCO, M. A. **Madre Teresa de Calcutá**. São Paulo: Editora Quadrante, 1996.

VILHENA, M. A. **A religiosidade popular à luz do Concílio Vaticano II**. Coleção marco conciliar. São Paulo: Paulus, 2015.

DOCUMENTOS DO MAGISTÉRIO ECLESIASTICO

BECKHAUSER, A. **Liturgia das horas: segundo o rito romano**. 18°. – 34°. Tempo comum. Editora: Paulinas, Vozes, Paulus, Ave-Maria, 1999.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. **Parágrafo II: Nascido da Virgem Maria**. Edição revisada de acordo com o texto oficial em latim. São Paulo: Editora Paulus, 1992.

COMISSÃO INTERNACIONAL ANGLICANA-CATÓLICO ROMANA. **Maria: graça e esperança em Cristo**. Tradução: Débora Balancin. São Paulo: Editora Paulinas, 2005.

COMPÊNDIO DO VATICANO II. **Constituições e Decretos. Introdução e índice analítico**: Frei Boaventura Kloppenburg O.F.M; Coordenação geral: Frei Frederico Vier O.F.M. Constituição dogmática *Lumen Gentium*, sobre a Igreja. Petrópolis: Editora Vozes, 2000.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Missal Romano**. Restaurado por decreto do Sagrado Concílio Ecumênico Vaticano II e promulgado por Papa Paulo VI. Tradução: CNBB. São Paulo: Paulus, 2011.

_____. **Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil**. Documentos da CNBB: 102. Edições CNBB, 2015.

_____. **Cristãos leigos e leigas na Igreja e na sociedade: sal da terra e luz do mundo (Mt 5,13-14)**. Documento 105. São Paulo Edições CNBB, 2017.

_____. **Indulgências: orientações litúrgico-pastorais.** 4ª. edição. Brasília: Editora Paulus, 1.999.

CONSELHO EPISCOPAL LATINO AMERICANO. **Documentos do CELAM: conclusões das Conferências do Rio de Janeiro, Medellín, Puebla e Santo Domingo.** Direção editorial: Paulo Bazaglia. São Paulo: Editora Paulus, 2004.

DEI VERBUM. **Constituição dogmática sobre a Revelação Divina.** São Paulo: Editora Paulinas, 2004.

DENZINGER – HÜNERMANN. **Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral.** Henrich Denzinger: atualizada por Johan Konings, com base na 43ª edição alemã (2010), preparado por Peter Hünermann e Helmut Hping, 2ª. edição revisada e ampliada. São Paulo: Paulinas; edições Loyola, 2013.

DOCUMENTO DE APARECIDA. **Texto conclusivo da V Conferência Geral do episcopado Latino Americano e do Caribe.** São Paulo: Paulus, 2007.

JOÃO PAULO II, Santo. **Carta Apostólica Rosarium Virginis Mariae: sobre o Rosário.** São Paulo: Editora Paulinas, 2001.

PAPA BENTO XVI. **Exortação Apostólica Pós-Sinodal Sacramentum Caritatis: sobre a Eucaristia, fonte e ápice da vida e da missão da Igreja.** São Paulo: Editora Paulinas, 2007.

_____. **Carta encíclica Deus Caritas Est (Deus é amor).** Documentos do Magistério. São Paulo: Editora Paulus, 2005.

PAPA FRANCISCO. **Evangelii Gaudium: exortação Apostólica sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual.** São Paulo: Editora Paulus, 2013.

PAPA JOÃO PAULO II. **Carta Encíclica Redemptoris Mater: A Bem-Aventurada Virgem Maria na vida da Igreja que está a caminho.** 5ª. Edição. São Paulo: Edições Paulinas, 1987.

_____. Santo. **Rosarium Virginis Mariae: ao episcopado, ao clero e aos fiéis sobre o Rosário.** Coleção Theotókos. Organização: Dom Leonardo Ulrich e Dom Murilo S. R. Krieger. São Paulo: Edições CNBB

PAPA PAULO VI. **Exortação apostólica: sobre a evangelização no mundo contemporâneo**. São Paulo: Editora Paulus, 1999.

_____. **Marialis Cultus: para a reta e ordenação e desenvolvimento do culto à bem-aventurada Virgem Maria**. Coleção: Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. Organizador: Dom Leonardo Steiner, OFM; Dom Murilo S. R. Krieger, SCJ. Coleção Theotókos, volume 2. Brasília: Edições CNBB, 2016.

PAPA PIO IX. **Ineffabilis Deus: Dogma da Imaculada Conceição da bem-aventurada Virgem Maria**. Coleção Theotókos. Volume 6. Brasília / DF: Edições CNBB, 2016.

PAPA PIO XII. **Bula Munificentissimus Deus: Definição do Dogma da Assunção de Nossa Senhora em corpo e alma ao céu**. São Paulo: Editora Paulus, 2015.

_____. **Carta Encíclica Fulgens Corona: indicação do ano mariano**. Coleção *Theotókos*. Brasília: Edições CNBB, 2016.

SEMANA SANTA. **Comentários da Semana Santa: anos A, B, C**. Elaboração Dom Marcelo Barros, OSB. 3ª. edição. São Paulo: Editora Paulus, 1989.

DICIONÁRIOS PESQUISADOS

DICIONÁRIO DE MARIOLOGIA. Direção: Stefano de Fiores e Salvatore Meo. Tradução: Alvaro A. Cunha, Honório Dalbosco, Isabel F. L. Ferreira. *In Tullo Goffi: verbete Espiritualidade*. São Paulo: Editora Paulus, 1995.

_____. Direção: Stefano de Fiores e Salvatore Meo. Tradução: Alvaro A. Cunha, Honório Dalbosco, Isabel F. L. Ferreira. *In: Ennio Domenico Staid: verbete Rosário*. São Paulo: Editora Paulus, 1995.

_____. Direção: Stefano de Fiores e Salvatore Meo. Tradução: Alvaro A. Cunha, Honório Dalbosco, Isabel F. L. Ferreira. *In: Enzo Lodi: verbete Oração Mariana*. São Paulo: Editora Paulus, 1995.

DUFOUR, X. L. **Vocabulário de Teologia Bíblica**. *In Paul Beauchamp*. Verbetes: Oração. Tradução de Fr. Simão Voigt. 12ª. edição. Petrópolis/RJ: Editora Vozes, 2013.

LACOSTE, J.Y. **Dicionário crítico de Teologia**. In *Andrew Louth*. Verbete: Oração. São Paulo: Edições Paulinas e Loyola, 2004.

_____. **Dicionário Crítico de Teologia**. In *Gilles Langevin*. Tradução: Paulo Menezes. Verbete Éfeso. São Paulo: Editoras Loyola e Paulinas, 2004.

PETER, E. **Dicionário de Conceitos Fundamentais de Teologia**. In *Peter Knauer*. Tradução: João Rezende Costal. São Paulo Editora Paulus, 1993.

ARTIGOS DE REVISTAS PESQUISADOS

SANTOS, V. C. ***Sentire cum ecclesia no Brasil***. Artigo publicado em: Revista de Cultura Teológica, ano XXIII, n. 85, Jan/Jun 2015.

SITES PESQUISADOS

ACIDIGITAL. Artigo: Papa incentiva a defender a vida desde a sua concepção até a velhice. Site: <http://www.acidigital.com/noticias/papa-francisco-incentiva-a-defender-a-vida-desde-a-concepcao-ate-o-fim-76998/>. Acesso 01/05/2017, às 10h50.

ACIDIGITAL. Artigo: Argentina celebra hoje Nossa Senhora Desatadora dos Nós, devoção preferida do Papa Francisco. Site ACIdigital.com.<http://www.acidigital.com/noticias/argentina-celebra-hoje-nossa-senhora-desatadora-dos-nos-devocao-preferida-do-papa-francisco-90848/>. Acesso em 08/09/16, as 16h50.

ACIDIGITAL. Palavras de João Paulo II sobre a Oração do Rosário. In: Site visitado: <http://www.acidigital.com/rosario/papa.htm>. Acesso em 19/10/2017, às 22h12.

ALMEIDA, J. C. A origem da Salve Rainha. Academia Marial. Basílica de Nossa Senhora Aparecida. Site: A12. <http://www.a12.com/academia/artigos/a-origem-da-salve-rainha>. Acesso: 06/01/2017, às 18h40.

POPE, Hugh. Artigo: Estudo sobre o Livro de Judite. The Catholic Encyclopedia. Vol. 8. New York: Robert Appleton Company, 1910. Disponível em: <<http://apologistascaticos.com.br/index.php/apologetica/deuterocanonicos/721-estudo-sobre-o-livro-de-judite>> 29/08/2014. Traduzido por: Rafael Rodrigues. Acesso em 14 de junho de 2017.

PORTAL A12. Artigo: Consagrando inteiramente a Virgem Maria. Site Portal A12. <http://www.a12.com/formacao/detalhes/joao-paulo-ii-consagrado-inteiramente-a-virgem-maria>. Acesso em 08/09/16; 16h40.

DICIONÁRIO PORTUGUÊS. Pronúncia de Compêndio. Site: Dicionário de Português *on line*. <http://dicionarioportugues.org/pt/compendio>. Acesso: 24/10/2017, às 15h55.

PAPA BENTO XVI. Audiência geral. Catequese: As tentações de Jesus e a conversão para o Reino dos céus. Site Vatican.va http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2013/documents/hf_ben-xvi_aud_20130213.html. Acesso em 27/12/2017, às 15h45.

PAPA FRANCISCO. A opção preferencial pelos pobres e excluídos no documento da CELAM: resultados finais do documento de Aparecida. br.radiovaticana.va/News/2015/03/12a_opção_preferencial_pelos_pobres_no_documento_de_aparecida/1128894. Acesso 31/12/2017, às 14h40.

_____ Mensagem do Papa Francisco aos brasileiros pelos 300 anos de Aparecida. Site: Rádio Vaticano. A voz do Papa e da Igreja em diálogo com o mundo: redes sociais. http://br.radiovaticana.va/news/2017/10/12/mensagem_papa_francisco_300_anos_de_aparecida/1342422. Acesso em 16/01/2018, às 17h40.

ROCHA, S. dom. Rádio Vaticano: A voz do Papa e da Igreja em diálogo com o mundo. O ano nacional mariano é para celebrar Nossa Senhora da Conceição Aparecida. Mensagem à Igreja Católica do Brasil. Site pesquisado: http://br.radiovaticana.va/news/2016/09/23/dom_s%C3%A9rgio_%E2%80%9Cano_mariano_%C3%A9_para_celebrar,_comemorar/1260212. Acesso em 27/11/2017, às 13h40.

VATICAN.VA. Artigo: Angêlus. Praça de São Pedro. Vaticano: 2013. Site: Vatican.Va La Santa Se. Link: https://translate.google.com.br/translate?hl=pt-BR&sl=es&u=https://w2.vatican.va/content/francesco/es/angelus/2013/documents/papa-francesco_angelus_20131006.html&prev=search. Acesso em 14/05/2017, às 16h30.

ZENIT, o mundo visto de Roma. Artigo: A comunhão dos santos. Site: Zenit. <https://pt.zenit.org/articles/texto-da-catequese-do-papa-francisco-sobre-a-comunhao-dos-santos/>. Acesso: 05/abril/2017, às 09h59.